

VIVIANE CARLA DE SOUZA PIRES MUNIZ

**A EDUCAÇÃO SUPERIOR EM AGRICULTURA NO BRASIL COMO
TERRENO FÉRTIL PARA OS ESTADOS UNIDOS: A FUNDAÇÃO FORD NA
UREMG/UFV (1964-1976)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA-MG
MINAS GERAIS - BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

M966e
2017
Muniz, Viviane Carla de Souza Pires, 1974-
A educação superior em agricultura no Brasil como terreno fértil para os Estados Unidos : a Fundação Ford na UREMG/UFV (1964-1976) / Viviane Carla de Souza Pires Muniz. – Viçosa, MG, 2017.
xiii, 107f. : il. ; 29 cm.

Orientador: Rita de Cássia de Souza.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Inclui bibliografia.

1. Agricultura - Estudo e ensino - Universidade Federal de Viçosa. 2. Ensino superior. 3. Guerra Fria. 4. Ford Foundation.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. II. Título.


CDD 22 ed. 630.7

VIVIANE CARLA DE SOUZA PIRES MUNIZ

**A EDUCAÇÃO SUPERIOR EM AGRICULTURA NO BRASIL COMO
TERRENO FÉRTIL PARA OS ESTADOS UNIDOS: A FUNDAÇÃO FORD NA
UREMG/UFV (1964-1976)**

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das exigências
do Programa de Pós-Graduação em Educação,
para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 24 de abril de 2017.



Fernanda Mendes Resende



Anderson da Cunha Baía



Denilson Santos de Azevedo



Rita de Cássia de Souza
(Orientadora)

Aos meus filhos, Vinicius e Yasmin, que eu possa ser exemplo de luta e perseverança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a nossa Senhora das Graças, sem eles em minha vida essa conquista não seria possível.

A meus filhos Vinícius e Yasmin, vocês são o motivo pela minha luta, ao meu marido Alexandre pelo companheirismo e paciência, aos meus irmãos Cassiane e Fabiano pela torcida constante e a minha mãe pelas orações. Sem a família que eu tenho nada seria possível, amo vocês!

A minha orientadora Rita Souza, obrigada pelo companheirismo, dedicação e troca de conhecimentos, foi maravilhoso passar os últimos dois anos ao seu lado, aprendi muito com você e só tenho a agradecer pela oportunidade.

Ao professor Denilson Azevedo, você foi o motivo da minha inspiração para pesquisar a história dessa instituição, a Universidade Federal de Viçosa (UFV), o que te faz coautor dessa conquista. Obrigada pelas inúmeras contribuições e pela atenção de sempre.

Agradeço também ao professor Anderson Baía por todas as contribuições, sua leitura atenta e dedicada em muito auxiliou na construção desse trabalho. E a professora Fernanda Mendes Resende, por aceitar fazer parte desse momento singular em minha trajetória acadêmica.

Um agradecimento especial a minha amiga/irmã Talitha Cabral, pelo incentivo e companheirismo, você foi sem dúvida minha maior motivadora, sem o seu apoio essa realização não seria possível.

A todos os companheiros do Mestrado em Educação (2015), o meu muito obrigado, vocês foram essenciais nessa caminhada, estar ao lado de vocês fez com que os dias se tornassem mais alegres.

Aos funcionários do departamento de Educação, obrigada a todos, vocês fazem parte dessa vitória.

Agradeço principalmente a minha avó Edith a quem devo tudo e hoje não está mais entre nós. Mas, tenho certeza de que onde ela estiver está muito feliz por mais essa conquista. Por tudo que a senhora fez por mim vó, esse título também é para a senhora!

A Todos, muito obrigada!

*É que tem mais chã nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas.
Mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros.
Mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.*

Cora Coralina

LISTA DAS ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACAR- Associação de Crédito e Assistência Rural.
- ACH/UFV- Arquivo Central e Histórico da UFV.
- AIA- American International Association for Economic and Social Development.
- BID- Banco Interamericano de Desenvolvimento.
- BM - Banco Mundial.
- CEPET – Centro de Pesquisa em Extensão no Triângulo Mineiro.
- Central de Experimentação e Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET)
- CIA- Central Intelligence Agency.
- CONTAP - Conselho técnico da Aliança para o Progresso
- ESA – Escola Superior de Agricultura.
- Esalq- Escola de Agricultura Luiz de Queiroz.
- ESAV- Escola Superior de Agricultura e Veterinária.
- ESCD – Escola Superior de Ciências Domésticas.
- EUA - Estados Unidos da América.
- FMI - Fundo Monetário Internacional
- ONU - Organização das Nações Unidas
- OEA - Organização dos Estados Americanos
- ONGs - Organizações não governamentais (ONGs)
- UREMG - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.
- USAID - United States Agency for International Development
- UFC - Universidade Federal do Ceará
- UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UFV- Universidade Federal de Viçosa
- URSS- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

LISTAS DAS FIGURAS E TABELAS

Artigo 2. A salvação da lavoura: o estabelecimento de convênios internacionais como condição de sobrevivência da UREMG.

FIGURAS:

Figura 1: Rolfs com o seu sucessor Bello Lisbôa (de branco).....	40
Figura 2: Aula prática na Semana do Fazendeiro de 1952.....	42
Figura 3: Diretor John B. Griffing e professores (década 30).....	44
Figura 4: Programa de Intercâmbio com a Universidade Purdue. Na foto, ao centro, reitores Lourenço Menicucci, da UREMG, e Earl Butz da Universidade de Purdue.....	47
Figura 5: Construção de dormitórios destinada aos funcionários e aos alunos da pós-graduação.....	53
Figura 6: Laboratório de mecânica agrícola (1963).....	54
Figura 7: Biblioteca Central da UFV (Década de 1960).....	56
Figura 8: Central de Experimentação e Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET).....	57
Figura 9: Vista parcial da Escola (1941).....	63
Figura 10: Vista parcial da então UREMG (década de 1960).....	63

TABELAS:

Tabela 1 – Convênios entre a UREMG e as entidades estadunidenses.....	57
---	----

ARTIGO 3. A atuação da Fundação Ford na Universidade Federal de Viçosa (UFV) (1964-1976).

FIGURAS:

Figura 1: Central de Experimentação e Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET).....	98
Figura 2: Construção da Biblioteca Central da UFV (Década de 1960).....	100
Imagem 3: Casa 52 na UFV, hoje sede da ASPUV- Seção Sindical dos Docentes da UFV.....	102

Figura 4: Total de fundos recebidos pela UREMG de 1965 a 1969.....	104
Figura 5: Boletim de Pesquisa encontrado no Arquivo Central e Histórico UFV (ACH/UFV).....	106

TABELAS:

Tabela 1 - Doações realizadas pela Fundação Ford a instituições brasileiras durante as décadas de 1960 e 1970.....	82
Tabela 2 - As dez instituições brasileiras que mais receberam recursos da Fundação Ford no período 1962 a 1971.....	83
Tabela 3 - Valores destinados a cada uma das atividades a serem realizadas na UREMG/UFV.....	88
Tabela 4 - Recursos destinados pela Fundação Ford para custeio de bolsas de estudos de professores da UREMG de 1965 a 1969.....	90
Tabela 5 - Doações adicionais ao convênio entre Fundação Ford e o Estado de Minas Gerais.....	101

RESUMO

MUNIZ, Viviane Carla de Souza Pires, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2017. **A educação superior em agricultura no Brasil como terreno fértil para os Estados Unidos: a Fundação Ford na UREMG/UFV (1964-1976)**. Orientadora: Rita de Cássia de Souza.

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) é uma das mais bem conceituadas instituições de ensino superior no Brasil. Desde 1920 quando foi autorizada a sua criação através da Lei 761, tem como principal campo de ensino, pesquisa e extensão a agricultura, com importantes descobertas na área agrícola do país. Para que a Universidade adquirisse potencial na realização de pesquisas agrícolas, nas décadas de 1960 e 1970, foi fundamental o investimento em infraestrutura e capacitação profissional, impulsionado por doações monetárias realizadas por entidades estadunidenses. Neste aspecto, a Fundação Ford realizou importantes doações de recursos para a UFV, que foram imprescindíveis para o desenvolvimento da instituição. No contexto da Guerra Fria, a cooperação técnica e financeira a países da América Latina constituía uma das estratégias dos Estados Unidos (EUA) para a contenção da ameaça comunista e a disseminação do *american way of life* (estilo americano de viver). A influência dessas entidades estadunidenses nas instituições de ensino superior tinha como intuito: modelar pensamentos e formar lideranças acadêmicas que levariam o estilo político, econômico e cultural dos Estados Unidos a outros espaços de atuação. Visando conhecer esta parceria entre a UFV e a Fundação Ford, realizamos uma pesquisa qualitativa, buscando fontes primárias coletadas no Arquivo Central e Histórico da UFV (ACH-UFV) e referencial bibliográfico que tratasse da atuação da Fundação Ford no Brasil. A investigação envolveu desde o ano da assinatura do Convênio da Fundação Ford com o Estado de Minas Gerais, em 1964 até a última doação identificada como feita pela Fundação Ford à UFV em 1976. Percebe-se que, apesar do convênio assinado ter duração de apenas 5 anos, a Fundação Ford atuou diretamente, com envio de recursos financeiros para bolsas de estudos e obras de infraestrutura nestes 12 anos na UFV. O estudo constatou que as doações realizadas pela Fundação Ford, foram importantes não só para o desenvolvimento de novas pesquisas na Universidade, mas também para manter a instituição em funcionamento. Os anos 1960 foram difíceis financeiramente e a universidade passou por grandes problemas, devido à falta do repasse de recursos do Governo do Estado. Pelo que pudemos constatar, o convênio assinado implicava em

uma igualdade de participação financeira da Fundação Ford e do Estado de Minas Gerais. No entanto, embora a Fundação Ford tivesse feito mais doações que o previsto, não foi localizada nenhuma contrapartida do governo do Estado de Minas Gerais.

ABSTRACT

MUNIZ, Viviane Carla de Souza Pires, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, April, 2017. **Agricultural college education in Brazil as a fertile ground for The United States: Ford Foundation at UREMG/UFV (1964-1976)**. Adviser: Rita de Cássia de Souza.

Federal University of Viçosa is one of the most reputable institutions of college education in Brazil. Since it was allowed its creation in 1920, through Law 761, agriculture has been its main educational, research and extension field, with important discoveries in the agricultural area in the country. In order for the University to acquire potential in the realization of agricultural researches, in the decades of 1960 and 1970, investment in infrastructure and professional capacitation was fundamental, promoted by monetary donations done by American entities. In this aspect, Ford Foundation made important resources donation to UFV, which were indispensable to the institution's growth. In the Cold War context, technique and financial cooperation to Latin America countries constituted one of United States (USA) strategies for containment of communist threat and dissemination of *American way of life* (American style of living). The influence of these American entities in college education institutions had as its goal: to shape thoughts and form academic leadership that would lead the political, economic and cultural style of The United States to other action spaces. Aiming to get to know this partnership between UFV and Ford Foundation, it was done a qualitative research, seeking primary sources collected from Historical and Central Archive of UFV (ACH-UFV) and bibliographic referential that address Ford Foundation action in Brazil. The investigation involved, since the year of signing a partnership agreement between Ford Foundation with the state of Minas Gerais, in 1964 until the last donation identified as one done by Ford Foundation to UFV in 1976. It is noticed that, despite the partnership agreement signing lasted only 5 years, Ford Foundation acted directly, sending financial resources for study scholarships and infrastructure buildings in these 12 years to UFV. The research found that donations done by Ford Foundation were important not only for the development of new researches at the University, but also to maintain the institution functioning. The years 1960 were financially difficult and the university went through big problems due to lack of transferring resources by the State Government. From what we could gather, the signed partnership agreement entailed an equal financial participation from the Ford Foundation and the State of Minas Gerais.

However, although Ford Foundation had done more donations than the preview, it was not located any counterpart from the Minas Gerais State Government.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL.....	1
REFERÊNCIAS.....	7
1- "Em se plantando tudo dá...": a atuação das agências estadunidenses no Brasil.	9
Introdução:	10
1.1. Em busca da "Terra Prometida".....	12
1.2. Colonizando novas terras.....	13
1.3. Fundação Rockefeller: as raízes da filantropia.	20
1.4. Fundação Ford: nasce uma nova forma de atuação.	24
Considerações finais:	32
REFERÊNCIAS.....	33
2- A salvação da lavoura: o estabelecimento de convênios internacionais como condição de sobrevivência da UREMG.	36
Introdução:	37
2.1. A criação da ESAV e a constituição de um campo fértil de estudos sobre a Agricultura em Minas Gerais.	38
2.2. Os Estados Unidos plantam as sementes da sua influência na UREMG.	42
2.3. As "vacas magras" e o fim dos convênios de cooperação.	60
Considerações finais:	63
3- A atuação da Fundação Ford na Universidade Federal de Viçosa (UFV) (1964-1976).	70
Introdução:	71
3.1. A indústria fordista: um estilo de produzir, governar e colonizar.....	72
3.2. Fundação Ford: a filantropia a serviço dos Estados Unidos.	74
3.3. Fundação Ford no Brasil.....	78
3.4. Fundação Ford: a atuação na Universidade Federal de Viçosa.....	81
1- Sobre os investimentos em Formação Docente.	85
2- Investimentos em Suplementos Salariais.....	88
3- Apoio para financiamento de Facilidades Físicas.....	90
3.4.1 – Criação da Central de Experimentação, Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET).....	90
3.4.2 – A construção da biblioteca central da UFV.	92
3.4.3. A instalação de laboratórios de ciências básicas.....	94
3.4.4. A construção de uma casa na Vila Gianetti.	94
Considerações finais:	102
REFERÊNCIAS.....	103

CONCLUSÃO GERAL..... 106

INTRODUÇÃO GERAL

A atual Universidade Federal de Viçosa (UFV) teve sua origem na Lei nº 761, de 06 de Setembro de 1920, no governo de Arthur da Silva Bernardes, então Presidente do Estado¹ de Minas Gerais, com a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). O modelo de ensino adotado na Escola era nos mesmos moldes dos *Land-Grant Colleges* dos Estados Unidos da América (EUA), escolhido com o objetivo de potencializar o desenvolvimento da agricultura em Minas Gerais.

Talvez seja por esse motivo que o professor Dr. Peter Henry Rolfs, um especialista em ensino agrícola e ex-diretor do *Florida Agricultural College* nos EUA, foi convidado para administrar a construção e fundação da Escola e ser seu primeiro diretor. Uma das características deste modelo de ensino era a organização pelo princípio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão².

Em 13 de novembro de 1948, o Governador de Minas Gerais, Milton Soares Campos, através da Lei nº 272, criou a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) que incorporou a ESAV (RIBEIRO, 2006). A UREMG era composta pela Escola Superior de Agricultura, Escola Superior de Veterinária, Escola Superior de Ciências Domésticas, Escola de Especialização³, Serviço de Experimentação e Pesquisa⁴ e Serviço de Extensão⁵. Em 1969, ano em que foi federalizada, a UREMG tornou-se a Universidade Federal de Viçosa (UFV) que se constitui hoje como uma das mais importantes instituições públicas de ensino superior do país. Ela oferece no total, 68 cursos de graduação em diversas modalidades⁶, distribuídos em seus três campi⁷:

¹Durante a República Velha, de 1889 a 1930, os Governadores dos Estados brasileiros, eram chamados de "Presidente do Estado".

² A Escola, desde seu início, funcionou em regime de internato e externato.

³No inciso 2º do Art. 33 do Estatuto de 1950 da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, cita que: “os cursos de especialização terão por fim aperfeiçoar conhecimentos quer pelo desenvolvimento dos estudos feitos nos cursos superiores, quer pelo estudo mais aprofundado, de uma de suas partes” (BORGES; SABIONI, 2010, p. 147).

⁴Art.45 do Estatuto da UREMG, diz que as atividades do Serviço de Experimentação e Pesquisa foram disciplinadas em regime interno, sendo que, após, “atendidos os fins especiais do ensino e obedecidas às normas gerais, poderão as pesquisas e experimentação ser realizadas nas várias Escolas que constituem a UREMG, devendo os professores prestar colaboração aos trabalhos programados” (BORGES; SABIONI, 2010, p. 149).

⁵Para as atividades dos cursos extensão, estava exposto no inciso 3º do Estatuto da Universidade Rural que: “os cursos de extensão serão destinados a difundir conhecimentos da técnica e compreenderão duas modalidades: de extensão popular e de atualização cultural” (BORGES; SABIONI, 2010, p. 147).

⁶Informações retiradas do site: <www.ufv.br>: No tópico “Estude na UFV” (localizado na parte superior, a esquerda da página), selecione a opção “GRADUAÇÃO”. Acesso em: 26 de Abril de 2016.

⁷ A Universidade Federal de Viçosa possui três campi para o desenvolvimento de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. O primeiro originou-se da Escola Superior de Agricultura e Veterinária

Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba. Sendo uma das pioneiras em cursos de pós-graduação na área agrícola no Brasil, a UFV possui 11 programas *Lato Sensu* e 44 programas de pós-graduação *Stricto Sensu* e, sendo que, 25 destes oferecem cursos em nível de mestrado e doutorado⁸. Além disso, na Universidade, os discentes têm oportunidades de usufruir de diversas modalidades de intercâmbio, nacional ou internacional. Na modalidade internacional, a UFV possui mais de 100 convênios com instituições de ensino superior e pesquisa de diversos países, dentre eles: Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Angola, Japão, México, Portugal, Rússia e Venezuela⁹.

Para desvendarmos como a UFV alcançou o *status* de uma das mais importantes instituições de ensino superior do país, vamos investigar um pouco sobre sua história. Parte da estrutura física, material e profissional que a UFV construiu desde os tempos da ESAV é resultado de doações e financiamentos concedidos através de acordos de cooperação internacional realizados entre a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e entidades dos Estados Unidos. Dentre as instituições que atuaram junto à UREMG na concessão de recursos para a expansão dessa Universidade estão: a *United States Agency for International Development (USAID)*, *Purdue University*, Fundação Rockefeller e Fundação Ford. O primeiro acordo que envolveu a UREMG e uma instituição estadunidense foi celebrado em 1948 entre o Governo do Estado de Minas Gerais e a *American International Association for Economic and Social Development (AIA)* (Associação Internacional Americana) (RIBEIRO, 2007).

No contexto da Guerra Fria¹⁰, e com a implantação do Regime Comunista em Cuba¹¹, os Estados Unidos, interessados em ampliar seu poder de influência, especialmente na América Latina, realizaram várias parcerias com o Brasil, considerado

(ESAV), criada pela Lei 761 de 06 de setembro de 1920, atualmente, campus da Universidade Federal de Viçosa. A Escola Média de Agricultura de Florestal (EMAF) iniciou suas atividades em abril de 1949, com o curso médio de Agricultura, em 1955 foi incorporada a Universidade Rural de Minas Gerais (UREMG) e, em 1969, à UFV. O campus passou, então, a ser denominado Central de Ensino e Desenvolvimento Agrário de Florestal (CEDAF) em 1981, quando oferecia apenas cursos de nível técnico. O Campus de Rio Paranaíba (CRP) foi criado pela Resolução nº 08/2006, de 25 de julho de 2006. As atividades acadêmicas tiveram início em 2007, com os cursos de Administração (Integral e Noturno) e Agronomia (Integral). Disponível em: SÍNTESE HISTÓRICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV. <http://www.portal.ufv.br/crp/?page_id=55> Acesso em 08 de dezembro de 2016.

⁸Informações retiradas do site: <www.ufv.br>: No tópico “Estude na UFV” (localizado na parte superior, a esquerda da página), selecione a opção “PÓS-GRADUAÇÃO”. Acesso em: 26 de Abril de 2016.

⁹Informações retiradas do site: <www.ufv.br>: No tópico “Estude na UFV” (localizado na parte superior, a esquerda da página), selecione a opção “MOBILIDADE ACADÊMICA-INTERCÂMBIO”. Acesso em: 26 de Abril de 2016.

¹⁰ A Guerra Fria teve início com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e terminou com a extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991.

¹¹ A Revolução Cubana de 1959 implantou o regime comunista e aproximou-se da então adversária dos Estados Unidos, a URSS.

um país estratégico, por sua localização, extensão territorial e possibilidade de fornecimento de materiais raros. Dentre as estratégias dos Estados Unidos, estava a atuação de entidades estadunidenses em importantes áreas para o desenvolvimento do país, como a Agricultura e o Ensino Superior. Assim, em meio às instituições estadunidenses que atuaram no Brasil durante a Guerra Fria, a Fundação Ford teve importante papel no desenvolvimento de pesquisas na área agrícola na UREMG/UFV de 1964 a 1976.

Nigel Brooke (2002) aponta que a UFV está entre os maiores donatários da Fundação Ford no Brasil. Exatamente em quinto lugar no *ranking* dos maiores beneficiários, a UREMG/UFV recebeu (em valores reajustados de 2001), US\$ 11, 051.197 milhões de dólares em doações da Fundação, entre 1965 e 1970¹².

Foram realizadas doações em:

-1965: US\$ 5,407.609 – Destinados à expansão da Universidade no desenvolvimento dos programas de pesquisa e os cursos de extensão universitária;

-1968: US\$ 1, 127.451 – Para a consolidação do programa de pós-graduação em economia rural;

-1970: US\$ 1,259.912 – Visando a expansão da Universidade nos seus programas de pesquisa e extensão.

Os valores apontados por Brooke (2002) não alcançam o valor total das doações de US\$ 11, 051.197, no entanto, o autor não cita as demais.

Segundo Anthony B. Anderson,

A Universidade Federal de Viçosa foi o principal alvo dos esforços da Fundação no estabelecimento das ciências sociais rurais e é uma história de sucesso especialmente positiva. [...] Os recursos da Fundação foram fundamentais para a instituição de programas consistentes de mestrado e doutorado em economia agrícola, contribuindo, assim, para que a Universidade aparecesse como importante centro de excelência, reconhecido internacionalmente (2002, p. 74).

Portanto, essa pesquisa busca analisar quais eram os interesses estratégicos da Fundação Ford em financiar projetos de infraestrutura, pesquisa e formação docente na Universidade Federal de Viçosa, entre 1964-1976.

¹² Antecedendo à UFV estão: a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Sociedade Brasileira de Instrução. Entre as dez primeiras instituições donatárias, estão: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade de Brasília (UNB) e a Fundação Carlos Chagas.

Em termos específicos pretendeu-se:

- Compreender o papel das agências estadunidenses no contexto brasileiro e das Fundações filantrópicas estadunidenses como as Fundações Rockefeller e Ford;
- Identificar e analisar quais foram os convênios firmados entre a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e as entidades estadunidenses;
- Analisar os impactos da atuação da Fundação Ford na UREMG/UFV durante os anos de (1964-1976).

A partir de um levantamento realizado no Arquivo Central e Histórico da UFV (ACH-UFV), identificamos documentos tratando da presença das seguintes instituições estadunidenses na Universidade, apresentadas em ordem alfabética: Aliança para o Progresso, Fundação Ford, Fundação Rockefeller, *Purdue University*¹³ e *United States Agency for International Development (USAID)*. No que se refere especificamente à Fundação Ford, encontramos documentos datados de 1960 a 1976. Como mecanismo de busca no sistema eletrônico de catalogação do Arquivo Central e Histórico da UFV (ACH/UFV) foram utilizados os descritores: "Fundação Ford", "Fundação Rockefeller", "Purdue", "USAID" e "Aliança para o Progresso". Todos os documentos localizados foram lidos e classificados como sendo de interesse ou não para a pesquisa em questão.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como foco analisar a atuação da Fundação Ford na Universidade Federal de Viçosa no período de 1964 a 1976. Conforme Minayo,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (2001, p. 22).

Para este trabalho, foram utilizados apenas os documentos referentes à Fundação Ford. Foram localizados 357 documentos entre os anos de 1960 e 1976. Destes, 149

¹³ A dissertação de Gustavo Bianchi Silva: *A Ciência em Rede: Os Vínculos entre instituições e Cientistas no Contexto da Modernização da Agricultura (1958- 1973)*, defendida em 2014, teve por objetivo investigar os vínculos entre os cientistas e as instituições no contexto da modernização da agricultura. Como foco de pesquisa, o convênio entre a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais e, posteriormente a Universidade Federal de Viçosa, com a Universidade de *Purdue* dos Estados Unidos (SILVA, 2014).

foram de assessores e representantes da Fundação Ford para o Reitor ou diretores da UFV, 124 documentos foram de pessoas da UFV para representantes da Fundação Ford e 84 outros documentos são de destinatários ou remetentes diferentes, no entanto tratam de assuntos referentes ao convênio entre a FORD/UFV. Apesar de se tratar de um grande número de documentos, a maior parte trata da disponibilização e pedidos de recursos para bolsas de estudos, infraestrutura física e material para a UFV, o que os tornou bastante repetitivos. Existem também recibos de compras, informação de pagamentos, relatórios com prestação de contas financeiras e de atividades realizadas, comunicações da vinda de técnicos à universidade, algumas edições do jornal Informativo UREMG, cartões de cunho pessoal como felicitações, convites e agradecimentos. Todos estes documentos foram selecionados, lidos, classificados e analisados a partir da análise de conteúdo.

Nesse aspecto, “na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p. 70). As fontes primárias são dadas como originais, a partir das quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados. A abordagem qualitativa aprofunda-se num mundo de significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não compreensível através de equações e estatísticas (MINAYO, 2001).

A proposta para análise das fontes primárias através da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2006) constituiu-se de três etapas: A primeira, denominada pré-análise compreendeu a organização do material a ser analisado com vistas a torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. A segunda etapa foi a exploração do material, com a codificação do material e a definição das categorias de análise. A terceira e última etapa consistiu no tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Para Bardin (1979), a análise de conteúdo abrange as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, com a finalidade de se efetuarem deduções lógicas e justificadas a respeito da origem dessas mensagens (quem as emitiu, em que contexto, quais seus efeitos). Especificamente, a análise de conteúdo se constitui por

um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

O pesquisador deve analisar as fontes de acordo com o contexto político, social, econômico e cultural em que elas foram produzidas, sempre recorrendo ao referencial teórico que está sendo utilizado para fundamentar a pesquisa (FRANCO, 2007).

Esta dissertação está dividida em três artigos interdependentes. O primeiro: "‘Em se plantando tudo dá...’: a atuação das agências estadunidenses no Brasil” apresenta as Fundações Rockefeller e Ford, como importantes componentes dentro das estratégias estadunidenses de intervenção, para disseminação da nova ordem mundial estabelecida no pós-guerra. Estas instituições funcionaram como disseminadoras do *american way of life* e do ideal democrático estadunidense para além das fronteiras dos EUA.

A partir da compreensão da função de entidades estadunidenses na América Latina e de suas características, visamos analisar a atuação de entidades norte-americanas no contexto da Universidade Federal de Viçosa (UFV), do ano de 1948 enquanto Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) até sua federalização em 1969. Em "A salvação da lavoura: o estabelecimento de convênios internacionais como condição de sobrevivência da UREMG" apresentamos um pouco da história da Universidade Federal de Viçosa, sua constituição e seus desdobramentos até sua federalização em 1969. Buscamos apresentar os principais convênios realizados entre a Universidade e instituições estadunidenses e os prováveis motivos para que os acordos de cooperação fossem realizados.

O terceiro artigo, “A atuação da Fundação Ford na UREMG - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais e na UFV – Universidade Federal de Viçosa (1964-1976)”, apresentamos um pouco mais sobre a história da Fundação Ford e sua atuação. Uma das principais características durante os mais de vinte anos de existência da UREMG (1948-1969) foram os convênios de cooperação internacional firmados com as entidades estadunidenses. De acordo com Gustavo Bianchi Silva, “A presença de cientistas estrangeiros (...) contribuiu para a dinamização de um padrão de pesquisa na Universidade” (2014, p. 135) através de doações, financiamentos, concessão de bolsas de estudos, bolsas de viagens e investimentos na infraestrutura da instituição, estimulando a criação de diversos cursos de pós-graduação *Stricto Sensu* e tornando a UREMG uma instituição referência em pesquisa agrícola no Brasil.

O leitor, portanto, não deve estranhar se algumas informações se repetem nos artigos, já que espera-se que a leitura deles, em separado, não comprometa a sua compreensão. Da mesma forma, construímos a sequência de artigos desta dissertação,

mas considerados que esta não é obrigatória, já que não se trata de capítulos e, sim de textos independentes.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, ANTHONY B. Da Produção Agrícola ao Desenvolvimento Sustentável. In. BROOKE, Nilge, WITOSHYSNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil, uma parceria para a mudança social = The Ford Foundation's 40 Years in Brazil: A Partnership for social Change**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: edições 70, 2011.

BORGES, José Marcondes, SABIONI, Gustavo, Soares. **Legislação de Importância Histórica**. Viçosa, MG Editora UFV, 2010. 407p.

BROOKE, Nilge. O Escritório da Fundação Ford no Brasil, 1962-2002: Um Apanhado Histórico. In. BROOKE, Nilge, WITOSHYSNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil, uma parceria para a mudança social = The Ford Foundation's 40 Years in Brazil: A Partnership for social Change**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002.

FALLEIROS, Ialê. PRONKO, Marcela Alejandra. OLIVEIRA, Maria Teresa Cavalcanti de. Fundamentos históricos da formação/atuação dos intelectuais da nova pedagogia da hegemonia. In. NEVES, L.M.W. (Org.). **A direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2010.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília, 2ª edição: Liber Livro Editora, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

RIBEIRO, Maria das Graças M. **De caubóis e Caipiras. Os Land-Grant Colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa**, 2006. Disponível em: <seer.ufrgs.br/asphe/article/download/29406/pdf>. Acessado em 19 de Abril de 2016.

ROCHA, Ednéia Silva Santos. **A Fundação Ford e o Fomento para Instituições Estratégicas e Lideranças Acadêmicas no Brasil: Análise sobre a parceria com a Fundação Getúlio Vargas**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas/São Paulo, 2015.

SILVA, Gustavo Bianch. **A Ciência em Rede: Os Vínculos entre Instituições e Cientistas no Contexto da Modernização da Agricultura (1958-1973)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2014.

1- "EM SE PLANTANDO TUDO DÁ...": A ATUAÇÃO DAS AGÊNCIAS ESTADUNIDENSES NO BRASIL.

Resumo

No contexto da Guerra Fria (1945-1991), os Estados Unidos (EUA), em disputa com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) usaram várias estratégias visando combater o avanço do comunismo e se manter como superpotência mundial. A Revolução Cubana, em 1959, fez com que aumentasse o temor dos EUA que intensificaram estas estratégias na América Latina. Uma das formas de conquistar novos aliados e disseminar o *american way of life* foi através de convênios entre agências estadunidenses e países da América Latina, ávidos por modernizações e apoio financeiro. A atuação das fundações filantrópicas dos Estados Unidos (EUA), como a Fundação Rockefeller e Fundação Ford foram importantes componentes dentro das estratégias estadunidenses de intervenção. Estas instituições atuaram no financiamento de recursos em áreas consideradas como prioritárias nos países subdesenvolvidos, como agricultura, saúde e educação. Neste artigo, abordaremos algumas das influências destas ações no Brasil.

Palavras-chave: Guerra Fria, Fundações filantrópicas, Ensino Superior.

Introdução:

“Em se plantando, tudo dá”: esta expressão que foi popularizada no Brasil surgiu a partir da carta escrita por Pero Vaz de Caminha, em 1 de maio de 1500, para apresentar ao rei de Portugal, Dom Manoel, a terra em que os portugueses acabavam de aportar e que colonizaram por 322 anos (1500-1822). Nos parece que foi assim também que os Estados Unidos viam o Brasil, uma terra fértil para uma colonização cultural e econômica, especialmente, no contexto da Guerra Fria¹⁴ (1945-1991), em que tentava conseguir novos aliados frente ao avanço das ideias comunistas. Após Cuba se aliar à União Soviética (URSS) em 1959, o Brasil se tornou um importante parceiro estadunidense pela influência que exercia na América Latina; como exportador de minerais raros, importante para indústria bélica dos EUA; por ser grande importador de produtos industrializados; pelo posicionamento estratégico do Norte e Nordeste do país em caso de guerra e, pelo seu potencial consumidor (MOURA, 1984). O Brasil foi foco da atuação de agências¹⁵ governamentais, não-governamentais e privadas dos Estados Unidos, na busca por aliados na América Latina contra a disseminação da ameaça comunista.

De acordo com Vicente Gil da Silva (2008)

Desse modo, aquilo que se denominou ameaça comunista na América Latina deve ser compreendido como um conjunto de ações de contestação de grupos políticos latino-americanos às estruturas socioeconômicas que, além de beneficiar as elites regionais, também asseguravam a realização dos interesses estadunidenses. Como se sabe, tais ações fazem parte de uma tradição de lutas sociais que marcam a história da própria formação do continente americano, caracterizadas como resistência a uma dominação estrangeira quase sempre apoiada por um grupo instalado no poder local.

Ou seja, muito antes das ideias comunistas passarem a ser vistas como ameaça pelos Estados capitalistas, já existia na América Latina um repertório de experiências antiimperialistas capaz de justificar a resistência das populações latino-americanas às atividades dos Estados Unidos no continente. (p. 221-222)

A atuação das instituições filantrópicas, como a Fundação Rockefeller e Fundação Ford, estavam dentre os procedimentos adotados para divulgar e ampliar a nova ordem estabelecida no pós-guerra pelos Estados Unidos da América (EUA). As

¹⁴ Conflito ideológico travado entre os Estados Unidos e a União Soviética, pela disputa da hegemonia política, econômica e militar no mundo.

¹⁵ Nos trabalhos que venho identificando sobre as entidades internacionais, quando se refere as fundações, os autores se utilizam do termo “agência”.

Fundações atuaram na doação de recursos para o desenvolvimento da agricultura, saúde e educação. Essas entidades tinham como intuito perpetuar os ideais de desenvolvimento e a disseminação do *american way of life* (o estilo de vida dos Estados Unidos). Expressão essa aplicada a um estilo de vida que funcionaria como referência para os habitantes EUA. Um comportamento dominante e expressão do ethos nacionalista desenvolvido a partir do século XVIII, cuja base é a crença nos direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade, como direitos inalienáveis de todos americanos nos termos da Declaração de Independência em 4 de julho de 1776.

O ensino superior brasileiro era considerado um campo estratégico para atuação das fundações filantrópicas, pela possibilidade de modelamento do pensamento dos intelectuais orgânicos, que influenciariam importantes áreas da economia e da política no país. Para Gramsci, cada grupo social cria seus próprios intelectuais, chamados por "orgânicos", cuja função é atuar nos processos de formação, estabelecendo a conformação do pensamento dos grupos sociais subalternos, contribuindo para uma relação harmoniosa entre teoria e ação. Gramsci aponta que o desenvolvimento das instituições escolares ao longo dos processos históricos conferiu grande importância às funções intelectuais, multiplicando as especializações e aperfeiçoando-as. A escola é o instrumento para produção dos intelectuais em seus diversos níveis, pois sua formação é mediada pelas instituições escolares (DURIGETTO, 2014). Assim, os investimentos na formação acadêmica, através da concessão de bolsas de estudos para pós-graduação em outros países e o financiamento de pesquisas agrícolas estavam entre os procedimentos adotados pelas entidades estadunidenses como forma de conquista de aliados entre os formadores de opinião.

Ao longo da história, os EUA vêm buscando o consenso de outros povos em prol da hegemonia estadunidense sobre as demais nações. Assim sendo, as intervenções das agências estadunidenses, em áreas consideradas prioritárias para a expansão dos países subdesenvolvidos, como: educação, saúde e a agricultura, estavam associadas a uma política de hegemonia cultural na América Latina. Para Gramsci, essa hegemonia refere-se aos mecanismos utilizados por uma classe social para exercer uma forma de dominação sobre outra. "Como conceito, focaliza atenção em como dominação e subordinação são definidos como parte da estrutura normal da sociedade e incluídos no arcabouço institucional dos principais aspectos da vida social, desde a família, à educação e à religião organizada" (JOHNSON, 1997, p.212).

“[...] o americanismo penetrou no Brasil e constituiu-se em cultura, moldou formas de pensar, sentir e viver; tornou-se parâmetro de progresso, felicidade, bem-estar, democracia, civilização” (WARDE, 2000, p. 43).

1.1. Em busca da “Terra Prometida”

Os imigrantes ingleses que foram para a América do Norte, em busca de sua liberdade religiosa, desejavam fundar uma sociedade baseada no mesmo modelo encontrado no Novo Testamento, introduzindo as bases para construção de um novo povo (BAIA, 2012). Quando os puritanos¹⁶ ingleses chegaram ao norte do continente americano, a região era habitada pelos índios. Para tomar posse do território, os puritanos da “Nova Inglaterra”, hoje Estados Unidos da América, encontraram na Bíblia justificativa para suas ações. Consideravam que ali estava a terra prometida, e “os puritanos vieram para a América não para usurpar, mas para reclamar; não para deslocar uma cultura alienígena, mas para recuperar o que era seu por promessa” (BERCOVITCH, 1988, p. 149), por direito, como se eles fossem enviados por Deus. Segundo Baía (2012, p. 37) é a partir desse poder de modificar os sentidos da Bíblia,

que se pode perceber a criação de uma interpretação bíblica para a extensão protestante norte-americana em direção ao interior dos Estados Unidos e, posteriormente, para outras regiões do mundo: uma iniciativa de levar a salvação a todos os indivíduos do planeta, sustentados por uma vontade divina, esse era o seu “Destino Manifesto”.

Os puritanos foram os escolhidos por Deus para levar, através da palavra, a formação cristã, a salvação para o resto do mundo. Para Bercovitch (1988) a palavra “América” conferida a todos os outros países do continente, de norte ao sul, dava um sentido de singularidade, uma forma de domínio e uma base propícia para a conquista. Seu expansionismo era a vontade de Deus, eles deveriam levar a formação cristã para o resto do mundo, estabelecendo assim as bases para a disseminação do “americanismo”¹⁷.

Entre 1860 a 1914 foram para os EUA mais de 21 milhões de imigrantes atraídos por condições melhores de vida, pois o país vinha se firmando no cenário mundial como uma das maiores potências no âmbito militar, político e econômico. No

¹⁶ O puritanismo foi desenvolvido na Inglaterra por uma comunidade protestante, designa uma concepção da fé cristã.

¹⁷ De acordo com Gramsci (1981) o americanismo constitui-se como um modo de ser e de viver dos norte-americanos, construída por traços de relações sociais específicas.

ano de 1915, os Estados Unidos passaram a fazer parte da política mundial, após assumir o posto de um dos maiores produtores de ferro, carvão, petróleo, cobre e prata. Conforme Bercovitch (1988), os Estados Unidos da América é uma nação fundada sobre uma revolução, alimentada pela emigração e dedicada ao progresso. Conquistada a “Terra Prometida” dava-se início a novas conquistas.

A Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) fortaleceu os EUA que passaram a ser a maior potência mundial, enquanto os países do continente europeu estavam endividados e com problemas nos setores agrícola e industrial. Em 1933, com a eleição de Franklin D. Roosevelt, o presidente anunciou uma nova Política de boa vizinhança (*Good Neighbor Policy*) com os países latino-americanos, propondo o fim das intervenções, reconhecendo a igualdade entre os países e recomendando a resolução de problemas através da “Cooperação Mútua” entre os povos das Américas. Modificavam-se os métodos, mas os objetivos continuavam os mesmos, manter a liderança dos EUA na América Latina (MOURA, 1984). Essa política consistia na venda de tecnologia estadunidense para os países latino-americanos, em troca ao apoio à política dos EUA.

1.2. Colonizando novas terras...

Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), os Estados Unidos criaram uma agência responsável por coordenar esforços para expansão das relações econômicas e culturais entre os EUA e os países da América Latina. Comandada por Nelson Rockefeller, a *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos) era uma agência ligada ao Programa de Segurança Nacional que tinha como objetivo o fortalecimento da solidariedade entre os países, em benefício da defesa nacional dos EUA (MOURA, 1984).

Os programas de cooperação se constituíam como instrumentos para consolidar os Estados Unidos como grande potência. Na América Latina, esta agência deveria promover medidas para recuperar as economias dos países latino-americanos, estabelecendo programas educacionais, relações culturais, de informação e de propaganda (MOURA, 1984). Os EUA tinham como intenção afastar as influências do Eixo¹⁸, assegurando a posição do seu país em relação aos países vizinhos sul americanos, através da importação de produtos e criando um mercado consumidor de

¹⁸ Os três principais parceiros da aliança do Eixo eram a Alemanha, a Itália e o Japão.

produtos estadunidenses nestes países. A filosofia de um ideal panamericanista¹⁹ justificava a ação desses programas.

Nessa perspectiva, essa agência estadunidense, que já atuava no Brasil, passou a coordenar um planejamento de áreas prioritárias, como informação, saúde, alimentação, ciência e educação, no intuito de “ganhar os grupos sociais mais significativos do ponto de vista da formulação de políticas, assim como, na medida do possível, a massa da população politicamente significativa” (MOURA, 1984, p. 12). Para Rocha (2015), o interesse destas entidades estadunidenses em educação justificava-se por ela ser responsável pela transmissão da cultura e dos valores dominantes. Já as “disparidades em saúde são um impedimento para o desenvolvimento econômico e uma ameaça à segurança mundial” (ROCHA, 2015, p. 28). Como os Estados Unidos se constituíam como um modelo de civilização para seus vizinhos, inclusive o Brasil, não era difícil aceitar suas exigências.

Com relação à saúde, o projeto elaborado pelos técnicos estadunidenses da *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* dos EUA e o Ministério da Educação e Saúde do Brasil, destinava-se prioritariamente para ações na região Amazônica, no controle da malária. Essa região era estratégica aos interesses estadunidenses, tanto no fornecimento de matéria prima para o arsenal bélico, como em relação ao seu posicionamento em caso de guerra. Em relação à alimentação, em conjunto com o Ministério da Agricultura, houve distribuição de sementes e de alguns alimentos, como: verduras, legumes, ovos e carnes, em áreas do Nordeste brasileiro e Amazônia (MOURA, 1984).

A educação e a agricultura eram consideradas áreas prioritárias por favorecer mudanças na sociedade. O país era visto como essencialmente agrícola, portanto, seu desenvolvimento, através de técnicas mais modernas de plantio e colheita, aqueceria a economia brasileira. Desta forma, o modo estadunidense de administrar, começou a se espalhar por todo o Brasil e inclusive no sistema educacional (MOURA, 1984). Houve investimentos em diversas áreas da educação²⁰, com oferta de cursos por técnicos dos EUA e fornecimento de materiais didáticos. Muitos destes cursos estavam voltados para

¹⁹ O ideal panamericanista consiste em uma realidade fundada em ideias comuns de organização republicana, na aceitação da democracia como um ideal, na defesa da liberdade e dignidade do indivíduo, na crença na solução pacífica das disputas e na adesão aos princípios de soberania nacional – e cuja manifestação concreta seriam os programas de solidariedade hemisférica (MOURA, 1984, p. 9).

²⁰ Administração pública e de empresas, ensino vocacional (industrial e agrícola), engenharia, secretariado, língua inglesa entre outros (MOURA, 1984).

a área agrícola. Para os especialistas estadunidenses, a agricultura no Brasil no início dos anos 1940 era

uma atividade primitiva, devastadora do solo e desprovida de saber e informação. Daí a necessidade de ensinar “técnicas modernas” para modificar a situação reinante. Através de escolas agrônômicas²¹ existentes ou então criadas e por intermédio de programas de treinamento mais ágeis, procurava-se iniciar os latino-americanos nos mistérios do solo, das sementes e do uso de implementos agrícolas [fabricados nos EUA] (MOURA, 1984, p. 21).

O objetivo principal era implantar no Brasil o conhecimento e a metodologia utilizada na agricultura dos EUA, através da utilização dos defensivos, máquinas e equipamentos agrícolas, produzidos e exportados pelos Estados Unidos. Neste sentido, “[...] firmaram-se programas de educação rural, mais tarde, de ‘extensão rural’, que consolidaram a perspectiva americana sobre o rural brasileiro” (MOURA, 1984, p. 27).

Em 1942, uma missão comandada por Morris Cooke chegou ao Brasil com o objetivo de realizar estudos para incrementar a indústria brasileira. No entanto, apesar de ter sido realizado um relatório detalhado e extenso sobre as condições brasileiras, nada foi feito (MOURA, 1984). O desenvolvimento industrial brasileiro causaria queda nas exportações de produtos estadunidenses para o Brasil, portanto, a expansão da indústria brasileira não era interessante. Assim sendo, a dependência brasileira na importação de produtos estadunidenses ia aumentando gradativamente e o Brasil já se configurava como seu principal cliente.

Com o fim da Segunda Guerra, em 1945, no Brasil, a educação continuou a ser o foco dos EUA. Por ser um país essencialmente agrícola, a agência elaborou um convênio em conjunto com o Ministério da Agricultura e o Ministério da Educação e Saúde para desenvolver um programa de educação rural (MOURA, 1984).

Além de levar técnicos brasileiros para os Estados Unidos, o convênio proporcionava, em 42 centros de treinamento, espalhados por 14 estados brasileiros, cursos de técnicas agrícolas e veterinárias, economia doméstica, operação de tratores, preparação de professores e supervisores de práticas agrícolas- um rol de saberes "modernizantes" que pretendiam dar conta do problema agrário brasileiro e que foram incorporados aos currículos de nossas, escolas de agronomia. (MOURA, 1984, p. 36).

²¹Nessa época já existia a Escola Superior de Agricultura e Veterinária em Viçosa-MG, com o Curso Superior em Agricultura.

Renovado na década de 1950, o programa visava à promoção da boa vontade entre os povos do Brasil e dos Estados Unidos, desenvolvendo cada vez mais o espírito e o padrão de vida democrático. Através de programas de cooperação e de atividades no ensino rural no Brasil, pretendia-se estimular e ampliar o intercâmbio de ideias e de processos pedagógicos, no campo da educação rural. Estava previsto o treinamento de professores, administradores, supervisores e técnicos de ensino rural e a utilização de quaisquer outros meios considerados necessários pelas partes, convenientes para a realização do programa de cooperação educacional²².

Após a Segunda Guerra Mundial, durante a Guerra Fria (1945-1991), as disputas políticas e ideológicas que se evidenciavam entre os Estados Unidos e a União Soviética constituíram-se como fator decisivo para a construção de uma agenda para a expansão do domínio internacional na busca por aliados e disseminar sua influência. Os Estados Unidos elaboravam estratégias de convencimento para se contrapor ao fortalecimento do ideário comunista soviético em todos os continentes. A atenção voltou-se especialmente para a Europa e Ásia, pois a América Latina era tida como terreno tranquilo e domesticado. Nos anos que se seguiram, o *american way of life* teve ampla aceitação no Brasil²³, alterando o modo de vestir, comer, plantar, educar e enxergar o mundo em nome do desenvolvimento e da modernidade do país (MOURA, 1984)

Em 1948, Nelson Rockefeller criou uma agência privada, a *International Association for Economic and Social Development (AIA)* (Associação Internacional para o Desenvolvimento Econômico e Social) e continuou trabalhando com a assistência técnica aos países subdesenvolvidos, no desenvolvimento de programas voltados à assistência técnica e financeira em áreas prioritárias, como a saúde e a educação. Em 1949, o Estado de Minas Gerais assinou com a AIA um convênio que deu origem a Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR)²⁴, na busca pelo aumento da produção e da produtividade agrícola brasileira, mediante métodos agrícolas modernos (MOURA, 1984).

²² Acordo entre a República dos Estados Unidos do Brasil e *The Institute of Inter-American Affairs*, repartição corporativa do governo dos Estados Unidos da América, para a realização de um programa cooperativo de educação nas zonas rurais. Disponível em: http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1952/b_23. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

²³ Com a subida ao poder do General Eurico Gaspar Dutra, os EUA continuaram tendo amplo apoio, o Brasil aumentou ainda mais as importações, ao mesmo tempo, instituições militares semelhantes ao modelo estadunidense, eram criadas, como a Escola Superior de Guerra (MOURA, 1984). O padrão estadunidense era absorvido cultural, militar e ideologicamente.

²⁴ Esse sistema que se generalizou depois por intermédio da ABCAR (Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural).

Em linhas gerais, esses sistemas procuravam estimular a solidariedade fundada no espírito comunitário local, e associá-lo à transformação de mentalidades e práticas, na direção da competição lucrativa. Buscava-se não somente o aumento da produção e da produtividade agrícola brasileira, mas também a paz social decorrente da abundância que se perseguia mediante métodos agrícolas modernos (MOURA, 1984, p. 38).

Para atingir seus objetivos, os programas aplicavam a ideia de extensão rural, através da transmissão de conhecimentos técnicos ligados à agricultura. Um país com a economia abundante não seria influenciado por ideias revolucionárias. Além do mais, a assistência técnica era um instrumento de transferência do modelo de agricultura dos EUA, através da implementação de defensivos químicos e máquinas agrícolas, para os países da América Latina.

Para a Europa²⁵ devastada com o fim da Segunda Guerra, os EUA propuseram uma economia pautada no livre comércio, um sistema de câmbio fixo, a defesa do pleno emprego e a aceitação da cultura urbano-industrial estadunidense, *o american way of life* (FALLEIROS; PRONKO; OLIVEIRA, 2010). Se a ajuda estadunidense colaborou na recuperação dos países europeus no pós-guerra, contribuiu plenamente para a ascensão dos Estados Unidos no cenário mundial, através principalmente do consumo de seus produtos.

Empenhados em manter a América Latina sob seu controle, o governo dos EUA anunciaram um Programa de Cooperação Técnica do Governo afirmando estender a assistência técnica a todos os “países amigos”. Esse processo foi concluído no governo do Presidente Harry S. Truman²⁶ em 1949, com a criação do programa que ficou conhecido como Ponto IV, que assim como o Plano Marshall²⁷,

[...] se baseava na assistência técnica e financeira a países então considerados subdesenvolvidos em diversas áreas da atividade econômica, político-administrativa, educacional, cultural e científica, com vista a aumentar a taxa de crescimento econômico, elevar os padrões de vida da população e massificar a ideologia do “mundo livre” (PEREIRA, 2009, p. 82).

Esse programa de ajuda externa aos países do Terceiro Mundo tinha como objetivo conter o avanço do comunismo, no início da Guerra Fria. De acordo com

²⁵ Para a reconstrução da Europa, os EUA lançaram em 1947 o Plano Marshall (Plano de Reconstrução Europeia), tratava-se da disponibilidade de financiamento para a compra de produtos estadunidenses para a reestruturação de toda a Europa (FALLEIROS; PRONKO; OLIVEIRA, 2010).

²⁶ Harry S. Truman foi presidente dos Estados Unidos de 12 de abril de 1945 a 20 de janeiro de 1953.

²⁷ Programa de assistência para recuperação dos países aliados na Europa, nos anos após a Segunda Guerra Mundial.

Moura (1984), tanto os programas de educação rural, quanto os acordos de assistência como o Ponto IV, facilitavam o levantamento dos potenciais da agricultura e do subsolo brasileiro. As agências estadunidenses estavam empenhadas em investigar os recursos disponíveis, “tendo em vista as ‘responsabilidades mundiais’ que os Estados Unidos assumiram a partir da Segunda Guerra Mundial” (MOURA, 1984, p. 38). Ligado aos interesses de segurança e desenvolvimento econômico estadunidense, o programa marcou uma nova época nas relações dos EUA com países latino-americanos.

Neste contexto, o Brasil era um importante aliado, tanto do ponto de vista político, como estratégico. Sua importância vinha principalmente do fornecimento de minérios para o arsenal bélico estadunidense, alguns deles raros como o manganês, tório e urânio e pelo posicionamento estratégico do Norte e Nordeste brasileiro em relação ao Oceano Pacífico, em caso de um enfrentamento armado (MOURA, 1984).

Como consequência, nessa época, os empréstimos concedidos pelo Banco Mundial (BM) foram direcionados principalmente aos países de renda média e baixa, do terceiro mundo. Com a criação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em 1959, ambos dividiram a tarefa de financiar projetos nas áreas de infraestrutura, educação, saneamento e agricultura (FALLEIROS; PRONKO; OLIVEIRA, 2010).

Após Cuba se aliar à União Soviética em 1959, realizou-se em *Punta del Este*, no Uruguai, em 1961, a conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), onde foi apresentada pelo Presidente Kennedy a recém criada,

[...] Aliança para o Progresso, programa que visava à promoção do desenvolvimento econômico via colaboração técnica e financeira, e o Corpos da paz, agência governamental que deveria atuar no Terceiro Mundo no sentido de combater a “ameaça comunista” e promover a liberdade e a democracia nos mesmos moldes de funcionamento das Fundações Ford, Rockefeller e da CIA²⁸ (FALLEIROS; PRONKO; OLIVEIRA, 2010, p. 46).

A atuação da Aliança para o Progresso tinha como orientação “a modernização do conjunto dos sistemas de ensino, adequando as exigências dos novos programas de crescimento econômico” (FALLEIROS; PRONKO; OLIVEIRA, 2010, p. 53). Dentre seus objetivos, estavam: o combate ao analfabetismo, a redução da mortalidade infantil, o estímulo à reforma agrária, a industrialização dos países e a aproximação econômica entre as nações. Para atingir esses objetivos, os recursos disponíveis chegavam a 20

²⁸A *Central Intelligence Agency* (Agência Central de Inteligência).

bilhões de dólares, metade paga pelos EUA e o restante dividido entre as demais nações americanas (SILVA, 2014).

Especificamente no ensino superior, eram metas da Aliança para o Progresso: melhorias na qualidade, ampliação do número de vagas, estímulo ao aperfeiçoamento de professores pesquisadores e estudantes e impulso a pesquisas (CUNHA, 1983). Os investimentos dos EUA, através da Aliança para o Progresso, em relação à educação “[...] estavam voltados para a anestesia da luta política que sacudia a América Latina, particularmente o Brasil.” (CUNHA, 1983, p. 201).

Ainda na década de 1960, o Congresso dos Estados Unidos criou o *Foreign Assistance Act* (Lei de Ajuda Externa), agência que reorganizou os programas de assistência dos EUA. Assim nasceu a *United States Agency for International Development* a “USAID, que assumiria os programas para o desenvolvimento social.” (RIBEIRO, 2009). A USAID tinha, dentre seus objetivos, prestar assistência técnica e financeira para a expansão de áreas consideradas prioritárias para o desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos, como a agricultura, saúde e educação (SILVA, 2014). Assim também, estas agências pretendiam combater a ameaça comunista disseminando a cultura estadunidense no terceiro mundo, para manter os EUA como superpotência e a ampliação dos mercados consumidores. Por esse motivo,

[...] a formação de intelectuais capazes de adaptar e disseminar as formas da sociabilidade burguesa da pedagogia da hegemonia nos países da periferia do capitalismo não era uma estratégia exclusiva do Banco Mundial. A atuação da Fundação Ford e da Fundação Rockefeller na América Latina, por exemplo, está suficientemente documentada até pelas próprias agências (FALLEIROS, PRONKO; OLIVEIRA; 2010; p. 52).

Fundações privadas estadunidenses, como a Fundação Ford e a Fundação Rockefeller se constituíam como importantes parceiros no financiamento de programas de ajuda financeira para o intercâmbio educacional, científico e cultural, na América Latina. Em contrapartida, o governo estadunidense oferecia aos praticantes da filantropia, isenção de imposto de renda aos praticantes da caridade (ROCHA, 2015)²⁹.

Dentre os países que essas Fundações atuaram estão: Equador, Argentina, Colômbia, Chile, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, México, além do Brasil. “As fundações norte-americanas são as que mobilizam maior quantidade de recursos para a

²⁹ “O código fiscal dos Estados Unidos recompensa cidadãos que fazem doações filantrópicas com redução de impostos, mesmo quando essas instituições de caridade contestam o governo” (ROCHA, 2015, p. 21).

América Latina e as que possuem maior representação na quantidade total de organizações” (ROCHA, 2015, p. 31).

Dentre todas estas agências estadunidenses³⁰, vamos abordar especificamente as Fundações Rockefeller e Ford por terem atuado ativamente na doação de valores monetários para os países conveniados e porque intervíram em áreas prioritárias para o desenvolvimento do Brasil como a agricultura, saúde e educação. Para Rocha (2015) as fundações privadas assumiram um papel de destaque nas políticas sociais, não apenas pelo enorme volume de recursos disponíveis, mas também pelo modo como se inserem na gestão de tais políticas.

Para Rocha (2015), as Fundações são instituições privadas criadas a partir da constituição de um patrimônio, buscando um determinado fim em benefício da coletividade. O fato de essas instituições estarem amparadas por um caráter filantrópico traz uma aparente neutralidade, no entanto: “A motivação e natureza das ações das Fundações privadas podem estar associadas a motivos estratégicos, altruístas, políticos, ideológicos ou assistenciais” (ROCHA, 2015, p. 40).

A intervenção no ensino superior brasileiro através do apoio a projetos ligados à educação, visando a constituição de novas lideranças para modelar o pensamento crítico e promover o consenso sobre o padrão educacional estadunidense eram algumas das estratégias das Fundações filantrópicas, como a Fundação Rockefeller e a Fundação Ford. Nessa perspectiva, as “parcerias entre as Fundações privadas e seus donatários fazem parte de um processo de colaboração para manter uma ordem econômica, política e social, de âmbito internacional, o que beneficia os interesses das classes dominantes” (ROCHA, 2015, p. 10). As instituições filantrópicas se utilizam dos intelectuais orgânicos das instituições de ensino superior para a disseminação de ideias e valores considerados relevantes para manter a ordem mundial que beneficiava os Estados Unidos.

1.3. Fundação Rockefeller: as raízes da filantropia.

³⁰ De acordo com Edneia Silva Santos Rocha (2015, p. 2), Dufour (1987) "analisou o papel das fundações Rockefeller, Carnegie e Fundação Ford como formuladoras de políticas não-oficiais no campo da educação, especialmente em países em desenvolvimento". No entanto, não há estudos que relatem a existência de ações da Fundação Carnegie no Brasil, por isso estudaremos aqui as Fundações Rockefeller e Ford.

Após a Guerra de Secessão (1861-1865), os Estados Unidos passaram por uma fase de reestruturação, com a implementação de técnicas industriais mais modernas, rápidas e eficientes aumentando a capacidade de produção das fábricas. A construção de ferrovias ao longo do país facilitou o transporte de produtos, prosperando o comércio e a indústria. Com diversificados investimentos financeiros, John Davison Rockefeller (1839-1937), um magnata das indústrias de petróleo nos Estados Unidos acumulou uma grande fortuna avaliada em mais de 1 bilhão de dólares. Desejando investir parte dessa fortuna em projetos que permanecessem após sua morte (MARINHO, 1993), Rockefeller destinou muitos recursos para atividades filantrópicas³¹.

Para tanto, Rockefeller criou diretrizes bem definidas: as instituições deveriam possuir “autonomia financeira, atender a critérios de relevância apontados pelas comunidades e, sobretudo, a necessidade de haver contrapartidas financeiras aos auxílios concedidos” (MARINHO, 1993, p. 32). Dessa forma, optou por consolidar sua atuação nas áreas da educação e saúde. Participou da criação da Universidade de Chicago em 1892, criou em 1901 o Instituto Rockefeller para Pesquisas Médicas (*Institute Rockefeller for Medical Research*) que tinha como objetivo o desenvolvimento da Medicina Experimental. Em 1903, fundou a Junta Geral de Educação, numa época em que a educação não era considerada dever do estado. Nos EUA, essas instituições criadas pela fundação Rockefeller voltaram sua atuação para o sul dos Estados Unidos³², área que passava por grandes problemas nos campos da saúde e da educação após a Guerra de Secessão (1861-1865) que devastou a região (MARINHO, 1993).

Participou da criação da Universidade de Chicago em 1892, criou em 1901 o Instituto Rockefeller para Pesquisas Médicas (*Institute Rockefeller for Medical Research*) que tinha como objetivo o desenvolvimento da medicina experimental. Em 1903, fundou a Junta Geral de Educação, que, (na época a educação não era considerada dever do estado). Os institutos criados voltaram sua atuação para o sul dos Estados

³¹As primeiras instituições beneficiadas com ações de caridade dentro dos EUA foram aquelas relacionadas a Igreja Batista, religião a qual ele pertencia (MARINHO, 1993).

³² Ao chegarem ao sul os profissionais de saúde descobriram um grande número de pessoas infectadas pela ancilostomíase, sendo fundada por Rockefeller em 1909 a Comissão Sanitária para Erradicação da Ancilostomíase (*Sanitary Commission for Erradication of Hookworm*) (MARINHO, 1993). Além da ancilostomíase, foram identificadas outras doenças que mais tarde fariam parte da agenda de combate da Fundação, como, a malária, a febre amarela e a tuberculose. Rockefeller também viu a necessidade da formação de profissionais especializados em saúde pública e fundou a Escola de Higiene e Saúde Pública na Universidade de Johns Hopkins nos EUA.

Unidos, área que passava por grandes problemas nos campos da saúde e da educação após a Guerra de Secessão (1861-1865) que devastou a região (MARINHO, 1993).

Segundo Marinho (1993), além de incentivar a criação das escolas para formar especialistas em saúde pública no mundo todo, Rockefeller instituiu a concessão de bolsas de estudos para que estudantes de outros países pudessem estudar nos EUA. A ideia era apoiar pesquisadores e instituições previamente selecionadas que pudessem disseminar o modelo de ciência das instituições dos EUA.

A Fundação Rockefeller, criada em 1913, tendo como lema “a promoção do bem estar para toda a humanidade, “teve por objetivo reunir e centralizar as ações filantrópicas da família Rockefeller que vinham sendo praticadas de forma sistemática e em escala crescente desde o final do século XIX” (MARINHO, 1993, p. 21). De acordo com Marinho (1993), existem outras explicações para a criação da Fundação Rockefeller, dentre as quais a sonegação de impostos ou a necessidade de Rockefeller melhorar sua imagem diante da sociedade, após boatos sobre a existência de negócios suspeitos para a construção do seu patrimônio. Outro fator diz respeito à isenção de imposto de renda que era concedida aos praticantes da filantropia no país,

[...] pelo código federal norte-americano inclui a ajuda aos pobres e sem assistência, incentivo às atividades religiosas, fomento a educação e pesquisa científica, construção e manutenção de prédios públicos e monumentos, combate da delinquência juvenil. Essa legislação oferece respaldo jurídico tanto para doações nos Estados Unidos como também em outros países (ROCHA, 2015, p. 21).

O código fiscal dos EUA recompensava os cidadãos que praticassem a filantropia com isenções fiscais, estimulando o uso da sua riqueza em prol da sociedade. Com a criação da Fundação, John Rockefeller Júnior³³ tornou-se o primeiro presidente da instituição. Dentre os princípios básicos para a atuação da filantropia expôs “a necessidade das contribuições serem temporárias, a fim de não criar vínculos de dependência e perpetuidade entre a Fundação e os respectivos beneficiários.” (MARINHO, 1993, p. 39). No plano internacional, a Fundação Rockefeller:

Assumiu, entre os anos 20 e 40, o caráter de “filantropia científica” sendo apontada, (...) em boa medida como responsável pelo deslocamento de eixo da produção científica da Europa para os Estados unidos, através da injeção de recursos em programas específicos de pesquisa (MARINHO, 1993, p. 25).

³³ Filho de John Davison Rockefeller.

Depois de uma longa viagem pela América Latina à procura por áreas para atuação, em 1915, uma comissão de estudos da Fundação Rockefeller desembarcou no Brasil com o objetivo de identificar centros médicos interessados na implementação de um modelo de ensino voltado para a Medicina Experimental.

No Brasil, inicialmente, a Fundação atuava na área da Medicina, Saúde Pública e Ciências Biológicas, seu grande interesse eram as Ciências Biomédicas, dando ênfase para propagandas e pesquisas para o controle de doenças infecciosas como a ancilostomíase, a febre amarela e a malária. Conforme Marinho (1993), a participação da Fundação Rockefeller em campanhas de saúde pública no Brasil condiz com a chegada de indústrias farmacêuticas estadunidenses no país. Além disso, a abertura do canal do Panamá em 1914, gerou um temor pela proliferação de algumas doenças para os Estados Unidos e a necessidade de um maior controle destas.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o foco passou para o desenvolvimento das Ciências Físicas e Biológicas e da Agricultura (FARIA e COSTA, 2006). Neste aspecto, a Rockefeller apoiou a criação de programas de pesquisas, financiou a compra de equipamentos para infraestrutura e tinha como uma de suas principais características a concessão de bolsas de estudos em Universidades dos Estados Unidos, especialmente para pesquisadores das áreas da Genética, Física, Biologia e da Agronomia. De acordo com Faria e Costa (2006, p. 164), “entre 1917 e 1962, a Fundação Rockefeller concedeu cerca de 1.800 bolsas de estudos para pesquisadores latino-americanos: o Brasil (443 bolsas) e o México (359 bolsas) foram os países que mais receberam bolsas nas áreas da medicina e das ciências naturais”. Ainda de acordo com as autoras citadas, entre 1920 e 1960,

a Fundação Rockefeller ajudou a construir e implantar uma rede de instituições científicas que propiciaram a difusão e a consolidação de um modelo de ciência. Neste sentido, é correto afirmar que a atuação da Rockefeller pode ser vista como decisiva na institucionalização da ciência em escala mundial (FARIA E COSTA, 2006, p. 164).

A Fundação atuou também em vários outros campos, como o estudo do crescimento demográfico, a administração pública, o ensino superior e as Ciências Sociais. Conforme Marinho (1993, p. 14) sua atuação nas Ciências Sociais promoveu importantes estudos em diversas áreas que “envolvem relações de trabalho, política, economia, além de previdência social, relações internacionais, artes, cultura, meios de

comunicação, informação e difusão, arquivos e acervos históricos, e aprendizagem intensiva de inglês, nos países estrangeiros”.

Desse modo, a Fundação Rockefeller teve um importante papel na implantação e consolidação de instituições científicas e na implementação de pesquisas, nas áreas da Agricultura, Educação e principalmente da Saúde Pública, além do financiamento de bolsas de estudos para pesquisadores estudarem nos EUA. As atividades da Fundação Rockefeller expandiram para países da Ásia, Europa e a América Latina.

1.4. Fundação Ford: nasce uma nova forma de atuação.

Em 1935, preocupado com a sonegação de impostos, o presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt³⁴ traçou novas regras para o pagamento de impostos no país, o *Revenue Act* que estabeleceu a cobrança de 70% sobre qualquer patrimônio maior que cinquenta milhões de dólares (CHAVES, 2011), o que afetava diretamente grandes empresas, como a multinacional *Ford Motor Company*, do proprietário Henry Ford. De acordo com Chaves (2011, p. 26),

Esta revisão nas alíquotas do imposto de renda teria sido formulada para atingir, em represália, precisamente a Henry Ford. Inimigo declarado da administração Roosevelt e dos seus programas de reforma econômica, o New Deal, e considerado em vários círculos governamentais e empresariais um dos responsáveis pela crise bancária norte-americana do início dos anos 30, Ford seria um dos maiores prejudicados com a revisão na lei de impostos.

Desse modo, a exemplo de Rockefeller, Henry Ford (1863-1947) criou, em 15 de janeiro de 1936, um órgão filantrópico da família Ford, autorizando a transferência de 90% das ações da multinacional para a Fundação. Sendo assim, a Fundação Ford foi criada inicialmente “para evitar o fracionamento da fortuna familiar e o pagamento das novas alíquotas de impostos” (ROCHA, 2015, p. 54). Por mais de dez anos, a Fundação teve existência apenas simbólica, não realizando nenhum tipo de filantropia, apenas algumas doações a instituições médicas e de caridade da região de Detroit, nos EUA (CHAVES, 2011). Após ser pressionado principalmente por órgãos de fiscalização do governo, Henry Ford II³⁵, que estava assumindo a presidência da *Ford Motor Company*

³⁴ Franklin D. Roosevelt, cumpriu quatro mandatos como Presidente dos Estados Unidos de 4 de março de 1933 a 12 de abril de 1945 e morreu durante o último.

³⁵ Neto de Henry Ford, foi Presidente das empresas de 1945 a 1960, assumiu as empresas após o falecimento do seu pai Edsel Ford (1893-1943).

convocou um grupo de estudos para o planejamento de uma agenda de atividades filantrópicas para a atuação da Fundação, evitando uma intervenção legal na empresa e nos negócios da família.

A partir de 1948, a Fundação Ford passou por uma reestruturação coordenada por H. Rowan Gaither Jr, um advogado ligado a órgãos de guerra do Governo dos EUA, que futuramente, em 1951, se tornou um dos presidentes da Fundação. Estava entre as demandas dos curadores da Fundação à Gaither Jr.:

transformar a Fundação, de um fundo familiar amorfo, em um órgão apoiado na tradição estabelecida pelas grandes fundações nacionais. Isto é, contendo uma agenda de atuação doméstica e internacional bem definida, para orientação aos investimentos das vultosas somas que seriam futuramente gastas em cumprimento à legislação tributária (CHAVES, 2011, p. 28).

Esse período de reformulação tinha como propósito o estabelecimento de uma instituição voltada a novas possibilidades de cooperação, adotando aspectos de funcionamento diferentes das demais fundações filantrópicas, utilizando-se de novas estratégias para atuação, dando ênfase especialmente às necessidades do mundo no pós-guerra. Gaither e sua comissão elaboraram um relatório entregue aos gestores da Fundação afirmando que a nova Fundação Ford deveria atuar no combate à ameaça comunista, inicialmente dentro dos Estados Unidos (CHAVES, 2011).

Também foi sugerido, através do relatório de Gaither, que a Fundação cooperasse com a Casa Branca, através do Departamento de Estado, órgão oficial de política externa dos Estados Unidos, para que juntos pudessem identificar áreas de interesse mútuo, em defesa de um bem maior (CHAVES, 2011). Isso porque, era interesse imediato dos Estados Unidos e da Fundação:

[...] a construção de uma agenda de propaganda, para esclarecimento do público norte-americano e da comunidade internacional da posição do governo dos Estados Unidos no embate ao “inimigo totalitário soviético”; e em segundo, um modelo de operações para as atividades de inteligência para permitir aos operadores da política externa a obtenção por meio da Fundação Ford, de informações indisponíveis nos canais diplomáticos (CHAVES, 2011, p. 32).

Para Chaves, “as ações da Fundação Ford estavam integradas às políticas de governo dos Estados Unidos, (...), principalmente em articulação às atividades do Departamento de Estado e da Agência Central de Inteligência (CIA).” (2011, p. 25). Nesse sentido, a característica “democrática” da Fundação estava ligada aos interesses

estadunidenses. Segundo Chaves (2011), o que se pretendia era que, através da participação nas Universidades, se realizasse uma dedicada propaganda política para disseminar o ponto de vista do governo dos Estados Unidos sobre democracia, em países com governos ditatoriais. A atuação da Fundação Ford nos países cooperados influenciaria na opinião positiva sobre o modelo de governo dos EUA. Dessa forma, na década de 1950, novas metas de atuação foram elaboradas.

De acordo com essas estratégias, os recursos deveriam ser utilizados para fins científicos, educacionais e humanitários, voltados para o bem-estar, com doações a diversos tipos de organizações estadunidenses e estrangeiras. De acordo com Rocha (2015), o propósito de expandir a atuação da Fundação Ford a nível internacional, fundamentou-se em três convicções:

1. A de que dar solução aos problemas internos dos Estados Unidos seria uma vitória vazia se o resto do mundo continuasse sujeito à “miséria e às agitações”;
2. A de que a Fundação Ford dispunha de recursos suficientes para oferecer uma contribuição significativa na solução desses problemas em outros países;
3. A de que, por ser uma organização independente, não-governamental, ela tinha autonomia para aplicar seus recursos em determinados países e na solução de determinados problemas, cumprindo sua missão de construir “os instrumentos sociais do progresso”, considerados tão importantes para a construção de uma nação quanto o comércio e o capital (FORD FOUNDATION, 1963, p. 2 *apud* ROCHA, 2015, p. 56).

A partir de então, a questão social passou a ser o foco das agências filantrópicas, como a Rockefeller e a Ford. No Brasil, a Fundação Ford passou a apoiar também estudos relacionados ao crescimento populacional, saúde reprodutiva e o desenvolvimento do ensino superior, além de políticas públicas, problemas urbanos e movimentos sociais. De acordo com Souza (2002, p. 131), "a Fundação é pioneira no investimento em pesquisas que objetivavam um melhor entendimento dos determinantes do crescimento demográfico, a formação de especialistas e programas de planejamento familiar".

É importante ressaltar que os Estados Unidos tinham como propósito conter a ameaça comunista, portanto, a criação de projetos na área social com o apoio das Fundações filantrópicas fazia parte dessa estratégia. Segundo Falleiros, Pronko e Oliveira, “[...] o desenvolvimento era entendido como elemento de contenção e estabilização social, para frear o avanço internacional do comunismo” (2010, p. 49),

propiciando a disseminação das características do capitalismo. Se o país estava se desenvolvendo e consumindo, ele não se interessaria por outro modelo de gestão. É importante ressaltar que, nessa época, a maioria dos países da América Latina passou por regimes ditatoriais, como Guatemala e Paraguai em 1954, República Dominicana em 1965, Argentina 1966, Nicarágua em 1967, Peru em 1968, Uruguai e Chile em 1973 e Brasil em 1964. Foi nesse contexto político conturbado das décadas de 1960 e 1970 que a Ford definiu sua atuação.

A área das Ciências Sociais se configurou como um campo privilegiado de atuação da Fundação Ford, tornando a Fundação responsável pela criação de programas de pós-graduação nessa área, inclusive no Brasil (FARIA E COSTA, 2006). Segundo Miceli (1993, p. 43), as Ciências Sociais se tornaram o principal foco da Fundação por ser um campo privilegiado para o alcance das suas metas: “crescimento econômico, fortalecimento das instituições democráticas e reforma social”. A Fundação Ford deveria atuar em áreas que estimulassem o desenvolvimento econômico das regiões.

Faria e Costa (2006) apontam que a Fundação Ford possuía um caráter democrático de atuação, e que talvez seja esse o aspecto que a diferenciava das demais fundações estadunidenses.

O apoio irrestrito da Fundação à diversidade social e à participação democrática manifesta-se por meio de financiamento de programas voltados para abordagens que privilegiam, por exemplo: questões de gênero; saúde da mulher; modelos de desenvolvimento sustentável; programas de saúde; reforma educacional; habitação; violência, questões étnicas e raciais; desigualdade social; meio-ambiente e recursos naturais (biodiversidade); movimentos sociais (FARIA E COSTA, 2006, p. 161).

Buscamos compreender todo este apoio à democracia vindo de instituições estadunidenses que, reconhecidamente, apoiaram as ditaduras militares em vários países da América Latina, inclusive o Brasil. De acordo com Silva (2008), ao defender a democracia, o que os Estados Unidos de fato contrapunham era ao modelo comunista.

Assim, pode-se afirmar que a Aliança para o Progresso só pôde assumir uma roupagem ‘progressista’ e ‘democrática’ porque outros programas do governo norte-americano continuaram a assegurar que os objetivos de sua política externa seriam protegidos a qualquer custo. (SILVA, 2008, p. 225-226)

A Fundação Ford apoiou não apenas grandes centros de pesquisas e universidades, mas também agências não governamentais voltadas para projetos de

vulnerabilidade social. No Brasil, participou do financiamento para criação de centros de pesquisa como,

o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – Cebrap, Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – Cedec e Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo – Idesp, além do apoio a Associações de Pós-Graduação e Pesquisa como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – Anpocs e a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP, significou um reforço fundamental à pesquisa social no Brasil (FARIA E COSTA, 2006, p. 174).

A Fundação Ford tinha como intuito estreitar a colaboração entre esses centros de pesquisa e as universidades, propiciando o desenvolvimento de pesquisas voltadas para as questões sociais, em uma época em que os debates sobre questões de ordem social, política e econômica eram censurados.

Neste sentido, os conselheiros da Fundação Ford sugeriram que fossem evitados alguns aspectos característicos da atuação das fundações Carnegie e Rockefeller. Como por exemplo,

a implantação de uma rígida divisão disciplinar de áreas de atuação, aspecto considerado problemático na atuação da Fundação Rockefeller; e contra a estratégia de atuação por meio de órgãos de administração autônoma ou semi-independentes, tal como praticada pela Carnegie Corporation. Os gestores da Fundação Ford incorporaram parcialmente as sugestões feitas por estes dirigentes filantrópicos. A Fundação Ford estabeleceu programas temáticos, todos circundados por preocupações das ciências sociais aplicadas, evitando a segmentação disciplinar, destacada pelos críticos na atuação da Fundação Rockefeller. Na gestão do seu primeiro presidente, Paul Hoffman, a fundação atuou muito próxima ao formato de fundos semiautônomos, que respondiam como entidades independentes na execução de seus projetos, adotando o criticado modelo de atuação da Carnegie Corporation (CHAVES, 2011, p. 29-30).

Assim, para Faria e Costa (2006) após a Segunda Guerra Mundial, a Fundação Ford assumiu papel de liderança na doação de recursos para diferentes campos e atividades, em países na América, África e Ásia. Dentre as demais fundações estadunidenses, foi a Ford que inaugurou um estilo de doação mais participativo e democrático no financiamento a pesquisa. Essa nova forma que atendia as necessidades da época passou a ser colocada em prática, não apenas pela Fundação Ford, mas também pelas demais agências internacionais. Este novo estilo conquistava principalmente a comunidade acadêmica, tratando a ciência como uma construção

social, realizada por diferentes atores, por Universidades e centros de pesquisas, mas também por envolver agências não governamentais e pessoas mais preocupadas com as realidades sociais. Esse passou a ser o modelo de atuação das agências internacionais no cenário brasileiro e internacional (FARIA E COSTA, 2006).

O fomento e o desenvolvimento de novas teorias, canais de publicação e programas de formação pessoal em Ciências Sociais seria abordado como um investimento da Ford em instrumentos de confronto aos males e perigos associados ao atraso destes segmentos (CHAVES, 2011). O objetivo era a formação de intelectuais que deveriam levar aos principais centros de discussão, como as universidades e órgãos do governo, a forma desenvolvimentista dos Estados Unidos e propor sua aplicação. “A Fundação Ford deveria estimular seus parceiros e beneficiários a promoverem e incorporarem os modelos estabelecidos de civilização e boa sociedade” (ROCHA, 2015, p. 56).

Para manter a posição de predomínio dos Estados Unidos perante os outros países e para a execução dessas estratégias, a Fundação possuía cinco eixos temáticos para atuação: 1) “Fortalecimento da democracia”, 2) “Estabelecimento da paz”, 3) “Educação em uma sociedade democrática”, 4) “Comportamento individual e as relações humanas” e o 5) “Fortalecimento da economia”. Os programas de “Fortalecimento da democracia” e “Estabelecimento da paz” previam ações internacionais, inclusive na América Latina. O primeiro referia-se às demandas do Departamento de Estado dos EUA, com os seguintes propósitos:

[...] fornecer informações de ultramar ao segmento executivo do governo, no intuito de liberar suas ações das limitações legislativas, jurídicas e de política interna norte-americana; em segundo, instruir os membros dos comitês executivos das Nações Unidas, e dos organismos multilaterais internacionais, em questões militares e de segurança, de maneira a orientar os países filiados a estas instituições na direção da aliança militar liderada pelos Estados Unidos; e, por último, estabelecer uma agenda de longa-duração de formação e treinamento de elites políticas nas áreas “atrasadas” do mundo, para seu posterior emprego no preenchimento dos quadros executivos nacionais e internacionais (CHAVES, 2011, p.33, *apud* GAITHER, 1950, p.52-61).

O eixo “Estabelecimento da paz” previa ações dentro e fora dos EUA, na “construção de ferramentas bem como de conteúdos de divulgação publicitária que servissem a um amplo plano de formação cívica das massas, tal como pretendido pela Casa Branca” (CHAVES, 2011, p. 33). A Fundação Ford, em conjunto com o

Departamento de Estado dos Estados Unidos e da *Central Intelligence Agency* (CIA), passaram à elaboração das estratégias e os debates giravam em torno da “importância relativa dos meios secretos na execução de suas respectivas políticas, bem como a importância em se promover alguma diferenciação entre o que seriam atividades de informação e as de propaganda” (CHAVES, 2011, p. 34).

A Fundação Ford propôs que seu financiamento na educação se voltasse para a atividade acadêmica e universitária em campos relevantes para obtenção de informações sigilosas e privilegiadas de interesse do governo dos Estados Unidos da América. “Almejava-se a participação da academia e das universidades neste esforço de propaganda política para disseminar as visões do governo dos Estados Unidos sobre a democracia” (CHAVES, 2011, p. 33). Em 1952, Henry Ford II deixou a direção da Fundação, passando a ser dirigida por uma comissão escolhida por ele.

As primeiras doações da Fundação a universidades públicas e instituições do governo no Brasil ocorreram na década de 1960, para pesquisas nas áreas de educação, desenvolvimento, saúde e Ciências Sociais. Na América Latina, foram abertos escritórios da Fundação Ford na Argentina, Chile, Colômbia e México. No Brasil, este foi aberto em 1962, na cidade do Rio de Janeiro, quando iniciaram as relações com o governo brasileiro. De acordo com Brooke (2002), houve a assinatura de um acordo que deu à Fundação Ford, liberdade e respaldo legal para o desenvolvimento de suas atividades no Brasil.

As temáticas dos programas desenvolvidos pela instituição foram se modificando de acordo com as necessidades e o contexto da época. Nos anos 1960, a atenção envolvia o desenvolvimento agrícola no país, através das tecnologias da produção agrícola e das questões de política e planejamento agrícola. Segundo Brooke (2002, p. 16), existia na época a convicção de que “a tecnologia e a competência técnica seriam o caminho para o crescimento econômico e que a vocação natural do Brasil era ser uma economia agrícola”. Desse modo, aperfeiçoar a produção agrícola através da utilização de novas tecnologias contribuiria para solucionar as disparidades de renda e a falta de alimentos.

Durante a década de 1960, foram realizadas as maiores doações a instituições no Brasil pela Fundação. Somente em 1963 foram doados o equivalente a 18 milhões de dólares (BROOKE, 2002)³⁶. As instituições públicas estavam no topo da lista dentre os

³⁶ Convertido a equivalência do dólar no ano de 2001.

maiores donatários da Fundação Ford, como: Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal da Bahia. Além disso, a partir de 1964, com o golpe militar, “o trabalho com as instituições públicas passou a ser a única opção sob um regime militar que desencorajava a organização da sociedade civil” (ANDERSON, 2002, p. 61). Não obstante, nesses primeiros anos, o escritório privilegiou programas para o desenvolvimento do ensino superior, pois, acreditava-se que era através da criação de infraestrutura, novas tecnologias e capacitação pessoal que o país iria se desenvolver.

A ausência dessa infra-estrutura e a falta de programas de formação em áreas como agricultura, ciências básicas, pesquisa marítima e pesqueira, economia aplicada, química, direito, administração de empresas, ciências políticas, nutrição animal e engenharia industrial estavam no centro do diagnóstico predominante na época, segundo o qual o subdesenvolvimento era produto principalmente da insuficiência de conhecimentos e da inadequação de gastos na formação de recursos humanos em áreas cruciais para o crescimento econômico (BROOKE, 2002, p. 23).

Entre 1960 e 1976, uma série de doações foi realizada para o desenvolvimento do setor rural brasileiro, “a prática das doações concentrou-se na criação de programas de pós-graduação, especificamente na área de economia agrícola e mais genericamente nas ciências sociais rurais” (ANDERSON, 2002, p. 73). O valor total das doações chegou a 20,2 milhões de dólares que se destinou exclusivamente para a criação de Programas de Mestrado em Universidades como a Universidade Federal de Viçosa (UFV), Escola de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Ceará (UFC) e na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Para o desenvolvimento da pós-graduação na UFV, foram doados mais de 10 milhões de dólares, divididos em parcelas anuais (ANDERSON, 2002).

Conforme Brooke (2002), em fins dos anos 1960 realizaram-se cortes e redução nos investimentos devido à crise do petróleo e ao alto valor destinado às primeiras doações no Brasil. Na década seguinte, foram criadas novas normas sobre os valores de doações e o acompanhamento na utilização das verbas pelos donatários. Além disto, houve modificação no perfil dos donatários, que passaram a ser organizados em três tipos: instituições universitárias, órgãos do governo ou organizações não

governamentais (ONGs), dentro ou fora dos EUA. Os valores das doações realizadas para as ONGs aumentaram significativamente na década de 1970 (BROOKE, 2002).

Portanto, nas décadas de 1960 e 1970, as ações implementadas pelo escritório do Brasil no setor rural concentraram-se quase que exclusivamente na potencialização da agricultura brasileira, especificamente para o desenvolvimento da produção agrícola. As doações foram destinadas basicamente para universidades e órgãos do governo, no desenvolvimento de pesquisas e políticas agrícolas (ANDERSON, 2002).

Outrossim, de acordo com Rocha (2015) essas entidades operavam orientadas por diretrizes ideológicas que determinavam as áreas e o perfil das instituições donatárias, de modo a perpetuar os modelos estabelecidos em busca de hegemonia em suas áreas de atuação. Ao analisar o papel dessas entidades estadunidenses como formuladoras de políticas não-oficiais, especialmente no campo da educação em países em desenvolvimento, essas Fundações investiram intensamente em educação nos anos 1960 e 1970. Até a década de 1980, as agências internacionais como as Fundações Rockefeller e Ford atuavam ativamente na doação de recursos a áreas prioritárias, no entanto, o total das doações realizadas a países como o Brasil, representavam apenas 5%. Durante a década de 1990, essa porcentagem praticamente duplicou, passando para 11% do total de doações realizadas (ROCHA, 2015).

Considerações finais:

Os EUA foram criados a partir de uma perspectiva salvacionista, em que os puritanos ingleses buscavam a “Terra Prometida”. Uma vez instalados no norte da América, iniciaram um novo processo de colonização, desta vez, cultural, econômico e militar. A Guerra Fria fomentou a busca pela implantação do *american way of life* para além dos territórios dos EUA. Nesta busca por novas terras, o Brasil foi um campo fértil para investimentos estadunidenses. Interessados em ampliar sua influência política, ideológica e econômica, os Estados Unidos realizaram várias alianças estratégicas no país. Analisamos neste artigo, especialmente as ações das Fundações Rockefeller e Ford que desempenharam um papel muito importante na doação de recursos financeiros e realizaram investimentos em educação e produção agrícola no país.

A Fundação Rockefeller ajudou a implantar uma rede de instituições científicas nas diversas áreas da saúde nos Estados Unidos e em toda a América Latina, como no

Brasil. Após a Segunda Guerra Mundial, o financiamento voltou-se para as Ciências Físico-químicas e Naturais e, na área da Genética. O financiamento de recursos para a pesquisa agrícola representou uma diversificação nas atividades da Rockefeller.

A Fundação Ford se dedicou a doações e investimentos a diversas áreas, relacionadas ao desenvolvimento social, agricultura, educação, saúde, políticas públicas e movimentos sociais. Na década de 1960 a Fundação apoiou programas voltados ao desenvolvimento científico, a criação de programas de pós-graduação, financiou pesquisas e a formação acadêmica de muitos docentes. A formação de uma massa de intelectuais que deveria difundir a importantes setores da sociedade os conceitos desenvolvimentistas estadunidenses fazia parte de sua estratégia. No setor rural do escritório no Brasil, a doação de recursos monetários foi concentrada na criação de cursos de pós-graduação em economia agrícola.

O que se plantou no país não foram apenas recursos para pesquisas, bolsas de estudos ou cursos de formação, os Estados Unidos, através destas Fundações, plantaram aqui todo um jeito de vivenciar e perceber o mundo que os mantêm como colonizadores políticos, sociais e culturais e que tem por objetivo, antes de tudo, constituir e ampliar sua hegemonia e seus interesses como nação. Em que medida estas atuações foram eficazes na implantação do *american way of life* e até que ponto foram contraditórias ao se proclamarem democráticas e financiar um modelo ditatorial de governo? Os brasileiros se renderam facilmente às estratégias estadunidenses ou usaram os recursos financeiros buscando manter um distanciamento crítico destas invasões culturais? Quais foram as sementes que brotaram e quais aquelas que não sobreviveram às terras brasileiras? Deixamos aqui novas possibilidades de pesquisa que podem germinar em outras terras férteis.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, ANTHONY B. Da Produção Agrícola ao Desenvolvimento Sustentável. In. BROOKE, Nilge, WITOSHYSNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil, uma parceria para a mudança social = The Ford Foundation's 40 Years in Brazil: A Partnership for social Change**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002.

BAÍA, Anderson da Cunha. **Associação Cristã de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e física (1890-1929)**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Tese de Doutorado, 2012.

BERCOVITCH, Sacvan. **A retórica como autoridade: puritanismo, a bíblia e o mito da América.** In: FERNANDES, R. C; DAMATTA, R; et al. **BRASIL & EUA: religião e identidade nacional.** Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 141-158.

BROOKE, Nilge. O Escritório da Fundação Ford no Brasil, 1962-2002: Um Apanhado Histórico. In. BROOKE, Nilge, WITOSHYSNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil, uma parceria para a mudança social = The Ford Foundation's 40 Years in Brazil: A Partnership for social Change.** São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Crítica: o ensino superior na República Populista.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O Brasil e a recriação da questão racial no pós-guerra: um percurso através da história da Fundação Ford.** Tese de Doutorado, 2011. Universidade de São Paulo.

DUFOUR, M. Foundations as unofficial policymakers: the role of the Rockefeller, Carnegie and Ford Foundations on education in developing countries. 1987. 97 f. Thesis (Doctor In Master Of Arts In Comparative Education) - Departament Of Graduate Studies And Research, Mcgill University, Montreal, Quebec, 1987. ROCHA, Ednéia Silva Santos. **A Fundação Ford e o Fomento para Instituições Estratégicas e Lideranças Acadêmicas no Brasil: Análise sobre a parceria com a Fundação Getúlio Vargas.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas/São Paulo, 2015.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. A Questão dos Intelectuais em Gramsci. The intellectual's issue in Gramsci. **Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n.118, p.265-293, abr./jun.2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n118/a04n118.pdf>. Acesso em 13 de fevereiro de 2017.

FALLEIROS, Ialê. PRONKO, Marcela Alejandra. OLIVEIRA, Maria Teresa Cavalcanti de. Fundamentos históricos da formação/atuação dos intelectuais da nova pedagogia da hegemonia. In. NEVES, L.M.W. (Org.). **A direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil.** São Paulo: Xamã, 2010.

FARIA, Lina. COSTA, Maria da Conceição da. **Cooperação Científica Internacional: Estilos de Atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford.** Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol.49, n.1, 2006, p.159 a 191.

GAITHER, H. Rowan, Jr. (ed.). Report of the Study for the Ford Foundation on Policy and Program. Detroit, MI., Ford Foundation, 1950. CHAVES, Wanderson da Silva. **O Brasil e a recriação da questão racial no pós-guerra: um percurso através da história da Fundação Ford.** Tese de Doutorado, 2011. Universidade de São Paulo.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1999.

MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. **O papel da Fundação Rockefeller na organização do ensino e da pesquisa na Faculdade de Medicina de São Paulo (1916-1931)**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. São Paulo, 1993.

MICELI, Sérgio. “A Aposta numa Comunidade Científica Emergente. A Fundação Ford e os Cientistas Sociais no Brasil, 1962-1992”. In. MICELI, Sérgio (coord.). **A Fundação Ford no Brasil**. São Paulo, Sumaré/Fapesp. 1993.

MOURA, Gerson. **Tio Sam Chega ao Brasil – A penetração cultural americana**. Editora Brasiliense. 1984.

NEVES, L.M.W. (Org.). **A direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2010.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944-2008)**/382 f. Orientadora Virgínia Fontes. Tese (Doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

ROCHA, Ednéia Silva Santos. **A Fundação Ford e o Fomento para Instituições Estratégicas e Lideranças Acadêmicas no Brasil: Análise sobre a parceria com a Fundação Getúlio Vargas**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas/São Paulo, 2015.

SILVA, Gustavo Bianchi. **A Ciência em Rede: Os Vínculos entre Instituições e Cientistas no Contexto da Modernização da Agricultura (1958-1973)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2014.

SILVA, Vicente Gil da. **A Aliança para o Progresso no Brasil: de Propaganda Anticomunista à Instrumento de Intervenção Política (1961-1964)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2008.

SOUZA, Cecília de Mello e. Dos Estudos Populacionais à Saúde Reprodutiva. In. BROOKE, Nilge, WITOSHYSNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil, uma parceria para a mudança social = The Ford Foundation’s 40 Years in Brazil: A Partnership for social Change**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002.

2- A SALVAÇÃO DA LAVOURA: O ESTABELECIMENTO DE CONVÊNIOS INTERNACIONAIS COMO CONDIÇÃO DE SOBREVIVÊNCIA DA UREMG.

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a atuação das entidades norte-americanas na Universidade de 1948 a 1969, ano de sua federalização. Trata-se de uma pesquisa histórica de abordagem qualitativa realizada através de fontes documentais: leis, decretos, cartas, telegramas, jornais da época e pesquisa bibliográfica. Essas instituições investiram em doações e financiamentos na Universidade em busca de aliados e na conquista por novos mercados consumidores. A Universidade Federal de Viçosa foi fundada em Minas Gerais em 1922, pelo então governador do Estado, Arthur da Silva Bernardes. Criada nos mesmos moldes dos *Land Grant Colleges*, modelo de ensino utilizado pelos Estados Unidos para solucionar os problemas da agricultura daquele país, tinha como objetivo potencializar o desenvolvimento agrícola no Estado. Em 1948, tornou-se Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, e em 1958, foi firmado um convênio com a *Purdue University*, que abriu espaço para que outras agências governamentais, não governamentais e privadas dos EUA, como a USAID, Aliança para o Progresso, Fundação Rockefeller e Fundação Ford atuassem junto à instituição na concessão de recursos para investimentos em áreas prioritárias da instituição, como melhoria na infraestrutura e apoio a pesquisas na área agrícola.

Palavras chave: Ensino Superior, Universidade, Internacionalização, UREMG.

Introdução:

Este artigo tem como objetivo analisar a atuação de entidades estadunidenses na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) até 1969, ano da sua federalização, em que se torna Universidade Federal de Viçosa (UFV). Trata-se de uma pesquisa histórica de abordagem qualitativa realizada através de fontes documentais: leis, decretos, cartas, telegramas, jornais da época e de cunho bibliográfico com autores que estudaram a UFV no período em análise, tais como: Coelho (1991), Azevedo (2005), Cometti (2005), Borges, Sabioni, Magalhães (2006), Silva (2014) e Ribeiro (2006; 2007; 2008; 2009; 2010).

A presença estadunidense na Universidade teve suas primeiras influências ainda na sua fundação, enquanto Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), através da escolha do modelo de ensino adotado, o mesmo das escolas agrícolas dos Estados Unidos. O então presidente do Brasil na época, Arthur da Silva Bernardes³⁷ trouxe dos Estados Unidos o modelo de escola que ele desejava para Minas Gerais, com o objetivo de solucionar os problemas da agricultura no Estado, através da difusão da pesquisa científica.

Ainda no contexto da ESAV, foram realizadas as primeiras doações e financiamentos por entidades estadunidenses à instituição. Segundo Ribeiro (2006, p. 3), para solucionar os problemas financeiros pelo qual passava a instituição na década de 30, foi importante “o impulso oferecido por entidades norte-americanas³⁸ que com ela [a ESAV] estabeleceram, a partir de meados dos anos 1940, alguns acordos de cooperação”. Em 1948, a ESAV se tornou Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e, em 1958, foi firmado um convênio com a *Purdue University* que se constituiu como um dos principais fatores responsáveis pela expansão dessa Universidade na época. Além do convênio firmado com a Universidade estadunidense, outras agências governamentais, não governamentais e privadas dos EUA, como a USAID, Aliança para o Progresso, Fundação Rockefeller e Fundação Ford atuaram junto à instituição na concessão de recursos para investimento em áreas consideradas

³⁷ Nascido em agosto de 1875, na cidade de Viçosa, Minas Gerais. Estudou no tradicional colégio do Caraça em Ouro Preto, recebeu o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela faculdade de São Paulo. Foi vereador, deputado várias vezes, senador da República e secretário de finanças além de Presidente do Estado de Minas Gerais. Eleito Presidente da República em 1º de março e empossado em 15 de novembro para exercer o oitavo quadriênio presidencial (1922/1926). Faleceu em 23 de março de 1955 no Rio de Janeiro (BORGES, SABIONI, MAGALHÃES, 2006).

³⁸ A autora não cita em seu trabalho quais foram os convênios firmados ou quais foram as entidades estadunidenses envolvidas.

prioritárias. A cooperação internacional constituiu-se nessa época, como estratégia do governo estadunidense para estender sua influência desenvolvimentista a países do Terceiro Mundo.

2.1. A criação da ESAV e a constituição de um campo fértil de estudos sobre a Agricultura em Minas Gerais.

Em 1910, o Decreto N° 8.319 criou e organizou o ensino agrônômico em todos os seus graus e modalidades: “O Ensino Superior estava destinado a formar engenheiros agrônomos e seria ministrado conjuntamente com a medicina veterinária do mesmo grau [...]” (BRASIL, 1910, art.4). Após a regulamentação dessa lei, várias escolas foram criadas em Minas Gerais, cuja base da economia era predominantemente agrária: a Escola de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte em 1914; a Faculdade de Medicina Veterinária de Pouso Alegre e a Escola de Agronomia e Pecuária de Passa Quatro, em 1917 e a Faculdade de Veterinária de Juiz de Fora, em 1924 (COMETTI, 2005).

Nessa época, o Estado de Minas Gerais passava por problemas na área agrícola, especialmente por causa do café, um de seus principais produtos para comercialização:

[...] o café dava seus sinais sérios de crise no comércio mundial. Frente a tudo isso o poder constituído atuaria no sentido de preservar a hegemonia dos grupos agrários, buscando legitimar sua eficiência com a proposta de criar instituições de ciência e tecnologia para que elas contribuíssem com uma “reforma agrícola”: uma saída técnico-científica para um desafio sócio-político (COELHO, 1991, p. 47).

Nessa perspectiva, a criação de uma Escola Agrícola no Estado era tida como estratégia para tentar reverter essa situação através da formação de técnicos para atuarem juntamente com os agricultores da região na solução destes problemas (COMETTI, 2005). A ESAV tinha como objetivo a intervenção direta na realidade agrária mineira, para tornar a agricultura do Estado mais produtiva, através da disseminação dos conhecimentos, técnicas e métodos trazidos dos Estados Unidos.

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) teve sua criação autorizada em 06 de setembro de 1920 através da Lei N° 761 quando Arthur da Silva Bernardes era Presidente do Estado de Minas Gerais. De acordo com France Maria Gontijo Coelho (1991, p. 47), a ESAV “surge em meio à campanha de Bernardes à Presidência da República, (com uma vultuosa doação para sua instalação) era o sinal

dado pelo futuro governo de seu interesse em defesa da causa agrícola.” Em 30 de março de 1922, através do Decreto Nº 6.503, a Escola foi instalada em Viçosa-MG³⁹, cidade onde nasceu seu idealizador e fundador, Arthur Bernardes, que exercia o cargo de Presidente da República (1922-1926). Há muitos questionamentos quanto ao fato da Universidade situar-se na cidade natal de Arthur Bernardes.

Até hoje há pessoas que pensam ter sido sua localização em Viçosa uma deferência bem brasileira à terra natal do autor (e fundador) da ideia, considerando que no vasto território mineiro haveria outros lugares mais apropriados para a instalação da Escola (BORGES, SABIONI E MAGALHÃES, 2006, p. 20).

Faziam parte da comissão que viajou por Minas Gerais para escolha do melhor local para ser construída a Escola, o Diretor de Agricultura da Secretaria de Estado, Dr. Álvaro da Silveira e Dr. Peter Henry Rolfs, assessorados pelos Dr. Arduino Bolivar e Dr. Mário Monteiro Machado, que realizaram um estudo na Zona da Mata mineira (BORGES, SABIONI E MAGALHÃES, 2006). O modelo de ensino adotado pela Escola era o mesmo dos *Land-Grant Colleges*⁴⁰ estadunidenses, organizado pela integração do ensino, da pesquisa e da extensão. Arthur Bernardes convidou para administrar a construção da Escola o professor Dr. Peter Henry Rolfs, *Doctor of Science*, um especialista em ensino agrícola nos Estados Unidos, ex-diretor do *Florida Agricultural College*, que seria o responsável pela sua construção e fundação, e se tornaria o primeiro diretor da Escola. Rolfs deixou o cargo de diretor da Escola em 1929 para desempenhar as funções do Consultor Técnico de Agricultura do Estado de Minas Gerais (AZEVEDO, 2005).

³⁹O distrito de Santa Rita do Turvo foi criado em 14 de julho de 1832, sendo elevada à categoria de cidade pela Lei provincial n 2216, de 30 de junho de 1876, recebendo o nome de Viçosa, em homenagem ao bispo Dom Viçoso, da Arquidiocese de Mariana-MG, que visitou a cidade. A comarca de Viçosa foi criada pelo Decreto estadual n 230, de 10 de novembro de 1890.

⁴⁰“Os *Land-Grant* surgiram em 1862 nos Estados Unidos, juntamente com a criação do Departamento de Agricultura, que teria função de coordenar a aquisição de informações acerca da agricultura.” (COELHO, 1991, p. 34).



Figura 1: Rolfs com o seu sucessor Bello Lisbôa (de branco) (s.d.)⁴¹

No Brasil, a ESAV foi a primeira instituição a romper com o modelo dominante, europeu e bacharelesco, que prevalecia nos estabelecimentos de ensino da época (AZEVEDO, 2005). A adoção deste modelo fez com que a ESAV tivesse um caráter de ensino prático, envolvendo a pesquisa e a extensão rural. Segundo Silva e Borges (2008), P. H. Rolfs trouxe para o Brasil um sistema de educação rural de acordo com as necessidades de desenvolvimento da agricultura em Minas Gerais.

A inauguração da Escola aconteceu em 28 de agosto de 1926 e as aulas iniciaram em agosto de 1927, com os cursos Elementar e Médio em Agricultura (AZEVEDO, 2005). No ano seguinte, 1928, a instituição passou a ofertar o Curso Superior em Agricultura, em 1932, o Curso Superior de Veterinária, e cursos de especialização⁴² com duração de dois anos. De acordo com o seu regulamento (Decreto N° 7.461/1927), a Escola era um estabelecimento de características essencialmente agrícolas, que tinha como objetivo adquirir e difundir conhecimentos relativos à “economia rural”. O ensino deveria ser sempre teórico-prático⁴³ visando formar

⁴¹Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/TeCer/Educa%C3%A7%C3%A3o/Ufv/ufv0001.html>. Acesso em 15 de março 2017.

⁴²Estes cursos eram destinados a formar especialistas, conferindo títulos de Doutor em Agronomia ou Doutor em Veterinária (RIBEIRO, 2006).

⁴³Os cursos das Escolas eram divididos em quatro modalidades: Elementares, com duração de um ano para formação de agricultores e capatazes. Cursos Médios de dois anos para formar técnicos agrícolas e administradores rurais. Cursos Superiores, com duração de quatro anos, destinados à formação de agrônomos e veterinários e por fim, o Curso de Especialização de dois anos, que formava especialistas em agronomia e veterinária (BRASIL, 1927).

Engenheiros Agrônomos para aprimorar a agricultura e Veterinários para o exercício da Medicina em animais domésticos.

Na ESAV eram realizados estudos e pesquisas para o desenvolvimento de novas espécies e variedades de plantas, com a finalidade de aprimorar a agricultura e a pecuária do Estado, sendo a atividade de extensão fundamental para divulgar novas técnicas entre os agricultores (COMETTI, 2005). Assim, várias estratégias eram criadas para levar até o homem do campo o trabalho científico que vinha sendo desenvolvido dentro da Escola: eram organizadas exposições dos produtos, professores e alunos visitavam as fazendas, realizavam palestras e ofereciam cursos de pequena duração nas próprias comunidades (RIBEIRO; PORFÍRIO, 2007).

Com o passar dos anos, as atividades extensionistas se tornaram uma marca na história da instituição, constituindo-se como um serviço de apoio ao produtor rural, até que em 1929, a Escola criou a Semana do Fazendeiro que oferece até hoje cursos em diversas áreas para agricultores. Este evento estabeleceu-se no calendário da Escola como um importante acontecimento anual, estando, no ano de 2016, em sua 87ª edição e, desde sua primeira edição, vem difundindo os ensinamentos de técnicas agrícolas aos agricultores e fazendeiros do país.



Figura 2: Aula prática na Semana do Fazendeiro de 1952⁴⁴

Uma das mais importantes características do modelo de ensino da ESAV, a teoria do aprender fazendo, do ensino prático favorecia “aos discentes o manuseio de máquinas e equipamentos agrícolas e o acompanhamento, mais direto e efetivo, do

⁴⁴Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/TeCer/Educa%C3%A7%C3%A3o/Ufv/ufv0002.html>. Acesso em 15/03/2017

andamento das pesquisas, dos experimentos e seus resultados” (AZEVEDO, 2005, p. 84). Essa metodologia implantada por Rolfs, que articulava o ensino teórico com o prático era uma das características dos *Land Grant Colleges* dos Estados Unidos.

Desse modo, sempre foi visível “a influência da cultura estadunidense, trazida por Rolfs, com o apoio de João Carlos Bello Lisbôa e dos professores⁴⁵ vindos de universidades diversas dos Estados Unidos” (BORGES, SABIONI, MAGALHÃES, 2006, p. 94).

2.2. Os Estados Unidos plantam as sementes da sua influência na UREMG.

A ESAV só foi oficialmente reconhecida pelo Decreto N° 112/1935, no governo do Presidente Getúlio Vargas e, em meados dos anos 1930, a instituição passou por dificuldades financeiras. Os salários dos funcionários chegaram a ficar até seis meses atrasados e a Escola não tinha mais recursos para aquisição de materiais, existiam boatos sobre seu fechamento e a instalação de um quartel em seu lugar (RIBEIRO, 2007).

Neste contexto, em 1937, o professor John Benjamin Griffing veio dos Estados Unidos para se tornar o novo diretor da Escola, ficando até 1939. Griffing possuía grande experiência na área de pesquisas nos Estados Unidos e em outros países e, durante sua gestão, iniciou-se um “extraordinário e vigoroso programa de envio de professores a *colleges* e universidades nos Estados Unidos, para frequentarem cursos de pós-graduação, com vistas no mestrado e doutorado [...]” (MAGALHÃES, 2006, p. 95). A especialização dos docentes da instituição tinha como intuito, aumentar o número e o nível das pesquisas realizadas. Além disso, de acordo com Magalhães (2006), a ida dos professores da Escola para realizar cursos de pós-graduação tinha também como objetivo, a preparação dos docentes para algo que já vinha sendo preparada, a transformação da Escola em Universidade.

⁴⁵ “[...] os professores Albert Stanley Muller, para a Fitopatologia, Albert Oliver Rhoad, para a Zootecnia e Edson Jorge Hambleton, para a Entomologia.” (BORGES, SABIONI, MAGALHÃES, 2006, p. 94).



Figura 3: Diretor John B. Griffing e professores (década 1930)⁴⁶

No entanto, a não resolução da crise fez com que, em 1942, a Escola Superior de Veterinária (ESV) fosse transferida para Belo Horizonte (RIBEIRO, 2006) e a instituição passou a se chamar, Escola Superior de Agricultura (ESA)⁴⁷. Com a transferência da Escola para a capital do Estado, os recursos necessários para manter a ESA deveriam ser suficientes.

Em 13 de dezembro de 1948, a Lei N.º 272, assinada pelo então governador Milton Soares Campos, criou a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG)⁴⁸. A instituição foi composta pelas seguintes escolas: a Escola Superior de Agricultura (ESA), a Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD), Escola Superior de Veterinária (ESV)⁴⁹, que retornava à Viçosa, além do Serviço de Experimentação e Pesquisa, da Escola de Especialização e do Serviço de Extensão. O estatuto da UREMG⁵⁰ reafirmava os objetivos dos *Land Grant Colleges*.

[...] a UREMG compõe-se de estabelecimentos de ensino, serviço de experimentação e pesquisa, e serviço de extensão, colaborará com instituições não universitárias do mesmo gênero e visará às seguintes

⁴⁶Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/TeCer/Educa%C3%A7%C3%A3o/Ufv/ufv0002.html> Acesso em 15 março 2017

⁴⁷ Decreto-Lei n.º 824, de 20 de janeiro de 1942.

⁴⁸ A junção de Escolas preexistentes era a principal característica das universidades criadas nessa época.

⁴⁹ O inciso 2º da lei de criação da UREMG designava que a ESV deveria retornar a Viçosa, “[...] a Escola Superior de Veterinária do Estado de Minas Gerais será transferida desta Capital (Belo Horizonte) para Viçosa no início de 1950, devendo ser feitas em 1949 as construções indispensáveis ao seu funcionamento na nova sede.” (MINAS GERAIS, 1948). Em 1950, pela Lei n.º 1.254 a ESV foi federalizada e incorporada à Universidade Federal de Minas Gerais (BRASIL, 1950).

⁵⁰ Decreto N.º 3.292 de 25 de maio de 1950.

finalidades: Formar engenheiros; formar veterinários; formar bacharéis em ciências domésticas; preparar professores em geral, e, em particular, para o ensino agrícola, veterinário e de ciências domésticas; formar especialistas, principalmente nos diversos ramos da ciência agrícola e da veterinária; realizar, em sua sede ou onde julgar conveniente, trabalhos de pesquisa e experimentação; ministrar ensino a todos os interessados, especialmente a agricultores e seus filhos, bem como prestar-lhes assistência (MINAS GERAIS, 1950, art. 3).

A Universidade consolidava seu compromisso em desenvolver as atividades de ensino, pesquisa e extensão, “dando grande ênfase à extensão rural e prevendo para o desenvolvimento de tal atividade a formação de bacharéis em Ciências Domésticas pela instituição” (MINAS GERAIS, 1950).

A partir do início da década de 1950, a presença dos organismos estadunidenses na instituição se ampliou, através da realização do convênio entre a recém-criada Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e a *Purdue University*. Contudo, de acordo com Ribeiro (2007), o primeiro acordo realizado entre a UREMG e as entidades estadunidenses foi em 1948 entre o governo do Estado de Minas Gerais e a *American International Association for Economic and Social Development (AIA)* (Associação Internacional Americana), entidade comandada por Nelson Rockefeller. Este acordo resultou na criação da Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR)⁵¹ em 1949. A ACAR tinha como incumbência a oferta de empréstimos e assistência técnica a pequenos agricultores da região, além de um serviço de economia doméstica, realizado através de visitas domiciliares e de cursos sobre diversos assuntos relacionados às tarefas domésticas.

Em 1950, foi firmado o “Acordo Básico de Cooperação Técnica entre o Brasil e os Estados Unidos da América”, entre o Ministério das Relações Exteriores e a Embaixada norte-americana no Brasil, que tinha como objetivo “o intercâmbio de conhecimentos técnicos e a cooperação em atividades correlatas que possam contribuir para um desenvolvimento equilibrado e coordenado dos recursos econômicos e da capacidade produtiva do Brasil”⁵². Para o desenvolvimento das atividades propostas

⁵¹Em dezembro de 1948, o Governo de Minas Gerais assinava convênio com a “*American International Association*” (A.I.A), criando a Associação de Crédito e Assistência Rural – ACAR, que iniciou suas atividades a partir de janeiro de 1949. Introduzia-se, assim, no Brasil, a ideia extensionista, com o objetivo de trabalhar pela promoção do homem rural. A Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR) foi fundada em 1949 e extinta em 1975, no mesmo ano que se criou a Emater em Minas Gerais (RIBEIRO, 2007).

⁵² Todos os técnicos e suas famílias que viessem ao país para prestar seus serviços, estariam isentos de qualquer tipo de imposto, assim como direitos para importação. Sistema Consular Integrado- Ministério das Relações Exteriores. SCI - Sistema atos Internacionais. Disponível em: <<http://dai->

neste acordo, o Governo do Brasil se comprometia a dar aplicação eficaz aos projetos elaborados tanto quanto lhe permitissem os recursos financeiros disponíveis, arrecadados no país ou no exterior. Assim, projetos subsidiários, como outros acordos poderiam ser realizados em consonância com os envolvidos. Desse modo, os dois governos se comprometeram a fornecer:

- a) Informações sôbre os projetos, programas providências e atividades executadas com base neste Ajuste, inclusive dados sôbre o emprêgo dos fundos, materiais, equipamentos e serviços fornecidos na forma disposta no presente Ajuste;
- b) Informações relativas à assistência técnica já solicitada ou a ser solicitada de outros países e organizações internacionais⁵³.

Ademais, ambos os governos, do Brasil e dos Estados Unidos (EUA), deveriam publicar, nos respectivos países, relatórios periódicos sobre os trabalhos de assistência técnica executados com base neste acordo, apresentando informações sobre o destino dos investimentos, como matérias e equipamentos, assim como sobre a execução de serviços. Era interesse dos EUA uma ampla publicidade sobre a colaboração entre os dois países para influenciar a sociedade em favor dos Estados Unidos.

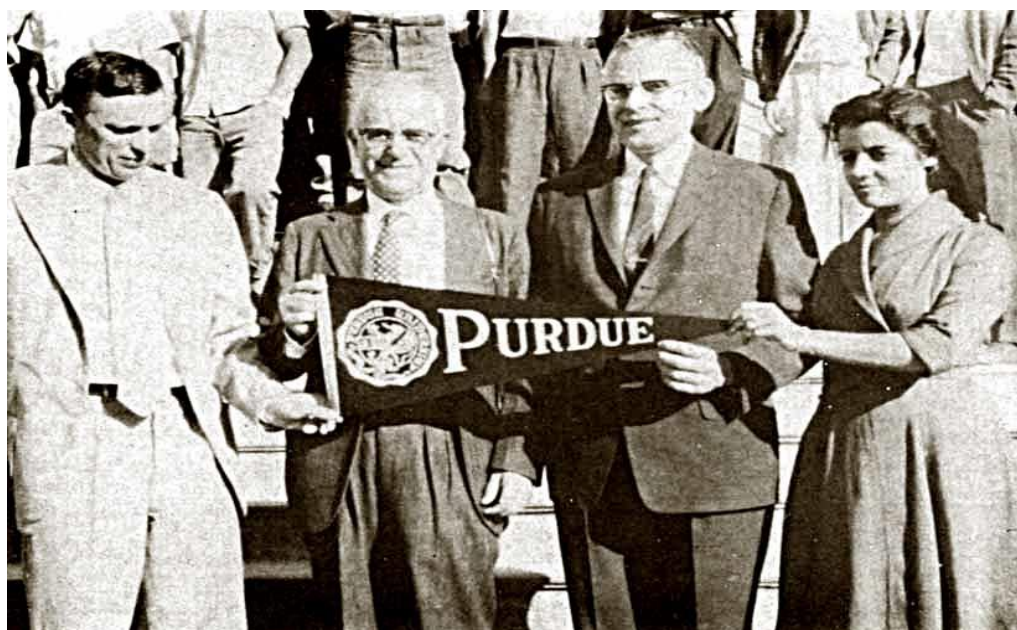


Figura 4: Programa de Intercâmbio com a Universidade Purdue⁵⁴. Na foto, ao centro, reitores Lourenço Menicucci, da UREMG, e Earl Butz da Universidade de Purdue (s.d.)⁵⁵

mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1950/b_39/at_download/arquivo>. Acesso em 24 de Outubro de 2016.

⁵³ Ibidem.

Em 1951, foi dado início ao convênio entre a *Purdue University* e a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), quando se realizou, na UREMG, um treinamento de técnicos em Economia Doméstica e Extensão Rural, como ação/desdobramento do acordo assinado em 1950 por meio da cooperação entre a UREMG e o Departamento de Agricultura dos Estados, para estabelecer um programa de Extensão Rural e Economia Doméstica em Minas Gerais (RIBEIRO, 2009). A consolidação da extensão rural se tornaria um dos grandes objetivos na UREMG, sobretudo pelo fato de que o “serviço de extensão seria um serviço conectivo entre a Universidade e a população, principalmente a população rural” (COMETTI, 2005, p. 83). O interesse do Governo do Estado de Minas Gerais em conseguir assistência técnica dos EUA foi discutido “entre funcionários da Universidade Rural de Minas Gerais e do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos da América, juntamente com funcionários dessa Embaixada”⁵⁶. Assim sendo,

[...] o Govêrno dos Estados Unidos da América está preparado, dentro dos limites impostos pelos fundos disponíveis para aqueles fins, a providenciar a designação de técnicos qualificados para colaborarem com a Universidade Rural de Minas Gerais no aperfeiçoamento de cursos de Ciências Domésticas e Métodos de Extensão Agrícola, e de um serviço de extensão no campo da Agricultura, Ciências Domésticas, Nutrição e Higiene Rural, devendo os técnicos americanos, designados para aquele fim, estabelecer-se em Viçosa, no Estado de Minas Gerais, ou em outras localidades determinadas por acôrdo entre as autoridades competentes do Govêrno do Estado de Minas Gerais e do Governo dos Estados Unidos da América.

O acordo entrou em vigor em 29 de junho de 1951, podendo ser prorrogado por períodos anuais subsequentes. Em vista disso, foram enviados à UREMG, em 1952, dois técnicos norte-americanos, a professora Anita Dickson, especialista em Economia Doméstica, que iria tratar tanto da administração da Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD), como apoiar a Universidade na organização de minicursos em Economia Doméstica e o professor Orlando Winks, especialista em extensão rural que deveria trabalhar na UREMG por dois anos, no desenvolvimento das atividades de extensão. Em 1958, seis anos depois, o governo brasileiro assinou o convênio entre a

⁵⁴Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/TeCer/Educa%C3%A7%C3%A3o/Ufv/ufv0002.html> Acesso em 15 março de 2017

⁵⁵ Disponível em: <https://pt.slideshare.net/IgorBulhes/86-anni4>. Acesso em 15 março 2017

⁵⁶Sistema Consular Integrado- Ministério das Relações Exteriores. SCI - Sistema atos Internacionais. Disponível < http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1951/b_27/at_download/arquivo > Acesso em 24 de outubro de 2016.

Purdue University e a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais até o ano de 1969, renovado até 1973, tendo como objetivo a modernização da agricultura brasileira, com o desenvolvimento da pós-graduação. De acordo com Gustavo Bianch Silva (2014, p. 73), são apontados como as finalidades do convênio *Purdue/UREMG*:

1) Fortalecer o treinamento em agricultura e ciência doméstica nas universidades rurais e escolas secundárias; 2) Ajudar a desenvolver pesquisas mais úteis e efetivas em agricultura e em ciência doméstica nas escolas e instituições brasileiras de pesquisa; 3) Auxiliar a estabelecer um sistema mais efetivo de disseminação de informações sobre agricultura e ciência doméstica para as populações rural e urbana; 4) Ajudar a desenvolver no Brasil a filosofia do “Land-Grant College” com a integração do ensino, pesquisa e extensão; 5) Ajudar a desenvolver no Brasil um reconhecimento público mais forte sobre a dignidade da agricultura e ciência doméstica e importância para a economia do país de uma agricultura eficiente e uma vida rural satisfatória.

Através do acordo de cooperação entre as instituições, cabia a Universidade de *Purdue*

[...] irá aconselhar e ajudar na formação do pessoal da Universidade Rural na organização, administração e métodos de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Agricultura, Veterinária e Economia Doméstica, a fim de que a instituição possa prestar seus melhores serviços para a agricultura e a vida doméstica de Minas Gerais e do Brasil (**tradução nossa**)⁵⁷.

Para o desenvolvimento das metas do convênio com a Universidade de *Purdue*, a UREMG buscou apoio de outras entidades governamentais e filantrópicas estadunidenses que interviram na instituição na concessão de recursos para o desenvolvimento das atividades. Dessa forma, de sua transformação em Universidade em 1948 à sua federalização em 1969, a instituição realizou diversos convênios com órgãos do Brasil⁵⁸ e do exterior. Dentre as instituições governamentais e não governamentais dos Estados Unidos que atuaram na Universidade podemos citar:

⁵⁷ Purdue University, and will advise and aid in training the staff of Universidade Rural in organization, administration and methods of teaching, research and extension in the fields of Agricultura, Veterinary and Home Economics, in order that Universidade Rural may render its greatest service to the agricultura and home life of Minas Gerais and Brazil (p.1). **General Plan. Under the terms of this contract, Purdue University will cooperate with, 1957 (ACH/UFV).**

⁵⁸[...] Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR); Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID); Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE); Comissão Supervisora do Plano dos Institutos (COSUPI); Companhia Brasileira de Armazenamento (CIBRAZEM); Conselho Nacional de Pesquisas (CNPQ); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Escritório Técnico de Agricultura (ETA); Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (GERCA); Instituto brasileiro do Café; Instituto Nacional do desenvolvimento Agrário

-Fundação Rockefeller;

-Aliança para o Progresso, através da criação do Conselho técnico da Aliança para o Progresso (CONTAP)⁵⁹;

-*United States Agency for International Development (USAID)*, convênio com o Ministério da Agricultura;

-Fundação Ford, com a realização do convênio entre a Fundação e o Governo do Estado de Minas Gerais;

Como resultado do impulso recebido com o acordo de cooperação entre as duas Universidades *Purdue/UREMG* e a concessão de recursos doados pelas instituições estadunidenses, se iniciou o “estabelecimento do primeiro programa de pós-graduação em ciências agrárias da América Latina, no ‘estilo norte americano⁶⁰” (BORGES, SABIONI, MAGALHÃES, 2006, p. 131). Em 1961, foram criados os primeiros cursos de pós-graduação em Ciências Agrárias na Universidade, o Mestrado em Olericultura⁶¹ e Economia Rural, em 1962, o Mestrado em Zootecnia, e em 1968, o Mestrado em Extensão Rural.

A existência de cursos *Master of Science* na instituição foi importante para o avanço dos projetos do convênio com a *Purdue*, pois, através dele, professores estadunidenses puderam vir para a UREMG desenvolver suas pesquisas e disseminar seus conhecimentos, enquanto professores brasileiros foram para os EUA realizar cursos de Mestrado e Doutorado. De acordo com Ednéia Silva Santos Rocha (2015, p. 43), “o financiamento de pesquisadores no exterior serviu principalmente como veículo de uma ideologia de desenvolvimento”. Os professores geralmente retornavam após realizar os cursos de pós-graduação nos EUA, ao seu país de origem, tomados por saberes que deveriam ser difundidos.

(INDA); Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura (SMMA); e Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB) (BORGES, SABIONI, MAGALHÃES, 2006).

⁵⁹ O CONTAP foi criado em outubro de 1965, dentro do Ministério do Planejamento. O "Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso" era destinado a obter e gerir recursos para o financiamento de programas e projetos de cooperação técnica bem como ajuda de capital (BRASIL, 1965, art.1).

⁶⁰ O estilo norte-americano (*american way of life*) é uma expressão aplicada a um estilo de vida dos habitantes dos Estados Unidos da América. Um comportamento dominante e expressão do ethos nacionalista desenvolvido a partir do século XVIII, cuja base é a crença nos direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade, como direitos inalienáveis de todos americanos, nos termos da Declaração de Independência em 4 de julho de 1776. Para Arraes (2010, p. 2), o americanismo é assumido enquanto uma “‘ideologia programática’ em que estão presentes diversos elementos discursivos, tais como o ideal de democracia, o progresso e a tradição, o trabalho, a liberdade. Toda essa discursividade condensada e assumida enquanto uma prática de vida cotidiana ficou também conhecida como *american way of life*”.

⁶¹ Etimologicamente olericultura significa cultura de hortaliças.

Em 1961, o Congresso dos Estados Unidos regulamentou o *Foreign Assistance Act* (Lei de Ajuda Externa), que reorganizou os programas de assistência social e criou uma agência responsável pelos programas de ajuda econômica a outros países, a USAID⁶². O *Foreign Assistance Act* foi aprovado pelo Congresso dos EUA no pós-guerra, dando origem a um novo sistema de ajuda internacional estadunidense e a estrutura da USAID. No contexto de emergência da Guerra Fria⁶³, os programas de assistência internacional dos EUA foram separados em dois segmentos: a ajuda militar e a ajuda não militar. A Agência Internacional para o Desenvolvimento (USAID) ficou contemplada com independência para a realização de objetivos essencialmente humanitários (SILVA, 2011).

Para Ribeiro (2009), a entrada da USAID na UREMG foi através do convênio que envolveu a Universidade de *Purdue*. A USAID tinha dentre seus objetivos, fornecer assistência técnica e financeira, a áreas de crescimento econômico, dentre eles: a agricultura e a educação. Dessa forma, ela atuou junto à UREMG durante boa parte da década de 1960 devido à constante instabilidade financeira da instituição. Através dos recursos alocados via USAID foi possível cobrir os gastos com as instalações dos professores e técnicos da *Purdue* e suas famílias, em Viçosa, no financiamento para tradução de livros do inglês para o português, na compra de máquinas agrícolas, na concessão de bolsas de estudos, no Brasil e no exterior e nos investimentos na extensão rural da Universidade (SILVA, 2014).

Em 1967, o vínculo entre a Universidade de *Purdue* e a USAID criou oportunidade para a concessão de um financiamento através do Banco Interamericano de Desenvolvimento (SILVA, 2014) que contribuiu para o andamento das atividades na instituição. “Os US\$ 900,000⁶⁴ (novecentos mil dólares) do financiamento destinados a UREMG serão utilizados para completar a construção dos seguintes edifícios: da biblioteca, da biologia, ciências vegetais, escola de floresta e dormitórios dos estudantes”⁶⁵ (tradução nossa).

⁶² Em 1953 foi assinado um “Acordo para o Programa da Agricultura e Recursos Naturais”, entre o Governo dos Estados Unidos da América e o Brasil, para execução de um programa de cooperação agrícola. Em 1964, quando esse programa foi prorrogado até 1968, a USAID passou a responder pela administração de Cooperação Técnica. Havendo uma nova prorrogação até 31 de dezembro de 1969.

⁶³ A Guerra Fria teve início com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e terminou com a extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991.

⁶⁴ Devido a diversificação da grafia encontrada nos diversos trabalhos e fontes primárias utilizadas para realização deste trabalho, optou-se pela padronização dos valores em dólares apresentados.

⁶⁵ The US\$ 900,000 according to the allocation is to supplement the construction of the following buildings: A)Library, b)Biology, c)Plant Sciences, d) Forest School, e) Students Dormitories. Carta do



Figura 5: Construção de dormitórios destinado aos funcionários e aos alunos da pós-graduação (s.d.)⁶⁶

Para desenvolver suas atividades internacionalmente, a USAID contava com o apoio de outras organizações estadunidenses, como a Fundação Rockefeller e Fundação Ford, que colaboraram ativamente no Projeto *Purdue/UREMG*. A doação de recursos financeiros realizados à UREMG por essas duas instituições possibilitaram o desenvolvimento da infraestrutura e da formação acadêmica, aumentando o número de pesquisas realizadas na instituição.

A Fundação Rockefeller passou a atuar junto à Universidade em 1948, quando o Governo do Estado assinou o convênio com a *American International Association (AIA)* (Associação Internacional Americana), comandada por Nelson Rockefeller, para o desenvolvimento de projetos em extensão rural. A partir de 1960, com a inclusão da UREMG no acordo de cooperação entre o Estado e a Fundação Rockefeller, esta passou a realizar doações para o desenvolvimento de outras áreas da instituição até 1970.

Nesse aspecto, a Rockefeller foi responsável pela doação de recursos para investimentos na aquisição de materiais e equipamentos para laboratórios, bolsas de estudos para professores, pagamento de funcionários, construção de laboratório de pesquisa, contribuindo para o fortalecimento do ensino e da pesquisa na instituição. Em 1966, a Fundação Rockefeller realizou uma doação à UREMG no valor de US\$ 57,000 (cinquenta e sete mil dólares)⁶⁷. Essa importância deveria ser aplicada no

Reitor da UREMG ao Sr. Stacey Widdicombe, da Fundação Ford. Informando sobre empréstimo financiado pelo BID à UREMG, 1966. **ACH/UFV**.

⁶⁶ Disponível em: Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Arquivo Central e Histórico UFV (ACH/UFV).

⁶⁷ **INFORMATIVO UREMG**, 30 de agosto de 1966. **ACH/UFV**.

desenvolvimento da Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD) e foi utilizada para a compra de móveis para os dormitórios, aquisição de equipamentos eletrônicos, financiamento de bolsas de estudos de professoras da ESCD no exterior e para um programa de coleta e avaliação de espécies e variedades hortícolas, no Instituto de Economia Rural e no programa de melhoramento de plantas, no Instituto de Fitotecnia. Em 1968, a Fundação Rockefeller doou US\$ 15,000 (quinze mil dólares)⁶⁸, para ser aplicado na Biblioteca Central e para um programa na compra de livros e revistas.

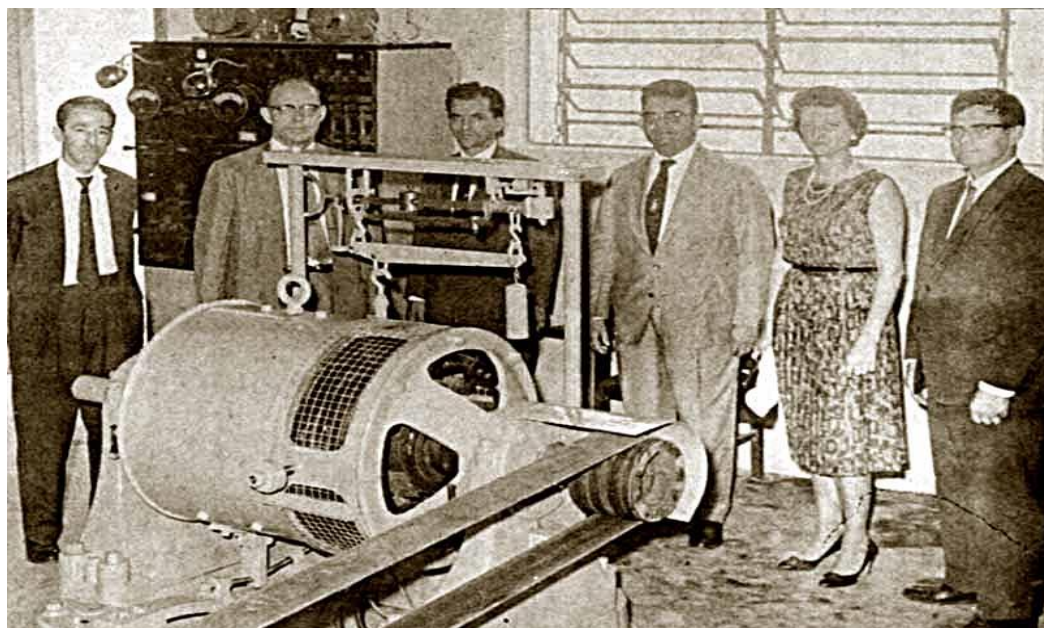


Figura 6: Laboratório de mecânica agrícola (1963)⁶⁹

A Fundação Ford entrou na UREMG em 1964 através do convênio assinado entre a Fundação e o Governo do Estado de Minas Gerais, para a expansão da UREMG. O acordo estipulava a alocação de doações durante os próximos cinco anos, no qual a Fundação se comprometeu “a fornecer à Universidade Rural do Estado de Minas Gerais uma ajuda financeira de US\$ 995,000 (novecentos e noventa e cinco mil dólares) em parcelas anuais [...]”⁷⁰ (MINAS GERAIS, 1964). Os pagamentos seriam realizados da seguinte forma: Em 1964, US\$ 400,000 (quatrocentos mil dólares); em 1965, US\$ 250,000 (duzentos e cinquenta mil dólares); em 1966, US\$ 200,000 (duzentos mil

⁶⁸ **INFORMATIVO UREMG**, 05 de maio de 1968. ACH/UFV.

⁶⁹ Disponível

em:

<http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/TeCer/Educa%C3%A7%C3%A3o/Ufv/ufv0002.html> Acesso em 15 março 2017

⁷⁰ Resolução n.644/1964. Autoriza o Governo do Estado a celebrar convênio com a Fundação Ford. Disponível na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (Microfilmagem).

dólares); em 1967, US\$ 100,000 (cem mil dólares) e em 1968, US\$ 45,000 (quarenta e cinco mil dólares). Em contrapartida, o Governo do Estado deveria contribuir com valor equivalente em cruzeiros (moeda da época).

Durante os anos em que a Fundação atuou na instituição concedeu doações para:

-Bolsas de estudos para professores realizarem pós-graduação em diversos países, como: Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra, Venezuela, Costa Rica, Espanha e México;

-Financiamento de viagens para professores em companhia de seus familiares, no Brasil e para o exterior, para a realização de cursos de pós-graduação;

-Custeio de despesas para participação em congressos, seminários e reuniões, tanto no Brasil como no exterior;

-Complementação de bolsas de estudos e salários;

-Aquisição de equipamentos para a expansão de laboratórios;

- Construção da primeira biblioteca da Universidade fundada em 1969 e da casa nº 52 da Vila Giannetti que fica dentro da Universidade, conhecida na época, como “casa da Ford”.

-Foram realizadas também reuniões, congressos e seminários no Brasil, com a participação de cientistas, estudantes, técnicos da Fundação Ford e personalidades do governo (SILVA, 2014).



Figura 7: Biblioteca Central da UFV (Década de 1970)⁷¹
No ano de 1968,

⁷¹Disponível

<http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/TeCer/Educa%C3%A7%C3%A3o/Ufv/ufv0002.html>. Acesso em 15 de março de 2017.

[...] a Fundação disponibilizou um recurso generoso para os mais diversos setores do Instituto de Economia Rural. Os 260,000.00 mil dólares doados foram destinados para dar suporte aos programas de pesquisa, para a contratação de 2 ou 3 assistentes de professores, publicação de boletins de pesquisas e a contratação de professores estrangeiros para o período de 2 anos (SILVA, 2014, p. 98)

Contudo, o investimento mais emblemático da Fundação Ford foi para construção da Central de Experimentação, Pesquisa e Extensão (CEPET)⁷², em Capinópolis no Triângulo Mineiro, fundada oficialmente em 22 de novembro de 1965.



Figura 8: Central de Experimentação e Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET) (s.d.)⁷³

A CEPET tem por objetivo levar aos produtores rurais as soluções para seus problemas na atividade agropecuária e servir de palco para a introdução de todas as inovações técnico-científicas obtidas pelos docentes e pesquisadores da UREMG e instituições coirmãs, recomendadas somente após exaustivos testes de campo (BORGES, SABIONI e MAGALHÃES, 2006, p. 117-118).

A construção da CEPET foi considerada uma grande contribuição da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais para o desenvolvimento científico e tecnológico por ter sido construída em uma das regiões onde ocorria o maior

⁷² No início da década de 1960, quando o país iniciou o uso intensivo da mecanização na agricultura, a Universidade Federal de Viçosa dava mais um passo para sua consolidação, criando a Central de Experimentação, Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET), no município de Capinópolis-MG (BORGES, SABIONI E MAGALHÃES, 2006).

⁷³ Disponível em: Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Arquivo Central e Histórico UFV (ACH/UFV).

crescimento da agropecuária ao nível nacional na época (BORGES; SABIONI e MAGALHÃES, 2006).

De acordo com Brooke (2002), a UREMG/UFV, recebeu da Fundação Ford 6,5 milhões de dólares em apenas dois financiamentos nos anos de 1965 e 1968, num curto período de tempo, para a expansão da instituição que era especialmente voltada para a pesquisa e o ensino da agricultura.

Brooke (2002), ao tratar de doações da Fundação Ford a universidades brasileiras, informa que:

- Em 1965, a UREMG recebeu US\$ 5,407.609 dólares visando à expansão da universidade brasileira e desenvolvimento de programas de pesquisa e cursos de extensão universitária;

- Em 1968, a UREMG recebeu US\$ 1,127.451 dólares com o objetivo de consolidar seu programa de pós-graduação em economia agrícola;

- Em 1970, a UFV recebeu US\$ 1,259.912 dólares visando à expansão da universidade e desenvolvimento de seus programas de pesquisa e extensão.

Somando-se estes valores, a Universidade recebeu da Fundação Ford, entre as décadas de 1960 e 1970, três doações no valor total de US\$ 7,794.972 milhões de dólares. Entretanto, Brooke (2002) ao situar a Universidade Federal de Viçosa como quinto maior donatário da Fundação no Brasil, refere-se ao total de doações no valor de US\$ 11,051.197 milhões de dólares, não especificando as demais doações.

Segundo Anderson (2002, p.73), o ensino superior era fundamental para as atividades da Fundação Ford no país que “visava à formação de uma massa crítica de profissionais treinados em áreas consideradas estratégicas [...]”, por isso, o foco na criação de cursos de pós-graduação. Só para a UFV, foram doados mais de 10 milhões de dólares parcelados para o investimento na pós-graduação (ANDERSON, 2002). Todas as doações foram aplicadas em áreas estipuladas pela Fundação, ela escolhia as áreas em que os investimentos deveriam ser empregados e a Universidade prestava contas dos gastos em relatórios narrativos e financeiros, enviados trimestralmente. Nessa época, as ciências sociais eram o foco da Fundação Ford no Brasil.

A liberação de novos recursos era vinculada ao envio do relatório e da aprovação dos gastos⁷⁴. De acordo com o Representante da Fundação Ford, Reynold E. Carlson,

⁷⁴ Identificamos durante a leitura das correspondências trocadas entre a Universidade e a Fundação Ford que os Relatórios solicitados pela fundação foram todos enviados. No entanto, somente encontramos uma cópia do último relatório anual encaminhado a Fundação Ford no Arquivo Central e Histórico da UFV.

A Fundação Ford, normalmente, tem relutância em financiar facilidades físicas. Todavia, em vista da alta prioridade de certos itens desse projeto, concordou em alocar numerário para casos selecionados tais como a biblioteca, o novo centro de pesquisa e extensão a ser localizado provavelmente no oeste de Minas Gerais, e os novos laboratórios de ciências. Subentende-se que a Fundação Ford prefere investir seus recursos em estruturas de tipo estritamente acadêmico, deixando para a contrapartida do Estado de Minas Gerais os melhoramentos da infraestrutura e construções especializadas no campo de tecnologia⁷⁵.

Assim, através de grandiosas doações em dinheiro à UREMG, “as Fundações Ford e Rockefeller adentraram na rede científica vinculada ao Projeto *Purdue* e atuaram diretamente na perspectiva da modernização da agricultura preconizada pelos Estados Unidos nas décadas de 1960-1970” (SILVA, 2014, p. 93). Com o apoio recebido através do convênio *Purdue/UREMG* e as demais instituições estadunidenses que atuaram junto à Universidade durante no período do projeto, houve um acelerado processo de expansão desta nas as áreas do ensino, pesquisa e extensão. Apenas a *Purdue University* enviou à UREMG, “mais de U\$ 354.000,00 dólares no valor de equipamentos científicos e educacionais” (SILVA, 2014, p. 87).

Tabela 1 – Convênios entre a UREMG e as entidades estadunidenses

Ano de início	Ano de encerramento	Acordo	Características
1958	1973	<i>Purdue University</i>	A Universidade de <i>Purdue</i> cooperou com a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais e aconselhou e auxiliou no treinamento do seu pessoal para organização, administração e métodos de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Agricultura, Veterinária e Economia Doméstica, de forma que a instituição possa prestar seus melhores serviços para a agricultura e a vida doméstica de Minas Gerais e do Brasil ⁷⁶ .
1960	1970	Fundação Rockefeller	O Governo do Estado de Minas Gerais realizou um convênio com a Associação Internacional Americana (AIA), comandada por Nelson Rockefeller, para realização de um sistema de crédito que visava proporcionar o aumento da produção

Fifth Annual and final Report (December 1, 1968 to November 30, 1969) Ford Foundation Grant to UREMG (Grant nº O.D.-1573). Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Arquivo Central e Histórico UFV (ACH/UFV).

⁷⁵ Carta do Representante da Fundação Ford no Brasil, Reynold E. Carlson, ao Reitor da UREMG, Dr. Edson Postch Magalhães, 1964. ACH/UFV.

⁷⁶ Under the terms of this contract, Purdue University will cooperate with (Termos do contrato com a Purdue University), 1957. ACH/UFV.

			agropecuária e a concessão de outros benefícios a comunidade rural. ⁷⁷
1964	1969	(USAID) Ministério da Agricultura	Este programa tinha como objetivos facilitar o desenvolvimento da agricultura e dos recursos naturais do Brasil, mediante ação conjunta dos dois governos; Estimular e aumentar o intercâmbio entre os dois países, em matéria de conhecimentos, eficiência profissional e processor técnicos no domínio da agricultura e dos recursos naturais; Promover e fortalecer o entendimento e a boa vontade entre os povos do Brasil e dos Estados Unidos da América, bem como o desenvolvimento das normas de vida democrática ⁷⁸ .
1964	1969	Fundação Ford, Convênio com o Estado de Minas Gerais.	O objetivo do presente convênio é estabelecer colaboração entre o Governo do Estado de Minas Gerais e a Fundação Ford no sentido de, através de uma ajuda financeira simultânea à Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, proporcionando meios para sua expansão ao desenvolvimento de suas pesquisas e ao treinamento em extensão ⁷⁹ .
1965	1970	Aliança para o Progresso (CONTAP)	Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso (CONTAP) era destinado a obter e gerir recursos para o financiamento de programas e projetos de cooperação técnica bem como ajuda de capital. Competiu a CONTAP: aprovação, da aplicação dos recursos em moeda estrangeira, provenientes da AID, do BID e demais agências financeiras da Aliança para o Progresso e a fixação de critérios para a aplicação dos recursos, de conformidade com as diretrizes da cooperação técnica ⁸⁰ .

Fonte: Arquivo Central e Histórico da UFV, Leis e Decretos.

⁷⁷ Lei nº 773, de 01 de Janeiro de 1951. Autoriza a Celebração de Convênio entre o Governo do Estado e a Associação Internacional Americana (AIA) Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=773&comp=&ano=1951>>. Acesso em 31 de outubro de 2016.

⁷⁸ Decreto Legislativo nº 20, 1956. Acordo entre o Governo dos Estados Unidos do Brasil e do Governo dos Estados Unidos da América, para a execução de um programa de Cooperação Agrícola. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/DLG/DLG20-56.htm>. Acesso em 31 de outubro de 2016.

⁷⁹ Resolução n.644/1964. Autoriza o Governo do Estado de Minas Gerais a celebrar convênio com a Fundação Ford. Disponível em: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (Microfilmagem) (MINASGERAIS, 1964).

⁸⁰ Decreto nº 56.979, de 1º de Outubro de 1965. Cria o "Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso" e dá outras providências. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56979-1-outubro-1965-397176-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 31 de outubro de 2016.

Conforme Rocha (2015), através destes acordos, as universidades brasileiras, entre elas a UFV, são induzidas em suas preferências incorporando conhecimentos, técnicas e valores estadunidenses. Desta forma, os Estados Unidos conseguiam ampliar seu poder em território latino americano, “esse poder vai além da capacidade de persuasão ou influência, pois é capaz de atrair espontaneamente adeptos aos propósitos estabelecidos” (2015, p. 33).

A crescente dependência que a pesquisa científica tem do fomento obriga os cientistas a moldarem seus projetos de acordo com os princípios preestabelecidos do órgão financiador. Nota-se que desde o início da atuação das fundações, elas observam potencial estratégico em se investir no campo do desenvolvimento científico e tecnológico, de modo que os donatários se tornem divulgadores do modelo modernizante de ciência (ROCHA, 2015, p. 75).

No contexto da Guerra Fria (1945-1991), em que havia forte disputa por áreas de influência entre os Estados Unidos e a União Soviética, os estadunidenses se utilizaram da atuação dessas organizações, através dos programas de ajuda financeira, para a disseminação do *american way of life* (modo de vida estadunidense). Nas palavras de Falleiros; Pronko; Oliveira (2010), essas entidades tinham um papel estratégico na formação de intelectuais orgânicos para o capital, para disseminar o que seria o “estilo estadunidense” de ser e viver que viria propiciar a legitimação e a manutenção de uma nova ordem mundial em favor do capital.

Neste período, ocorria a modernização da produção agrícola no país. O desenvolvimento da agricultura de um país era considerado um dos fatores preponderantes para seu crescimento social e econômico. E a expansão da Universidade na produção de conhecimentos científicos, dependente do investimento das entidades estadunidenses era propício aos interesses dos Estados Unidos. Conforme Ribeiro (2010, p.19), “tal projeto atendia, em parte, interesses do governo norte-americano em sua estratégia de manter nosso país como economia agroexportadora inserida de forma subordinada ao mercado internacional e como aliado político no contexto da Guerra Fria”. Com o desenvolvimento do país, nos tornaríamos grandes consumidores de produtos estadunidenses e a expansão da agricultura brasileira acontecia vinculada a aquisição de equipamentos agrícolas e a aplicação de implementos (agrotóxicos), produzidos e exportados pelos EUA.

No Brasil, após o golpe militar de 1964, foram reduzidas as barreiras ao comércio internacional. A entrada de capital estrangeiro e o desenvolvimento agrícola

se constituíam como estratégia para que o país alcançasse o seu lugar de destaque no cenário mundial. Desse modo, a realização dos acordos de cooperação entre Brasil e Estados Unidos era interessante estrategicamente a ambos os países.

Se observarmos uma imagem da Universidade nos anos 40 e outra nos anos 60 podemos ter claramente a dimensão do seu crescimento em infraestrutura:



Figura 9: vista parcial da Escola (1941)⁸¹

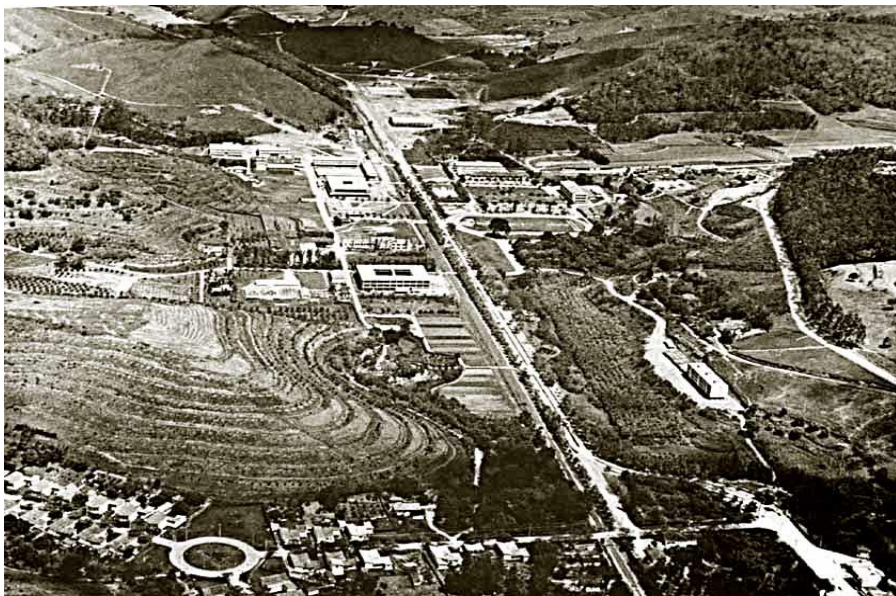


Figura 10: Vista parcial da então UREM (década de 1960)⁸²

⁸¹Disponível

<http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/TeCer/Educa%C3%A7%C3%A3o/Ufv/grande043.htm> Acesso em 15 março 2017.

em:

Durante o convênio entre a Universidade de *Purdue* e a UREMG, a instituição também passou por grandes problemas financeiros. Ao longo de toda década de 1960, por diversas vezes, os professores brasileiros solicitaram que os técnicos da *Purdue* intervissem junto ao governo do Estado de Minas Gerais, para a obtenção de recursos financeiros para pagamento de salários, manutenção da infraestrutura, arcar com as despesas da instituição e dar continuidade às pesquisas (SILVA, 2014).

Os professores chegaram a ficar sem o pagamento de salários e a instituição sem recursos para cumprir com suas obrigações financeiras. Segundo Coelho (1991, p.119), a Universidade pagou os salários dos professores através de doações realizadas pelo projeto *Purdue/UREMG*, devido “à crise pela qual passou o Estado de Minas, entre os anos cinquenta e sessenta”. Ainda assim, a Universidade continuava a passar por dificuldades financeiras. Foi neste contexto, que o governo do Estado propôs a federalização da UREMG⁸³, alegando não ter mais condições financeiras de manter a Universidade.

Com o crescimento da UREMG, ao longo de seus 40 anos de maneira especial nos últimos tempos, tem sido de tal ordem que o estado não se sente em condições de mantê-la e assegurar-lhe os recursos indispensáveis ao seu contínuo desenvolvimento (INFORMATIVO UREMG, 1967)⁸⁴.

No ano de 1968, a indefinição sobre o processo de federalização afetou todo o cotidiano escolar. Sem uma resolução por parte do Estado de Minas Gerais, os técnicos estadunidenses passaram a interferir e apoiar o processo de federalização. De acordo com Silva (2014), no relatório anual, os membros do Projeto *Purdue* registraram a possibilidade do primeiro semestre não começar devido aos problemas financeiros que a instituição vinha enfrentando e indignaram-se com a omissão do governo do Estado:

Declarações apareceram que a UREMG deveria fechar (não abrir para o começo do primeiro semestre, março) por causa da falta de apoio financeiro do Estado, seguido pelo anúncio da Associação de Professores da universidade que eles recusariam dar aulas sem os

⁸²Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/TeCer/Educa%C3%A7%C3%A3o/Ufv/ufv0002.html> Acesso em 15 março 2017.

⁸³A Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, consta entre as instituições que foram federalizadas no ano de 1950, por força da Lei 1.254. De acordo com Art. 3º A categoria de estabelecimentos diretamente mantidos pela União compreende: [...] e a Universidade Rural de Minas Gerais, em Viçosa (BRASIL, 1950, art., 3, inciso 2º). No entanto, a instituição somente foi federalizada pelo Decreto de Lei Nº 570/1969.

⁸⁴ **INFORMATIVO UREMG**, 19 de novembro de 1967. **ACH/UFV**.

salários pagos (pesquisa e extensão não foram afetados) (SILVA, 2014, p. 84).

Essa dificuldade permaneceu até a edição do Decreto de Lei N° 570, de 08 de maio de 1969, que foi sancionado, pelo então Presidente Arthur da Costa e Silva, autorizando o Poder Executivo a instituir, em forma de Fundação⁸⁵, a Universidade Federal de Viçosa (UFV). Em 15 de maio de 1969, a instituição passou a ser vinculada diretamente ao Ministério da Educação e Cultura, consolidado pelo Decreto N° 64.825/1969 e, em 15 de julho, a UFV passou a existir como pessoa jurídica, entidade fundacional, constituída pelas seguintes unidades:

I - Instituto de Ciências Exatas. II - Instituto de Ciências Biológicas. III - Instituto de Geociências. IV - Instituto de Ciências Humanas. V - Instituto de Letras e Artes. VI - Escola Superior de Agricultura. VII - Escola Superior de Ciências Domésticas. VIII - Escola Superior de Florestas (BRASIL, 1969, art.13).

No Estatuto da UFV de 1970 permaneceu, entre seus objetivos, o desenvolvimento intrínseco do ensino, da pesquisa e da extensão, modelo este que vigora desde a sua fundação em 1922 até os dias atuais.

2.3. As “vacas magras” e o fim dos convênios de cooperação.

No início da década de 1970, as doações e os financiamentos concedidos à UREMG pelas entidades norte-americanas foram chegando ao fim. Além disso, as novas regras de pagamento de impostos exigidas pelo Governo dos EUA fizeram com que as instituições recuassem em suas doações. Em janeiro de 1970, o representante da Fundação Ford, William D. Carmichael enviou uma carta ao reitor Edson Postch Magalhães, comunicando que a Fundação estava revendo suas normas e práticas filantrópicas, devido à nova legislação que regulamentava as atividades das organizações isentas da cobrança de impostos.

A nova legislação reitera os princípios há muito existentes de que fundações privadas devem operar independentes de interesses governamentais ou mercantis e, que suas atividades sejam conduzidas objetivamente, sem discriminação e com total responsabilidade

⁸⁵Decreto-Lei n° 200/1967, Fundação Pública - a entidade dotada de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, criada em virtude de autorização legislativa, para o desenvolvimento de atividades que não exijam execução por órgãos ou entidades de direito público, com autonomia administrativa, patrimônio próprio gerido pelos respectivos órgãos de direção, e funcionamento custeado por recursos da União e de outras fontes (BRASIL, art. 5, 4°, I, 1967).

pública. [...] estamos procedendo a uma revisão sistemática de todas as nossas doações existentes no presente, para nos assegurarmos que elas estão condizentes em todos os aspectos com a letra e o espírito da nova legislação⁸⁶.

No entanto, segundo o representante, a Fundação Ford sempre agiu de acordo com as regras estabelecidas pela legislação dos EUA e por isso acreditava que a nova lei não afetaria os programas da instituição. Neste contexto, o Reitor da Universidade chegou a enviar cartas aos representantes da Fundação Ford solicitando a prorrogação do prazo das remessas dos recursos:

Considerando que a doação 680-0480A, feita com objetivo de fortalecer o programa de pós-graduação em Economia Rural, tem período de duração de três (3) anos, e tendo em vista que este período já está se esgotando, venho solicitar seus bons ofícios no sentido de que o prazo da doação seja prorrogado até dezembro de 1976⁸⁷.

Esse pedido foi realizado para que se pudesse manter bolsa de estudos de professores da Universidade que ainda estavam realizando pós-graduação em outros países. Uma nova carta foi enviada pelo Reitor Antônio Fagundes de Sousa em 1975:

Tendo em vista que a doação tem seu prazo de validade até 31 de agosto de 1975, vimos solicitar-lhe que tal prazo seja prolongado até agosto de 1978, uma vez que, neste ano, terminarão os cursos de Mestrado e Doutorado, no exterior, a maioria dos professores que foram contemplados com bolsas, através deste programa⁸⁸.

Em resposta à carta mencionada acima, o representante da Fundação Ford no Brasil disse que todos da Fundação estavam muito satisfeitos com a evolução da Universidade durante o convênio entre as duas instituições e esperavam "... poder manter a nossa colaboração - mesmo que esta precise ser muito mais reduzida, devido aos problemas que V. Magnificência já conhece sobre a nossa situação financeira"⁸⁹.

Ele estava se referindo à crise que se iniciou no começo dos anos 1970, que colocou em xeque o modelo do Estado de bem-estar-social⁹⁰ na década de 1960. As

⁸⁶ Carta enviada pelo Representante da Fundação Ford, Dr. William D. Carmichael, ao Reitor da Universidade Edson Postch Magalhães. 19 de janeiro de 1970. **ACH/UFV**.

⁸⁷ Carta enviada ao Representante em Exercício da Fundação Ford, Dr. Eduardo Venezian. Pelo Reitor da UFV, Sr. Antônio Fagundes de Sousa. 25 de outubro de 1974. **ACH/UFV**.

⁸⁸ Carta enviada ao Assessor em Programas Agrícolas da Fundação Ford, Eduardo Venezian. Pelo Reitor da UFV, Sr. Antônio Fagundes de Sousa. 09 de abril de 1975. **ACH/UFV**.

⁸⁹ Telegrama enviado pelo Representante da Fundação da Ford no Brasil, Eduardo Venezian. Ao Reitor da UFV, Sr. Antônio Fagundes de Sousa. 15 de abril de 1975. **ACH/UFV**.

⁹⁰ O Estado de Bem-Estar Social, modelo predominante nos países ocidentais na segunda metade do século XX propunha o desenvolvimento do mercado, acompanhado de políticas públicas e da interferência do Estado na economia para corrigir os erros e proteger a população.

políticas de bem estar social fomentaram a expansão industrial, a implementação de políticas sociais, a criação de aliança entre os trabalhadores e o pleno emprego (VICENTE, 2009). Por outro lado, houve aumento nos impostos cobrados às grandes empresas, o que gerou descontentamento por parte dos empresários. Somado a isso, a crise do petróleo⁹¹, de 1973, interferiu de maneira decisiva no agravamento da crise. Esses fatores contribuíram, em parte, para que o envio de recursos diminuísse nessa época ou até mesmo cessassem, no caso dos convênios com algumas entidades estadunidenses.

Entretanto, em 18 de outubro de 1976, por carta, o representante da Fundação Ford, Dr. Willard J. Hertz fez um comunicado à Universidade, de mais uma doação à instituição.

Tenho o prazer de informar que a Fundação Ford aprovou um subsídio de US\$ 210,000 (duzentos e dez mil dólares) para a Universidade Federal de Viçosa para o desenvolvimento de programas de pós-graduação em economia agrícola. Esta subvenção está sendo feita em resposta à sua carta de 14 de setembro de 1976 dirigida ao Sr. Eduardo Venezian, representante da Fundação no Brasil. Ele complementa os subsídios anteriores, totalizando US\$ 467,000 (quatrocentos e sessenta e sete mil dólares) em apoio a este programa. Estes termos aplicam-se à utilização, por parte da sua organização, da subvenção da Fundação: Os fundos da subvenção estarão disponíveis durante um período de três anos a contar da data da presente carta⁹²(**tradução nossa**).

Os recursos doados pela Fundação Ford somente poderiam ser utilizados para fins de caridade, científicos, literários ou educacionais. No caso dessa concessão, seria exclusivamente para o desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Economia Agrícola. Além dos relatórios que deveriam ser fornecidos anualmente, outro relatório seria enviado ao representante da Fundação ao final do período da concessão. Esses relatórios continham demonstrações financeiras e um relato parcial [narrativo] do que foi realizado com os fundos, incluindo uma descrição dos avanços verificados em “formação docente, suplementação salarial e infraestrutura”.

⁹¹ A crise de 1973 aconteceu em contrapartida ao apoio dos EUA dado a Israel a ocupação de territórios palestinos durante a guerra do Yom Kippur. Os países árabes se organizaram e decidiram aumentar o preço do petróleo em mais de 300%. A intensão era pressionar o mundo ocidental a apoiar os árabes contra os israelenses (VICENTE, 2009).

⁹² I am pleased to inform you that The Ford Foundation has approved a grant of \$210,000 to the Federal university of Viçosa for strengthening of graduate program in agricultural economics. This grant is being made in response to your letter of September 14, 1976 directed to Mr. Eduardo Venezian, the Foundation's representative in Brazil. It supplements previous grants totaling \$467,000 in support of this program. **Carta enviada pelo Secretário Assistente da Fundação Ford, Willard J. Hertz. Ao Reitor da UFV, Sr. Antônio Fagundes de Sousa. 18 de outubro de 1976. ACH/UFV.**

Os recursos doados para a formação docente deveriam ser aplicados no pagamento de bolsas de estudos a professores da Universidade para a realização de cursos de pós-graduação no Brasil e no exterior e no apoio à participação em seminários, congressos, reuniões e cursos na área da agricultura. Os valores destinados à suplementação salarial, além de, como o nome indica, complementar o salário de docentes e gestores da Universidade, poderia ser utilizado para a contratação de novos funcionários e assistentes de pesquisa (estudantes de graduação). Os gastos em infraestrutura incluíam a construção de prédios, residências, biblioteca, centros de pesquisa e laboratórios, além da aquisição de livros, jornais e periódicos. A categoria infraestrutura foi uma exceção no acordo entre as duas instituições, já que a Fundação Ford realizava, preferencialmente, investimentos na área acadêmica dos seus donatários⁹³.

Esta foi a última doação identificada realizada pela Fundação Ford à Universidade Federal de Viçosa. De acordo com Rocha (2015), além dos problemas financeiros, na década de 1970, houve mudanças na estratégia de atuação da Fundação, que passou a fomentar políticas para o desenvolvimento social e a consolidação das instituições democráticas, aumentando consideravelmente recursos destinados às Organizações Não Governamentais.

Considerações finais:

Neste artigo buscamos apresentar algumas das intervenções realizadas por agências estadunidenses na UFV que aconteceram sobretudo quando esta era vinculada ao Governo do Estado de Minas Gerais e se denominava UREMG (1948-1969). Para esse fim, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, com fontes documentais e bibliográficas sobre o assunto.

As relações da Universidade com os Estados Unidos surgiram antes mesmo da sua criação, quando Artur Bernardes convidou o Dr. Peter Henry Rolfs, um especialista em ensino agrícola e ex-diretor do *Florida Agricultural College* nos EUA, para administrar a construção e fundação da Escola e ser seu primeiro diretor. Desde o início, quando se chamava ESAV, a Universidade adotou como modelo de ensino o mesmo dos *Land-Grant Colleges* estadunidenses.

⁹³ Carta enviada pelo representante da Fundação Ford, Reynold E. Carlson ao reitor Dr. Edosn Postch Magalhães. 16 de novembro de 1964. **ACH/UFV**.

A universidade foi um terreno fértil para a implantação de modelos estadunidenses de ensino, pesquisa e extensão. A aproximação com os Estados Unidos era vista como um caminho para a modernização da agricultura no país, que passava pela formação de profissionais formados segundo os moldes daquele país. Se o Brasil desejava modernizar a agricultura e os métodos de ensino agrícolas, os Estados Unidos tinham forte interesse em expandir seus domínios econômicos e culturais.

Os Estados Unidos se valiam da necessidade e interesse brasileiros de melhoria no ensino superior em agricultura para conquistar aliados e constituir novos mercados consumidores de insumos e máquinas agrícolas. Assim, as doações e financiamentos para a formação de pesquisadores e pesquisas a serem desenvolvidas faziam parte de um esforço para justificar a penetração dos ideais estadunidenses. Se era interessante para os Estados Unidos alargar seus domínios, criar um mercado consumidor de ideias e produtos no Brasil, também era interessante para o Brasil manter suas instituições de ensino superior e aperfeiçoar suas técnicas agrícolas.

A ESAV e a UREMG sofriam com a penúria econômica infringida pelo Estado: atraso de salários, falta de materiais e infraestrutura que chegaram ao quase fechamento da instituição. Os convênios firmados pela UREMG com a AIA (Associação Internacional Americana), a Universidade de Purdue, a Fundação Rockefeller e a Fundação Ford foram mais que fundamentais para o seu crescimento, foram a condição de sobrevivência da universidade. Sem estes convênios, certamente a UFV não seria o que é. Parece-nos que o estabelecimento destas parcerias foi o que permitiu a salvação da própria universidade. A Fundação Ford teve importância indiscutível neste processo, pois seus investimentos na formação acadêmica, suplementação de salários e infraestrutura da Universidade foram vultuosos, fomentando a pesquisa, o ensino e a extensão e deixando marcas indeléveis na história da UFV. Pelo que investigamos, o governo de Minas Gerais não cumpriu a sua parte no contrato de doar a UREMG o mesmo valor financeiro que a Fundação Ford. Esta, por sua vez, doou mais e por mais tempo do que o previsto inicialmente.

Nesta pesquisa, apontamos algumas das influências deixadas pelos estadunidenses desde a criação da Escola em 1920, como o ensino prático, o aprender fazendo, no entanto, não pudemos alcançar o quanto as influências estadunidenses alteraram os modos de pesquisar e atuar dos docentes e funcionários da instituição. O que os docentes que saíram para se formar fora do Brasil traziam na bagagem? Que mudanças implementaram nos modos de fazer agrícola na região? Quais pesquisas

fomentaram? Estas causaram ainda mais dependência dos EUA? Que efeitos tiveram estas relações nos modos de ensinar na Universidade? Que “sementes” deixaram na UFV, para além dos recursos financeiros? Questões a ser investigadas em trabalhos futuros, mas não podemos desconsiderar que os convênios estabelecidos com estas instituições deixaram aqui muitas influências diretas e indiretas, das quais colhemos até hoje, sejam os frutos, sejam as ervas daninhas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, ANTHONY B. Da Produção Agrícola ao Desenvolvimento Sustentável. In BROOKE, Nilge, WITOSHYSNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil, uma parceria para a mudança social = The Ford Foundation's 40 Years in Brazil: A Partnership for social Change**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002.

ARRAES, Marcos Alexandre de M. S. DISCURSOS E IMAGENS DO AMERICANISMO NO PÓS-GUERRA. **9º encontro internacional da Anphlac**. Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 2010. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Arraes%20MAMS.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2017.

ARRUDA, Maria Aparecida. **Origem da Universidade Federal de Viçosa: Modernidade, Agricultura de Exportação e Importação de Modelos (1922-1970)**. Cadernos de História da Educação - nº. 2 - jan./dez. 2003, 144p. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/2cpehemg/arq-ind-nome/eixo8/completos/origens.pdf>>. Acessado em: 05 de julho 2015.

AZEVEDO, D. S. **Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente: O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948)**. Organização e Funcionamento. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo, 2005.

BORGES, José Marcondes et al. (Editores). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

BROOKE, Nilge. O Escritório da Fundação Ford no Brasil, 1962-2002: Um Apanhado Histórico. In. BROOKE, Nilge, WITOSHYSNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil, uma parceria para a mudança social = The Ford Foundation's 40 Years in Brazil: A Partnership for social Change**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002.

COMETTI, Ellen Scopel. **A Extensão na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV): 1926 – 1948**. Tese. Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2005.

FALLEIROS, Ialê. PRONKO, Marcela Alejandra. OLIVEIRA, Maria Teresa Cavalcanti de. Fundamentos históricos da formação/atuação dos intelectuais da nova pedagogia da hegemonia. In. NEVES, L.M.W. (Org.). **A direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2010.

MAGALHÃES, Edson Potsch. Fatos Históricos. Criação da Universidade Rural do estado de Minas Gerais – E sua história. BORGES, José Marcondes et al. (Editores). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

NEVES, L.M.W. (Org.). **A direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2010.

RIBEIRO, Maria das Graças M. **De caubóis e Caipiras. Os Land-Grant Colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa**. 2006. Disponível em: <seer.ufrgs.br/asphe/article/download/29406/pdf>. Acessado em 19 de Abril de 2016.

RIBEIRO, Maria das Graças M. Educação Superior e Cooperação Internacional: O Caso da UREMG (1948-1969). **Revista Intermeio/UFMS**, 2007. Disponível em: <<http://www.intermeio.ufms.br/ojs/index.php/intermeio/article/view/133>>. Acessado em 07 de Julho 2015.

RIBEIRO, Maria das Graças, PORFÍRIO, Miriam. **Americanismo e Educação. A Experiência da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais (ESAV)**. 2007. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4copehemg/Textos/pdf/7f_2.pdf>. Acesso em 02 de Julho de 2015.

RIBEIRO, Maria das Graças M. A Constituição das Ciências Humanas numa Universidade Rural. **Revista Aleph Brasil**. Universidade Federal fluminense, p. 52-60. 2008.

RIBEIRO, Maria das Graças. A USAID e o ensino agrônômico brasileiro: o caso da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. **Revista Ciências Humanas**, Belém, v.4, n. 3, p. 453-463, 2009.

RIBEIRO, Maria das Graças. A Extensão Rural na Universidade Rural do estado de Minas Gerais (UREMG) 1948-1969. **Extensão em foco**, Curitiba, n.6, p.15-25, jul./dez. 2010. Editora: UFPR.

ROCHA, Ednéia Silva Santos. **A Fundação Ford e o Fomento para Instituições Estratégicas e Lideranças Acadêmicas no Brasil: Análise sobre a parceria com a Fundação Getúlio Vargas**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas/São Paulo, 2015.

SILVA, Fabrício Valentim da. BORGES, Vera Lucia Abrão. A Origem da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais: Peter Henry Rolfs e os Pilares do Saber Esaviano (1920-1929). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.29, p.169-197, mar.2008 - ISSN: 1676-2584.

SILVA, Gustavo Bianch. **A Ciência em Rede: Os Vínculos entre Instituições e Cientistas no Contexto da Modernização da Agricultura (1958-1973)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2014.

SILVA, Marcela Camila Bracher. **As comunidades epistêmicas de desenvolvimento e a política internacional uma análise da concepção da USAID e das políticas de desenvolvimento para a América Latina do Governo Kennedy (1961-1963)**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Belo Horizonte, 2011.

VICENTE, M M. **História e comunicação na ordem internacional (online)**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 214 p. ISBN 978-885-98605-96-8. Available from Scielo Books <<http://books.scielo.org>>

FONTES PRIMÁRIAS:

Leis

BRASIL. **Sistema Consular Integrado- Ministério das Relações Exteriores**. SCI - Sistema atos Internacionais. Disponível em:< <http://dai-mre.serpro.gov.br/>>. Acesso em: 24 de Outubro de 2016.

BRASIL. **Lei N° 1254, de 04 de dezembro de 1950**. Dispõe sobre o sistema federal de ensino superior. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1254.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2016.

BRASIL. **Decreto Legislativo N° 20, 1956**. ACÔRDO ENTRE O GOVÊRNO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL E DO GOVÊRNO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, PARA A EXECUÇÃO DE UM PROGRAMA DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/DLG/DLG20-56.htm>. Acesso em 31 de outubro de 2016.

BRASIL. **Decreto N° 56.979, de 1° de Outubro de 1965**. Cria o "Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso" e dá outras providências. Disponível em:<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56979-1-outubro-1965-397176-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 31 de outubro de 2016.

BRASIL. **Decreto de Lei N° 570, de 08 de maio de 1969**. Institui sob forma de Fundação a Universidade Federal de Viçosa e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/del0570.htm. Acesso em 26 de outubro de 2016.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto N° 56.979, 01 DE Outubro de 1965**. Cria o "Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso" e dá outras providências. <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56979-1-outubro-1965-397176-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 24 de outubro de 2016.

MINAS GERAIS. Portal da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. **Lei N° 761, de 6 de setembro de 1920**. Autoriza o governo a criar, no Estado, uma Escola

Superior de Agricultura e Veterinária e contém outras disposições. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=761&comp=&ano=1920>> Acessado em: 21 de julho de 2016.

MINAS GERAIS. **Decreto-Lei N° 824, de 20 de janeiro de 1942.** DISPÕE SOBRE A ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA DO ESTADO. Disponível: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEL&num=824&comp=&ano=1942>> Acesso em 26 de outubro de 2016.

MINAS GERAIS. **Lei N°. 272, de 13 de dezembro de 1948.** CRIA A UNIVERSIDADE RURAL DE MINAS GERAIS. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=272&comp=&ano=1948>> Acesso em 26 de outubro de 2016.

MINAS GERAIS. **Decreto N° 3292, de 25 de maio de 1950.** Aprova os Estatutos da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=3292&comp=&ano=1950>> Acessado em: 21 de julho de 2016.

MINAS GERAIS. **Lei N° 773, DE 01 de Janeiro de 1951.** AUTORIZA A CELEBRAÇÃO DE CONVÊNIO ENTRE O GOVERNO DO ESTADO E A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL AMERICANA (AIA). Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=773&comp=&ano=1951>>. Acesso em 31 de outubro de 2016.

MINAS GERAIS. **Resolução N° 373, de 07 de janeiro de 1960.** AUTORIZA O EXECUTIVO A ASSINAR TERMO ADITIVO AO CONVÊNIO CELEBRADO COM A AMERICAN INTERNATIONAL ASSOCIATION. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=RAL&num=373&comp=&ano=1960>> Acesso em 31 de outubro de 2016.

MINAS GERAIS. **Resolução N° 644/1964.** Autoriza o Governo do Estado a celebrar convênio com a Fundação Ford. Disponível na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (Microfilmagem).

Jornais

INFORMATIVO UREMG, Viçosa. 30 de agosto de 1966. ACH/UFV.

INFORMATIVO UREMG, Viçosa. 05 de maio de 1968. ACH/UFV.

INFORMATIVO UREMG, Viçosa. 19 de novembro de 1967. ACH/UFV.

Documentação do convênio com a Fundação Ford

General Plan. Under the terms of this contract, Purdue University will cooperate with, 1957. ACH/UFV.

Carta do Reitor da UREMG ao Sr. Stacey Widdicombe, da Fundação Ford. Informando sobre empréstimo financiado pelo BID à UREMG, 1966. ACH/UFV.

Carta do Representante da Fundação Ford no Brasil, Reynold E. Carlson, ao Reitor da UREMG, Dr. Edson Postch Magalhães, 1964. **ACH/UFV.**

Carta enviada ao Representante em Exercício da Fundação Ford, Eduardo Venezian. Pelo Reitor da UFV, Sr. Antônio Fagundes de Sousa. 1974. **ACH/UFV.**

Carta enviada ao Assessor em Programas Agrícolas da Fundação Ford, Eduardo Venezian. Pelo Reitor da UFV, Sr. Antônio Fagundes de Sousa. 1975. **ACH/UFV.**
Telegrama enviado pelo Representante da Fundação da Ford no Brasil, Eduardo Venezian. Ao Reitor da UFV, Sr. Antônio Fagundes de Sousa. 1975. **ACH/UFV.**

Carta enviada pelo Secretário Assistente da Fundação Ford, Willard J. Hertz. Ao Reitor da UFV, Sr. Antônio Fagundes de Sousa. 1976. **ACH/UFV.**

3- A ATUAÇÃO DA FUNDAÇÃO FORD NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV) (1964-1976).

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a criação da Fundação Ford, sua participação na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) desde 1964 e depois de federalizada em 1969 na Universidade Federal de Viçosa (UFV), até 1976. Este período foi escolhido devido à Fundação Ford ter realizado um grande volume em doações de recursos financeiros à Universidade. Em 1964, a Fundação Ford assinou um convênio de cooperação com o Governo do Estado de Minas Gerais para expansão da UREMG no desenvolvimento de suas pesquisas e em extensão. As doações realizadas foram direcionadas a investimentos em áreas estipuladas pela Fundação, como formação docente, suplementação salarial e em infraestrutura. Os recursos monetários doados pela Ford nas décadas de 1960 e 1970 foram importantes para que a Universidade se tornasse referência no desenvolvimento de pesquisas e no trabalho em extensão na área da agricultura no país. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir de documentos sobre a Fundação Ford encontrados no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa (ACH/UFV) e referenciais bibliográficos sobre a Fundação Ford e sua atuação no Brasil.

Palavras chave: Fundação Ford, Ensino Superior, Universidade.

Introdução:

Este artigo tem como objetivo analisar a atuação da Fundação Ford no contexto da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e após sua federalização em 1969, Universidade Federal de Viçosa (UFV), de 1964 a 1976. Realizamos uma pesquisa qualitativa, utilizando fontes primárias selecionadas no Arquivo Central e Histórico da UFV (ACH/UFV) e referencial bibliográfico de autores como: Grandin (1962), Miceli (1993), Brooke, Witoshynsky (2002), Chaves (2011), Rocha (2015) que estudaram a Fundação Ford e sua atuação no Brasil.

A Universidade Federal de Viçosa foi fundada em 1922, pelo então Presidente do Brasil, Arthur da Silva Bernardes (1922-1926). O modelo de ensino implantado na então Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) era o mesmo dos *Land Grant Colleges* estadunidenses, envolvendo não só atividades de ensino, mas também pesquisa e extensão. As atividades didáticas da então ESAV tiveram início em 1927, com os cursos elementar e médio em Agricultura, e, em 1928, teve início o curso superior em Agricultura e, em 1932, de Veterinária.

Em 1948 através da junção da: Escola Superior de Agricultura, Escola Superior de Veterinária e da criação: da Escola Superior de Ciências Domésticas, do Serviço de extensão e da Escola de especialização, constituiu-se a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). De 1948, quando foi criada, até 1969, quando foi federalizada, a UREMG realizou convênios com várias entidades estadunidenses, como a Aliança para o Progresso, a *United States Agency for International Development* (USAID) (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), a Fundação Rockefeller e a Fundação Ford. Para o âmbito desta pesquisa, optamos por centrar na investigação desta última por nos chamar a atenção os vultuosos valores doados à Universidade.

Em 1964, a Fundação Ford assinou um convênio de cooperação com o Estado de Minas Gerais visando à expansão da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), através do desenvolvimento das pesquisas e o treinamento do serviço de extensão. Com a efetivação desse convênio, a Fundação realizou doações que foram imprescindíveis para o desenvolvimento da instituição, no financiamento da formação acadêmica dos docentes, desenvolvimento da infraestrutura, aquisição de equipamentos, material didático e pagamento de salários de docentes. Todo esse investimento financeiro foi corresponsável pela expansão das pesquisas na área agrícola que tornaram

a Universidade reconhecida nacional e internacionalmente. Naquele momento de disputa com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o interesse de conter a expansão do ideário comunista na América Latina, os Estados Unidos viam nestes convênios uma oportunidade para a conquista de novos aliados e para implantar o *american way of life*, (estilo de vida estadunidense), criando também um mercado consumidor de seus produtos em países em via de desenvolvimento. De acordo com Silva:

Muitas vezes, este “inimigo interno” era identificado simplesmente como comunista. Esta simplificação, nem sempre correta, revelava uma preocupação fundamental dos estrategistas norte-americanos: a de enfrentar qualquer desafio às relações socioeconômicas que sustentam a dominação estadunidense, assim como deslegitimar as ideias contestadoras das prerrogativas atribuídas a esta posição privilegiada de país líder da ordem capitalista (SILVA, 2008, p. 221).

A *Ford Motor Company* pode ser considerada uma empresa símbolo do modus operandi capitalista, portanto, antes de tratar das ações da Fundação Ford na UREMG, vamos apresentar um pouco da história da empresa e seu criador.

3.1. A indústria fordista: um estilo de produzir, governar e colonizar.

No início de 1914, Henry Ford, o proprietário da *Ford Motor Company* estabeleceu o salário de cinco dólares por dia de oito horas de trabalho, como recompensa aos trabalhadores da linha de montagem (HARVEY, 2009). Essa decisão de Ford atraiu um grande número de imigrantes de diversas partes do mundo. Ford condicionava seu plano do "Dia de Cinco Dólares" às obrigações dos trabalhadores de levarem uma vida saudável. Desse modo, eram realizadas campanhas contra o alcoolismo e o tabagismo, pela valorização da família monogâmica, o puritanismo, a poupança, aos bons hábitos de vida e de higiene (GRANDIN, 1962). Para David Harvey (2009, p.122),

O propósito do dia de oito horas e cinco dólares só em parte era obrigar o trabalhador a adquirir a disciplina necessária à operação do sistema de linha de montagem de alta produtividade. Era também dar aos trabalhadores renda e tempo de lazer suficiente para que consumissem os produtos produzidos em massa que as corporações estavam por fabricar em quantidades cada vez maiores. Mais isso presumia que os trabalhadores soubessem como gastar seu dinheiro adequadamente.

Funcionários da área social da empresa iam até as residências dos demais trabalhadores para saber como eles estavam levando a vida, inclusive nos seus dias de folga (GRANDIN, 1962). Para obter êxito, a Ford utilizava estratégias visando moldar os comportamentos dos funcionários dentro e fora do seu espaço laboral. Para Gramsci (1981), o novo modelo de produção implementado nas fábricas da Ford necessitava de um novo tipo de homem que se adaptasse à nova forma de produção. Henry Ford criou uma nova maneira de produzir que ficou conhecida como Fordismo, cujas principais características são o aperfeiçoamento da linha de montagem e a divisão do trabalho de tal forma que não era necessária quase nenhuma qualificação dos trabalhadores. Para Gramsci (2001, p. 241),

pode-se dizer de modo genérico, que o americanismo e o fordismo resultam da necessidade imanente de chegar à organização de uma economia programática e que os diversos problemas examinados deveriam ser os elos da cadeia que marcam precisamente a passagem do velho individualismo econômico à economia programática.

Assim, o “americanismo” constitui-se como um sistema, um modo de ser e viver de acordo com convicções estadunidenses (GRAMSCI, 1981). Para Warde, o americanismo é um sistema suscetível a mudanças e adaptações (2000). Daí a expectativa de que estas adaptações físicas, morais e comportamentais do americanismo se estendessem para o mundo.

A criação de agências, em 1944, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, foram importantes para manter a hegemonia estadunidense no novo cenário mundial. De acordo com Falleiros, Pronko e Oliveira (2010, p. 51), na década de 1960, os empréstimos do Banco Mundial estavam voltados para os países de renda média e baixa, entre eles, a América Latina, “abrangendo não só projetos de infraestrutura, mas também aqueles destinados a financiar investimentos em educação, saneamento e agricultura”. Em 1959, foi criado na América Latina o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)⁹⁴ que deveria exercer a mesma função do Banco Mundial (BM), na concessão de empréstimos a áreas prioritárias.

Após a Segunda Guerra Mundial, o conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética, denominado Guerra Fria, estendeu-se de 1945 a 1991, com a extinção da

⁹⁴ O BID foi criado “com a função de fornecer créditos a juros baixos para o desenvolvimento da região. O capital inicial foi de 1 bilhão de dólares, dos quais 45% aportados pelos Estados Unidos e 55% pelos países latino-americanos (AYERBE, 2002, p. 117).

URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Neste íterim, os dois países travaram uma disputa política, econômica e ideológica, em que buscavam regiões para disseminar sua influência. A expansão dos EUA dependia do livre comércio entre as nações e de criar, nestas, dependência do capital norte-americano. De acordo com Harvey (2009, p.133), os EUA passaram a vigorar como banqueiro do mundo em troca da ampliação do comércio internacional. Assim, a efetivação do poderio estadunidense “dependia cada vez mais da capacidade de levar os benefícios do fordismo a todos e de encontrar meios de oferecer assistência médica, habitação e serviços educacionais adequados em larga escala, mas de modo humano e atencioso”. Desse modo, fundações como a Ford,

[...] têm sido denominadas filantrópicas, podendo ser formalmente definidas como organizações não-governamentais sem fins lucrativos, pois possuem fundos próprios e estabelecem uma relação de ajuda social, educacional, caridosa, religiosa ou outras atividades que tenham como objetivo o bem-estar social (ROCHA, 2015, p.10).

Essas entidades atuaram como disseminadoras de ideologias políticas, econômicas e culturais dos EUA. Esses modelos desenvolvimentistas eram incorporados por seus parceiros que exerciam o papel de divulgadores. Por isso, podemos afirmar que um modelo de produção se estendeu como modelo de governo e ampliado para os países a serem colonizados cultural e economicamente.

3.2. Fundação Ford: a filantropia a serviço dos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos, grande parte dos empresários que possuíam fortuna recorriam à prática da filantropia por diversos motivos: melhorar sua imagem perante a sociedade, evitar o fracionamento da fortuna, obter incentivos fiscais, através da redução de impostos e por falta de herdeiros. Esta prática foi impulsionada, nos anos 30, pela criação das novas regras fiscais pelo então Presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt. A legislação previa que as entidades sem fins lucrativos que realizassem doações poderiam deduzir até 10% do rendimento anual (ROCHA, 2015).

A Fundação Ford foi criada em 15 de janeiro de 1936, devido à lei fiscal implantada em 1935, por Franklin D. Roosevelt⁹⁵, Presidente dos Estados Unidos na

⁹⁵Franklin D. Roosevelt, cumpriu quatro mandatos como Presidente dos Estados Unidos e morreu durante o último, de 4 de março de 1933 a 12 de abril de 1945.

época. Com a regulamentação da nova lei⁹⁶, grandes empresas como a *Ford Motor Company*, de propriedade de Henry Ford teriam que pagar impostos muito altos, devido ao elevado valor de seus patrimônios. Uma forma de escapar a estes impostos era realizar doações a instituições filantrópicas (ROCHA, 2015). Daí então foi criada a Fundação Ford que, assim como outras, era considerada uma “entidade filantrópica sem fins lucrativos, pois possuem fundos próprios e estabelecem uma relação de ajuda social, educacional, caridosa, religiosa ou outras atividades que tenham como objetivo o bem-estar social” (ROCHA, 2015, p. 10).

Após dez anos de existência da Fundação, Henry Ford II, neto de Henry Ford, ao assumir a presidência dos negócios da família, formou uma comissão liderada por H. Rowan Gaither Jr., para elaborar a uma agenda filantrópica para as atividades da Fundação⁹⁷. Em 1949, foram formalizadas pelos EUA, novas políticas de ajuda a outros países. Durante sessão no Congresso, o Presidente Truman expôs os principais aspectos da nova política de intervenção: “o apoio às nações unidas, a reconstrução da economia mundial, a luta contra o comunismo e a ajuda aos países em desenvolvimento.” (AYERBE, 2002, p. 78).

[...] o anticomunismo não podia deixar de ser uma das motivações centrais na decisão da Fundação de estender suas atividades aos continentes latino-americano e africano. [...] a manutenção de governos democráticos, a colaboração com os esforços da Aliança para o Progresso e a resistência à expansão comunista figuravam entre as preocupações dos integrantes do comitê dirigente da Fundação Ford na época (MICELI, 1993, p. 39).

No início dos anos 1950, a Fundação Ford possuía um patrimônio estimado em mais ou menos US\$ 417 milhões de dólares (CHAVES, 2011). A partir desta década, foram formalizadas novas metas de atuação da Fundação, definindo que as doações deveriam ser utilizadas para fins científicos, educacionais e de caridade, voltados ao bem estar das populações, nos Estados Unidos e em outros países (ROCHA, 2015). A Fundação deveria contribuir na implementação de ações em que

[...] o foco principal de atuação englobaria as “minorias” dos Estados Unidos e os países em desenvolvimento, pois esses grupos estariam distantes do modelo de bem estar, particularmente, do estilo de vida da sociedade norte-americana. O fomento ao desenvolvimento de

⁹⁶O *Revenue Act* estabeleceu a cobrança de 70% de impostos sobre o patrimônio declarado, superior a cinquenta milhões de dólares.

⁹⁷ Na realidade, o governo pressionou os membros da família para que fosse elaborada uma agenda de atuação da fundação que justificasse a isenção de impostos.

instituições, novas teorias, canais de publicação, programas de formação de pessoal e de elites profissionais em Ciências Sociais seria abordado como um investimento em instrumentos de combate aos males e perigos políticos, ou seja, ao modelo de bem estar estabelecido pela Fundação (ROCHA, 2015, p. 57).

Essa nova forma de atuação influenciou outras fundações filantrópicas⁹⁸ dos Estados Unidos. A questão social passou a ser o ponto central das agências, mesmo que a atuação no campo das Ciências Sociais se diluísse em outros temas “como ‘educação e cultura’, ‘ensino superior’, ou se integrasse às chamadas áreas de Ciências Sociais aplicadas (‘estudos populacionais’, ‘relações internacionais’, ‘agricultura’, ‘meio ambiente’, etc.)” (MICELI, 1993, p. 57). A educação era considerada uma área prioritária para atuação da Fundação Ford por se incluir entre os processos que promovem a transformação social. Para Faria e Costa (2006), foi a Fundação Ford, que entre outras agências de fomento, inaugurou um novo estilo de doação e de intervenção, financiando pesquisas de modo mais participativo e democrático. Após a Segunda Guerra Mundial, a fundação foi assumindo uma posição de liderança na destinação de recursos em diferentes campos e atividades e em vários países dos continentes americano, africano e asiático.

De acordo com Miceli (1993), a América Latina foi a última das grandes regiões a serem favorecidas com o apoio técnico e financeiro da Fundação Ford. A inclusão de uma agenda de programas na América Latina teve início somente a partir de 1962. Dentre os motivos para criar uma agenda de atuação na região, estavam: a vinda de missões exploratórias ao país, com a participação de dirigentes da Fundação Ford, “a viagem atribulada do então vice-presidente Nixon em abril-maio de 1958⁹⁹ e a vitória de Fidel Castro em 1959 [...]” (MICELI, 1993, p. 35).

Na política externa, Kennedy propõe mudanças nas relações com a União Soviética, sinalizando para uma política de “dissuasão flexível”, que diminua os riscos do confronto direto e priorize a concorrência nos campos tecnológico, produtivo e comercial,

⁹⁸ Como a Fundação Rockefeller, que atuou no Brasil na década de 1950 e 1960. Não há estudos que apontam para a atuação da Fundação Carnegie no Brasil (ROCHA, 2015).

⁹⁹ Segundo Fico et al., 2008, a viagem realizada à América do Sul pelo vice-presidente Nixon, em 1958, levou o governo norte-americano a refletir sobre a sua relação com a América Latina, sobretudo no que se referia à assistência econômica. Após a posse de Arturo Frondizi em maio de 1958 na presidência da Argentina, o Departamento de Estado planejou a visita do vice-presidente a sete países latino-americanos. Em algumas capitais, como Lima no Peru e Caracas na Venezuela, “Nixon foi bastante hostilizado, enfrentando situações constrangedoras em seus deslocamentos, além das manifestações estudantis contrárias à sua presença. Na capital da Venezuela, ele foi cercado pela multidão, vaiado, apedrejado e quase morto” (FICO et al., 2008, p. 56)

buscando demonstrar, na prática, a superioridade do *American Way of life* (AYERBE, 2002, p. 115).

Nessa época, início dos anos 1960, “o crescimento econômico surgia então como uma panaceia que acabaria eliminando as desigualdades sociais e a repressão política” (MICELI, 1993, p. 36). Várias agências dos Estados Unidos estendiam seus tentáculos para a América Latina, como: a Aliança para o Progresso, que tinha o objetivo de promover o desenvolvimento dos países via colaboração técnica e financeira; o Corpos da Paz¹⁰⁰, agência que atuaria contra a ameaça comunista e as Fundações Ford e Rockefeller, que juntamente com a CIA (Agência Central de Inteligência dos EUA, criada em 1947), deveriam promover a liberdade e a democracia, nos mesmos moldes dos EUA (FALLEIROS; PRONKO; OLIVEIRA, 2010). Deve-se destacar, no entanto, que os Estados Unidos apoiaram as ditaduras latino-americanas e o que consideravam como ditadura era, na verdade, os modelos comunistas de gestão política. (SILVA, 2008)

Dentre os objetivos da Fundação Ford estava o financiamento de projetos, instituições, formação científica e cultural, para o fomento de lideranças no desenvolvimento de políticas sociais de acordo com as diretrizes da entidade. Suas ações, no financiamento de pesquisas nas universidades, estavam relacionadas a processos de modernização educacional, política e econômica. Para a concretização dessas metas, a Fundação Ford operaria na mesma direção doutrinária da política externa dos Estados Unidos, orientada por objetivos de políticas culturais, para expansão da capacidade da instituição dos sistemas de produção intelectual, científica e acadêmica (MICELI, 1993).

A criação das Fundações era positiva para grandes empresas como a *Ford Motor company*, que passavam a serem associadas a discursos de empresa responsável, solidária, ética, etc. Além disso, segundo Rocha (2015), a Fundação realizou ações em regiões do Terceiro Mundo, pela sua importância estratégica e econômica, em razão das fontes baratas de matérias-primas, que poderiam ser garantidas em países da África, Ásia e da América Latina.

¹⁰⁰ “Corpos da Paz são uma agência governamental norte-americana, criada pelo presidente Kennedy no início do seu governo, com o objetivo de enviar voluntários ao então chamado Terceiro Mundo, para trabalhar em projetos de assistência comunitária, especialmente nas áreas de educação, saúde e desenvolvimento agrícola” (AZEVEDO, 1998, p. 1).

3.3. Fundação Ford no Brasil.

O Brasil foi um dos primeiros países da América Latina a ser escolhido para ter um escritório central da Fundação Ford. O relatório de visita dos dirigentes da Fundação Ford ao Brasil, em 1959 cita a “penúria intelectual, material e institucional, em que se encontravam as instituições de ensino e pesquisas locais.” (MICELI, 1993, p. 38). Em 1960, a Fundação já realizava seus primeiros contatos com instituições públicas brasileiras para a realização de acordos de cooperação e, em 1962, a entidade filantrópica abriu seu escritório na cidade do Rio de Janeiro (BROOKE, 2002).

No escritório do Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, a Fundação procurou estabelecer ações consideradas relevantes para o desenvolvimento do país. Estavam entre as áreas prioritárias da Fundação Ford: o fortalecimento dos valores democráticos; a cooperação internacional e a erradicação da pobreza e injustiça. O financiamento de recursos para pesquisas era direcionado às áreas de educação, desenvolvimento, saúde e ciências sociais.

O dinheiro da Fundação Ford tinha por objetivo financiar pesquisas e a formação em pós-graduação de professores, por exemplo, através de bolsas de estudos em universidades de outros países. O intuito da Fundação era introduzir no Brasil padrões de desenvolvimento estadunidenses, através da formação de elites intelectuais, a partir da produção acadêmica dos EUA, de modo a ampliar os conhecimentos adquiridos em políticas públicas (ROCHA, 2015). As ações do escritório central no Brasil estavam quase que exclusivamente concentradas no setor rural, especificamente, para o aumento da produção agrícola, desse modo

o Escritório comprometeu-se a criar a infra-estrutura de ensino superior para capacitar o pessoal e criar tecnologias necessárias para sustentar os esforços de desenvolvimento do Brasil. A ausência dessa infra-estrutura e a falta de programas de formação em áreas como agricultura, (...) estavam no centro do diagnóstico predominante da insuficiência de conhecimentos e da inadequação de gastos na formação de recursos humanos em áreas cruciais para o crescimento econômico (BROOKE, 2002, p. 23).

Neste aspecto, o apoio da Fundação na concessão de recursos para a infraestrutura e no apoio a pesquisadores estava vinculado “a uma política de

hegemonia cultural na América Latina, propósitos que se intensificaram claramente depois da Revolução Cubana” (ROCHA, 2015, p.80)¹⁰¹.

Desde o início do programa latino-americano no ano de 1960, foi realizado um grande volume de doações pela Fundação Ford ao Brasil. Somente em 1963, foram doados mais de 18 milhões de dólares, o maior valor registrado em um único ano. “Das onze doações concedidas em 1963, cinco atingiram o montante de dois milhões de dólares ou mais” (BROOKE, 2002. p. 19).

Tabela 1 - Doações realizadas pela Fundação Ford a instituições brasileiras durante as décadas de 1960 e 1970

Ano	Valor Histórico em dólares	Valor Ajustado em dólares (em 2001)	Número de doações	Doação Média em dólares
1960	787,000	4.549,133	4	1.137, 283
1961	867,500	4.957,143	6	826,190
1962	2.440,000	13.785,311	10	1.378,531
1963	3.263,640	18.232,626	11	1.657,511
1964	1.296,692	7.164,044	7	1.023,435
1965	2.855,000	15.516,304	5	3.103,261
1966	2.848,265	14.990,869	6	2.498,478
1967	2.334,540	11.972,000	14	855,143
1968	1.623,600	7.958,824	8	994,853
1969	2.111,000	9.818,605	11	892,600
1970	3.764,000	16.581,498	25	663,260
1971	2.958,496	12.483,104	20	624,155
1972	2.478,561	10.116,574	16	632,286
1973	2.722,726	10.472,025	22	476,001
1974	3.132,474	10.839,012	32	338,719
1975	3.309,656	10.506,844	31	338,930
1976	2.381,331	7.151,143	26	275,044

Fonte: (BROOKE, 2002, p. 48).

De acordo com o quadro acima, houve uma queda no valor médio das doações a partir do final da década de 1960, especificamente a partir de 1967. Embora o número de donatários continuasse aumentando, os valores das doações começaram a cair. De acordo com Brooke (2002), na década de 1970, o escritório da Fundação Ford no Brasil passou por tempos difíceis: a ditadura militar aumentava a perseguição a seus opositores, dificultando o trabalho da Fundação; houve redução dos investimentos a

¹⁰¹ Segundo Gramsci, o conceito de hegemonia se refere a uma maneira particular de dominação, em que uma classe torna legítima sua posição sobre determinado assunto e tem aceitação dos demais. E para que esse processo de dominação se torne estável, a classe dominante "precisa criar e manter estilos de ampla aceitação de pensar sobre o mundo que definam sua dominação como razoável, justa e no melhor interesse da sociedade como um todo" (JOHNSON, 1997, p. 212).

nível mundial e corte de mais da metade dos funcionários da Fundação em consequência da crise do petróleo. Os valores, que eram na década de 1960 em média de dois milhões de dólares por doação, “declinaram para cerca de meio milhão no período de 1970-1976” (ANDERSON, 2002, p. 61).

Neste contexto, “surge uma mudança na estratégia da Fundação Ford, enfocando principalmente políticas de desenvolvimento social e consolidação das instituições democráticas.” (ROCHA, 2015, p. 81). A Fundação aumentou o número de doações para ONGs, incorporando projetos na área de estudos populacionais e planejamento familiar. O decréscimo do investimento no campo do ensino superior foi compensado com investimentos no programa da Reforma Educacional¹⁰², voltado a estratégias para melhoria do ensino fundamental (BROOKE, 2002).

Entre os dez donatários no topo da lista, estão algumas das mais importantes universidades públicas do país:

Tabela 2 - As dez instituições brasileiras que receberam mais recursos da Fundação Ford no período 1962 a 1971

	Donatário	Total das doações em dólares
1	Universidade de São Paulo	US\$ 21,685.967
2	Universidade Federal do Rio de Janeiro	US\$ 18,255.536
3	Fundação Getúlio Vargas	US\$ 14,834.853
4	Sociedade Brasileira de Instrução	US\$ 11,850.381
5	Universidade Federal de Viçosa	US\$ 11,051.197
6	Universidade Federal de Minas Gerais	US\$ 9,621.325
7	Universidade Federal da Bahia	US\$ 9,148.497
8	Universidade Federal do Ceará	US\$ 8,715.889
9	Universidade de Brasília	US\$ 6,701.706
10	Fundação Carlos Chagas	US\$ 6,689.797

Fonte: (BROOKE, 2002, p. 50)

Os investimentos realizados possibilitaram o intercâmbio científico e cultural, através do qual o modelo de ciência estadunidense penetrou no campo intelectual brasileiro. Como pudemos ver, na tabela anterior, a Universidade Federal de Viçosa (UFV) aparece em quinto lugar no valor recebido da Fundação Ford, seguida por conceituadas instituições educacionais brasileiras. A seguir, vamos descrever um pouco mais sobre as relações entre a Fundação Ford e a UFV.

¹⁰² O conceito de reforma educacional (ou reforma escolar), diz respeito a modificação do sistema de educação, com o objetivo de melhorá-lo.

3.4. Fundação Ford: a atuação na Universidade Federal de Viçosa.

Para conhecer a atuação da Fundação Ford na UREMG/UFV no período de 1964 a 1976, selecionamos fontes primárias no Arquivo Central e Histórico (ACH) da UFV. No total foram coletados 357 documentos, dentre cartas, telegramas, relatórios e recibos, dos quais 149 foram enviados da Fundação Ford à UREMG/UFV e 124 da instituição universitária à Fundação Ford. Os demais documentos, no total de 84, são de contato com outras instituições nacionais e internacionais e dentro da própria Universidade entre diferentes departamentos. É importante ressaltar que todos os documentos selecionados tratam de assuntos referentes às doações realizadas durante o convênio entre a Fundação Ford e a UREMG/UFV.

Dentre as fontes coletadas, 94 estavam em inglês e foram traduzidas. Em geral, o contato entre o escritório da Fundação Ford no Brasil e nos EUA era realizado através do Reitor da UREMG/UFV¹⁰³. Os contatos da Universidade com a Fundação Ford foram realizados através dos seguintes representantes da Fundação Ford no Brasil no período em pesquisa: Reynold E. Carlson (1962-1965), Stacey Widdicombe (1965-1967), William D. Carmichael (1968-1971), Peter Bell (interino e substituto) (1967-1968), Stanley A. Nicholson (1971-1974) e Eduardo L. Venezian (1974-1976) (MICELI, 1993).

Em alguns casos, encontramos várias cópias de um mesmo documento. Por exemplo: um telegrama enviado pela Fundação Ford à UREMG se referindo ao pagamento de bolsas de estudos era encaminhado ao reitor da Universidade, uma cópia era endereçada à Comissão de Bolsas e uma segunda cópia ao Departamento ao qual pertencia o professor que estava realizando o curso de pós-graduação e recebeu os recursos da bolsa de estudos. Dessa forma, procuramos não contabilizar os documentos repetidos.

Para analisar as fontes, utilizamos a análise de conteúdo que consiste num conjunto de técnicas em que o ponto de partida “é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (FRANCO, 2007, p.12). O pesquisador deve relacionar as fontes com o contexto em que elas foram produzidas, levando em consideração os aspectos sociais, culturais e ideológicos.

¹⁰³ Durante os anos do convênio, o prof. Dr. Edson Postch Magalhães (1964- 1971) foi o reitor que esteve por mais tempo à frente na administração da UFV.

Eram metas centrais das atividades da Fundação Ford no início dos anos 1960, o treinamento acadêmico para a formação dos novos intelectuais, a ênfase na pesquisa em economia vinculada ao desenvolvimento da indústria e da agricultura, o incentivo à atividade docente e discente em tempo integral e a montagem de uma infraestrutura de documentos através de bibliotecas adequadas (MICELI, 1993).

O primeiro contato entre a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e a Fundação Ford deu-se no ano de 1960, com o objetivo de conseguir doação para construção de um prédio para biblioteca na Universidade. Assim,

Nos primeiros dias do mês de Agosto, do corrente ano, estive em visita a Escola, uma comissão de cidadãos americanos, que percorria Instituições Brasileiras, a fim de estudar possibilidades de auxílio financeiro. Nessa ocasião fomos procurados (...) para nos informar que a dita comissão, aconselhava-nos a nos dirigir a “Fundação Ford” a fim de solicitar verba para a construção do prédio da Biblioteca, pois considerava como a 1º necessidade da Escola, devido ao que observaram aqui: um ótimo acêrvo bibliográfico, bem classificado e falta completa de espaço¹⁰⁴.

Em maio de 1963, o representante da Fundação Ford, Stacey Widdicombe, enviou uma carta ao reitor indicando que faria ele mesmo uma recomendação especial para que a Fundação encaminhasse uma comissão especial¹⁰⁵ para avaliação da Universidade. O reitor da UREMG, Dr. Flamarion Ferreira, havia solicitado, através de uma carta,

[...] formalmente a colaboração da Fundação Ford no sentido de possibilitar a vinda a Minas Gerais de uma comissão especialmente composta e integrada de eméritos educadores, pesquisadores e administradores, para junto da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG – sediada em Viçosa, examinar e estudar sua estrutura e programas de trabalho¹⁰⁶.

A Resolução 644¹⁰⁷ de 11 de dezembro de 1964 autorizava o Governo do Estado de Minas Gerais a celebrar um convênio com a Fundação Ford “visando à expansão da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, ao desenvolvimento de suas pesquisas e

¹⁰⁴ Carta do Diretor da Escola Superior de Agricultura a Fundação Ford. 22 de novembro de 1960. **ACH/UFV**.

¹⁰⁵ Foi enviada a UREMG uma comissão técnica composta por professores da *Iowa State University*.

¹⁰⁶ Carta do Sr. Stacey Widdicombe, representante em exercício da Fundação Ford, ao reitor da UREMG, Flamarion Ferreira. 30 de maio de 1963. **ACH/UFV**.

¹⁰⁷ Resolução n° 644/1964. Autoriza o Governo do Estado a celebrar convênio com a Fundação Ford. Disponível na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (Microfilmagem).

ao treinamento em extensão” (MINAS GERAIS, 1964). De acordo com Cometti (2005, p. 88),

o serviço extensionista rural brasileiro foi proposto pelos governos estaduais em convênios com agências norte-americanas de extensão rural, com a finalidade de promover cursos, palestras e ensinamentos às famílias rurais, a fim de obter melhores índices de produtividade das culturas, maior racionalidade na produção agrícola e com isso promover uma melhoria nas condições de vida no campo.

Esse modelo extensionista praticado desde 1929 pela instituição tem como modelo os *Land Grant Colleges* estadunidenses. No convênio estabelecido, a Fundação Ford comprometeu-se a fornecer à UREMG uma ajuda financeira de US\$ 995,000 (novecentos e noventa e cinco mil dólares), dividida em parcelas anuais assim distribuídas: US\$ 400,000 (quatrocentos mil dólares) em 1964; US\$ 250,000 (duzentos e cinquenta mil dólares) em 1965; US\$ 200,000 (duzentos mil dólares) em 1966; US\$ 100,000 (cem mil dólares) em 1967 e US\$ 45,000 (quarenta e cinco mil dólares) em 1968.

Como complemento, o Governo do Estado tinha como responsabilidade contribuir para as mesmas finalidades com a mesma importância monetária em cruzeiros, equivalente a US\$ 995,000 (novecentos e noventa e cinco mil dólares), que seria paga à UREMG também em parcelas anuais, da seguinte forma: 10% (dez por cento) em 1964; 15% (quinze por cento) em 1965; 20% (vinte por cento) em 1966; 25% (vinte e cinco por cento) em 1967 e 30% (trinta por cento) em 1968¹⁰⁸. Este convênio teve como validade o prazo de cinco anos a partir da assinatura do acordo em 1964, terminando em 1969. Não identificamos através das análises das fontes primárias, pistas de que o Governo do Estado teria realizado o envio de recursos referente ao convênio firmado com a universidade.

Como parte do acordo, a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, como entidade beneficiária da ajuda financeira, deveria enviar ao Governo do Estado de Minas Gerais e à Fundação Ford, relatórios anuais descrevendo a evolução das atividades desenvolvidas e a aplicação dos recursos recebidos. As solicitações à Fundação Ford das parcelas anuais subsequentes à sua contribuição inicial seriam formuladas pela Universidade Rural do Estado de Minas Gerais e acompanhadas pelos

¹⁰⁸ Resolução n° 644/1964. Autoriza o Governo do Estado a celebrar convênio com a Fundação Ford. Disponível na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (Microfilmagem).

relatórios. Dessa forma, a liberação das parcelas¹⁰⁹ posteriores ao acordo, ficou vinculada ao envio dos relatórios (narrativo e financeiro), sua análise e aprovação dos gastos. Identificamos no Arquivo Central e Histórico da UFV- ACH/UFV, apenas um relatório, o quinto e último, enviado pelo reitor da Universidade, o professor Dr. Edson Postch Magalhães, à Fundação Ford.

Durante a vigência do convênio, o representante da Fundação Ford, Reynold E. Carlson enviou ao reitor da UREMG, o Dr. Edson Potech Magalhães, uma carta¹¹⁰ indicando em quais atividades as doações realizadas a Universidade deveriam ser aplicadas e os valores a serem aplicados em cada uma destas. De acordo com a carta, os investimentos financeiros deveriam ser aplicados em: “Formação Docente, Suplemento de Salários e Infraestrutura”.

No caso da “Formação Docente”, a carta especificava que esta compreendia:

- Concessão de bolsas de estudos a professores da instituição para a realização de cursos de pós-graduação no Brasil e no exterior;
- Participação em seminários, congressos, reuniões e cursos na área da agricultura;
- Pagamento ao Professor Assessor do Estado de Iowa - Professor visitante e consultor para o desenvolvimento de programas¹¹¹.

Quanto à suplementação salarial, ficava especificado que os recursos deveriam ser utilizados para a:

- Suplementação do salário dos docentes e gestores da Universidade;
- Contratação de novos funcionários e assistentes de pesquisa (estudantes de graduação).

Quanto aos investimentos em “Infraestrutura”, a carta definia que os recursos fossem utilizados para a:

- Construção de prédios, residências, biblioteca, centros e laboratórios de pesquisa;
- Aquisição de livros, jornais e periódicos.

¹⁰⁹ Para receber as parcelas do convênio a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais abriu conta no *First National Bank* em Nova York.

¹¹⁰ Carta enviada pelo representante da Fundação Ford, Reynold E. Carlson ao reitor Dr. Edson Postch Magalhães. 16 de novembro de 1964. **ACH/UFV**.

¹¹¹ De acordo com o Quinto Relatório Anual e Final enviado pelo reitor da Universidade Dr. Edson Postch Magalhães à Fundação Ford, estiveram na UFV, os Doutores E. R. Duncan e R. S. Allen, da Universidade Estadual de Iowa durante os dois primeiros anos do subsídio, tendo sido gastos US\$ 49,712.33, pagos US\$ 30,000 em 1965 e US\$ 19,712.33 em 1966, último ano da presença deles na Universidade.

O quadro abaixo aponta os valores acordados para a doação de recursos a UREMG/UFV durante os cinco anos do convênio:

Tabela 3 - Valores destinados a UREMG/UFV

Desenvolvimento da equipe	
1- Bolsas de desenvolvimento do corpo docente (5 anos a US\$ 25,000)	US\$ 125,000
2- Conselheiro do estado de Iowa - Professor visitante e consultor de desenvolvimento de programas (Até 3 anos ou menos conforme necessário)	US\$ 90,000
Suplementos Salariais	
1- Novos profissionais de pesquisa e professores - 32 novos profissionais de pesquisa e pessoal docente (apoio decrescente ao longo de 4 anos)	US\$ 205,800
2- Suplementos Salariais – 26 atuais funcionários (por 2 anos)	US\$ 130,000
Instalações (custos parciais)	
1- Laboratórios básicos de ciência	US\$ 255,700
2- Novo centro de extensão de pesquisa	US\$ 105,000
3- Biblioteca, construção, livros, jornais, etc.	US\$ 83,500
Total:	US\$ 995,000

Fonte: Informações anexadas à carta enviada pelo representante da Fundação Ford, Reynold E. Carlson ao Reitor Dr. Edson Postch Magalhães. 16 de novembro de 1964. ACH/UFV.

1- Sobre os investimentos em Formação Docente.

Ao tratar dos investimentos em formação docente, a carta enviada, em 1964, pelo representante da Fundação Ford ao reitor da UREMG, o Dr. Edson Potsch Magalhães, permitia o financiamento de dois tipos de bolsas de estudo, ambas para cursos de pós-graduação. A primeira para estudo em instituições no exterior e outra para aperfeiçoamento em uma instituição brasileira, sendo que esta última deveria ser oferecida particularmente pela Universidade do Brasil¹¹², nas áreas de Química, Física, Biologia ou Matemática. A Fundação Ford sugeria que a Universidade estimulasse seus “instrutores em ciências” a realizarem o equivalente ao grau de *Magister of Science* em instituições brasileiras, para depois concorrerem a bolsas para estudar em instituições no exterior, caso algum dos cursos de especialização nas áreas citadas acima não existisse no Brasil.

Durante os primeiros anos do convênio ou até quando fosse necessário, um consultor técnico (assessor) da *Iowa State University* deveria residir na Universidade

¹¹² A Fundação Ford tinha realizado uma grande doação para a Universidade do Brasil, atual Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ).

para orientar os investimentos a serem realizados com os fundos da Fundação Ford. Para cobrir as despesas dos primeiros doze meses com salário e diárias do professor assessor, a UREMG enviou a *Iowa State University* um cheque no valor de US\$ 30,000 (trinta mil dólares).

Assim sendo, a Fundação Ford financiou bolsas de estudos para professores da UREMG. “Cerca de 55 funcionários se beneficiaram do dinheiro destinado ao desenvolvimento pessoal ¹¹³”, adquirindo o título de Magister e Ph.D. em áreas como Nutrição Animal, Agronomia, Economia Agrícola e Silvicultura. Os cursos foram realizados entre os anos de 1965 até 1976, em diversos países, como: Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra, Venezuela, Costa Rica, Espanha, México e no Brasil.

Somente entre 1965 a 1969, a Fundação Ford investiu US\$ 125,000 (cento e vinte e cinco mil dólares) que foram destinados à realização de cursos de pós-graduação por professores da UREMG para o aprimoramento do quadro docente¹¹⁴. De acordo com o reitor Edson Postch, “A Universidade nunca poderia ter enviado tantos funcionários ao exterior para treinamento avançado. Esta foi uma contribuição notável para melhoria de nossos funcionários¹¹⁵”. Os professores que ainda não possuíam, no mínimo, o grau de *Magister* estavam realizando cursos de pós-graduação.

Tabela 4 - Recursos destinados pela Fundação Ford para custeio de bolsas de estudos de professores da UREMG de 1965 a 1969

Ano de referência:	Valor destinado em dólares:
1965	US\$ 4,737.00
1966	US\$ 14,297.71
1967	US\$ 36,074.55
1968	US\$ 45,619.07
1969	US\$ 24,271.67
Total:	US\$ 125,000.00

Fonte: Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Concessão da Fundação Ford à UREMG. Enviado pelo reitor da Universidade Dr. Edson Postch Magalhães a Fundação Ford. ACH/UFV.

As esposas, os maridos e os filhos podiam acompanhar os professores bolsistas durante a realização do curso de pós-graduação no exterior. Para essas famílias, era

¹¹³ Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Concessão da Fundação Ford à UREMG. Enviado pelo reitor da Universidade Dr. Edson Postch Magalhães a Fundação Ford. Fifth Annual and final Report (December 1, 1968 to November 30, 1969) Ford Foundation Grant to UREMG (Grant n° O.D.-1573). Edson Postch Magalhães- Rector. **(tradução nossa)** ACH/UFV.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ Ibidem.

pago a complementação salarial, com os fundos doados pela Fundação Ford na seguinte base: até US\$ 100,00 (cem dólares) por mês para a esposa, mais US\$50,00 (cinquenta dólares) por mês, nos casos em que houvesse duas crianças ou mais, além do custo de transporte da família. A universidade contribuiu continuando a pagar o salário do professor enquanto ele estava fora do país.

O investimento na formação dos professores foi considerado pelo reitor da instituição um dos pontos altos do convênio. Os recursos também foram utilizados para complemento de bolsas de estudos e para cobrir despesas pessoais dos professores no Brasil e no exterior, pois professores que estavam realizando cursos de pós-graduação poderiam receber recursos financeiros de mais de uma instituição financiadora, como por exemplo, da USAID e da Ford, quando o valor oferecido por uma delas não era suficiente para arcar com as despesas. Assim, a Fundação Ford oferecia uma complementação aos valores especificados separadamente, que poderiam ser gastos com passagens e outros tipos de despesas.

Com os recursos monetários da Fundação Ford, os professores puderam participar de eventos acadêmicos, seminários, congressos, cursos e reuniões no Brasil e em vários outros países. Além destes eventos, havia os “*Workshop meeting*” encontros anuais promovidos pela Fundação Ford dos quais participavam consultores em agricultura e representantes da Fundação na América Latina.

O “*Workshop meeting*” de 1965 aconteceu em Belo Horizonte com a presença de membros da Fundação Ford, do grupo de economia agrícola da Secretaria de Estado de Agricultura do Estado de Minas Gerais e de estudantes da UREMG.

(...) através do Seminário de Mercado, a equipe passou um dia e meio com o Projeto Fundação Ford de Economia Rural trabalhando na Secretaria de Agricultura em Belo Horizonte. Após sua chegada, os estudantes foram informados pelos técnicos da Ford da história e o trabalho corrente da informação de mercado e seções de política agrícola (SILVA, 2014, p. 96).

No ano seguinte, em 1966, o “*Workshop meeting*” realizado pela Fundação Ford aconteceu na UREMG, com a presença do Secretário de Estado da Agricultura, onde se discutiu com os estudantes e funcionários da pós-graduação, o trabalho na coleta de preços e estimativas de áreas cultivadas, além das fases do Projeto da Fundação Ford com a Secretária de Agricultura do Estado (SILVA, 2014). No ano de 1969, a pedido da Fundação Ford, a reunião aconteceu novamente, na Universidade Federal de Viçosa. De acordo com o consultor em agricultura da Fundação, G. Edward Schuh,

Uma das razões para a escolha de Viçosa para a realização dessa reunião é dar uma chance aos demais membros da Fundação de conhecer, em primeira mão, o que muitos de nós consideramos uma das melhores escolas de agricultura da América Latina¹¹⁶.

A reunião contou com a presença de até vinte pessoas que ficariam alojadas no campus da Universidade no Centro de extensão. Para Silva (2014, p. 95), essas reuniões tinham como objetivo “um trabalho de formação econômica executado por meio de congressos e seminários”, com a participação de cientistas, estudantes, assessores da Fundação Ford e burocratas do Estado. Aqui fica claro o interesse econômico e político por parte da Fundação Ford, o que interferiu diretamente na escolha das áreas onde foram realizadas as doações.

Na UREMG, o Instituto de Economia Rural foi um dos mais beneficiados, a fundação participou da construção do prédio da economia rural, suplementação de salário aos professores, bolsas para estudantes de pós-graduação, financiou pesquisas para teses de mestrado, intercâmbio com outras Escolas (despesas de viagem, honorários), aquisição de livros e periódicos, publicações de boletins de pesquisa, pagamento do professor-visitante (2 homens por ano). Todo o investimento era “para o fortalecimento de seu programa de pós-graduação em economia agrícola¹¹⁷”. Da mesma forma, foi importante o “envio do relatório trimestral, em inglês, que deveria ser preparado pelo diretor do [Instituto de Economia Rural] IER e encaminhado a reitoria¹¹⁸”, para que fosse direcionado ao escritório da Fundação Ford nos EUA.

2- Investimentos em Suplementos Salariais.

A Fundação Ford não apenas concedeu bolsas de estudos para cursos de pós-graduação a professores da UREMG, como ofereceu uma suplementação salarial no primeiro ano do convênio e definia que esta nova política salarial deveria se tornar efetiva imediatamente, porém, a partir do segundo ano, o abono salarial ficaria por conta do Governo do Estado de Minas Gerais.

¹¹⁶ Carta do consultor em Agricultura G. Edward Schuh ao reitor da Universidade Federal de Viçosa, Dr. Edson Postch Magalhães. 23 de setembro de 1969. **ACH/UFV**.

¹¹⁷ Carta enviada ao reitor Edson Postch Magalhães pelo representante da Fundação Ford Peter D. Bell. 20 de junho de 1968 (**tradução nossa**). **ACH/UFV**.

¹¹⁸ *Ibidem*.

Inicialmente, a suplementação salarial deveria ser de até US\$ 250,00 (duzentos e cinquenta dólares) e em alguns casos chegando a US\$ 300,00 (trezentos dólares)¹¹⁹. Por se tratar do início do convênio, a instituição utilizava os suplementos salariais para manter os melhores e mais antigos profissionais trabalhando na UREMG em conjunto com a Fundação Ford. Em 1969, já no ano final do acordo, por telegrama, o Sr. Morris A. Gelfand, que participou a pedido da Fundação, da estruturação da biblioteca da instituição, ao se dirigir ao reitor da Universidade, abordou a suplementação de salários, vinda de fontes internas e externas, que nessa época já contemplava os honorários de um grande número de profissionais.

Uns vinte professores agora recebem suplementos salariais do Conselho Nacional de Pesquisa e o caminho foi aberto para permitir que qualquer professor e pesquisador recebam seu salário inteiro ou um suplemento salarial de uma fonte externa. Isso permitirá à Universidade, (...) estender seus serviços e influência. Agora um líder no Estado, a Universidade aparece à beira de alcançar a liderança nacional em certos campos (**tradução nossa**)¹²⁰.

Os suplementos salariais serviam como estímulo aos professores para realização de pesquisas agrícolas. Os ajustes salariais foram divididos em duas subcategorias: novos profissionais de pesquisa e docentes e funcionários seniores¹²¹. Para pagamentos dos 36 novos profissionais de pesquisas foram investidos em três anos US\$ 205,800 (duzentos e cinco mil e oitocentos dólares). E, para a suplementação salarial dos docentes e funcionários seniores, foram gastos US\$ 130,000 (cento e trinta mil dólares). Portanto, nessa segunda categoria a Fundação Ford investiu US\$ 335,000 (trezentos e trinta e cinco mil dólares).

Segundo o reitor da UREMG, Dr. Edson Postch Magalhães, sem o apoio da Fundação Ford na suplementação de salários não teria sido possível manter professores considerados importantes, que estavam se aposentando, o que prejudicaria tanto a

¹¹⁹ Na carta do Reitor Dr. Edson Postch Magalhães ao assessor Mr. Reynold E. Carlson da Fundação Ford no escritório do Rio de Janeiro em, 19 de abril de 1965, o reitor discute sobre esse assunto com o Mr. Carlson: “As primeiras ideias sobre o suplemento de salário por mês seria US\$ 250,00 (duzentos e cinquenta dólares). Na última visita ao Sr. Stacey Widdicombe ele disse sobre as dificuldades na retenção do Prof. Erly Brandão que quer se aposentar – a menos que nós poderíamos pagar-lhe US\$ 300,00 (trezentos dólares) mensais. Mr. Winddicombe disse que eu fosse livre para fixar o montante, mas ele mesmo não iria sugerir para aumenta-lo mais de US\$ 300,00 (trezentos dólares)” (**tradução nossa**). **ACH/UFV**.

¹²⁰ Telegrama do Sr. Morris A. Gelfand da Fundação Ford ao reitor da Universidade prof. Dr. Edson Postch Magalhães. 18 de junho de 1969. **ACH/UFV**.

¹²¹ De acordo com o Quinto Relatório Anual e Final, Receberam fundos como funcionários seniores: “Frederico Vanetti, Silvio Starling Brandão, Chotaro Shimoya, José Alencar, Joaquim Campos, Fábio Ribeiro Gomes, Otto Andersen e Avelino Mantovani Barbosa.

graduação, como a pesquisa. O apoio da Fundação na suplementação de salários durou três anos, esgotando os fundos destinados para este fim em 1967, ficando, a partir de 1968 o pagamento desses funcionários a cargo dos fundos próprios da UREMG. De acordo com Edson Postch Magalhães, “Quando o dinheiro da Ford se tornou esgotado a universidade estava pronta para pagá-los com seu orçamento normal¹²²”, o Governo do Estado estava enviando recurso para pagamento dos funcionários e professores.

Além disso, foram criados 36 novos postos de trabalho para pesquisa e extensão, incluindo a contratação de 16 novos estudantes de graduação como assistentes. O custo anual dos salários dos assistentes estava estimado em US\$ 68,600 (sessenta e oito mil e seiscentos dólares). Para evitar atrasos no desenvolvimento do programa, a Fundação Ford assumiu o pagamento dos salários nos dois primeiros anos e a metade dos dois anos seguintes, ficando os demais meses a cargo do Governo do Estado de Minas Gerais.

3- Apoio para financiamento de Facilidades Físicas.

Segundo o representante da Fundação Ford, Reynold E. Carlson, a Fundação Ford não costumava financiar investimentos em infraestrutura, tinha preferência em destinar seus recursos a estruturas estritamente acadêmicas. Todavia, concordou em alocar recursos para alguns casos específicos, como a construção da primeira biblioteca da instituição, fundada em 1969; a construção da Central de Experimentação, Pesquisa e Extensão no Triângulo Mineiro (CEPET); da casa nº 52 na Vila Gianetti dentro do campus da Universidade (construída para alojar os funcionários da Fundação Ford e da Universidade de *Iowa* quando vinham a Viçosa) e laboratórios para o desenvolvimento de pesquisas agrícolas. Além disso, os equipamentos responsáveis pelo fornecimento de água e luz foram renovados e foi adquirido, um novo gerador para a instituição.

3.4.1 – Criação da Central de Experimentação, Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET).

Desse modo, para a criação da Central de Experimentação, Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET) em Capinópolis, Minas Gerais, foi adquirida uma área

¹²² Ibidem.

de 100 hectares, doada por fazendeiros da região¹²³. Conforme Dr. Edson Postch Magalhães,

É verdade que agricultores e líderes do Triângulo estão prontos para me entregar a escritura de uma fazenda de 100 hectares que foi selecionada por um comitê especial: Duncan, Postch, Tôrres, Gilberto. A fazenda parece ser excelente para o nosso propósito. Vamos recebê-lo na próxima semana e espero começar a experimentar cedo **(tradução nossa)**.

A iniciativa da Universidade de construir um Centro de experimentação e pesquisas beneficiou os produtores rurais daquela região, através da instalação de laboratórios de Análise de Solos e Sementes, de Entomologia, Fitopatologia, Nutrição Animal e Piscicultura. Em carta, o reitor Edson Postch Magalhães, ao se referir ao Centro de Pesquisas construído no Triângulo Mineiro, afirmou que a Fundação Ford era a “principal responsável por esse empreendimento”¹²⁴. A Fundação participou da escolha do terreno e realizou o investimento responsável pela construção e manutenção do CEPET durante a vigência do convênio entre as duas instituições.



Figura 1: Central de Experimentação e Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET)(s.d.)¹²⁵

¹²³ De acordo com a página do CEPET na internet que traz o histórico da instituição, “Para atrair a UFV, 87 cidadãos da região doaram 100 há para a instalação e funcionamento da CEPET.” Disponível em: <http://www.cepel.ufv.br/?area=historico>. Acesso em 03/03/03

¹²⁴ Carta do reitor da Universidade Prof. Edson Postch Magalhães a Fundação Ford. 13 de setembro de 1970. **ACH/UFV**.

¹²⁵ Disponível em: Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Arquivo Central e Histórico UFV (**ACH/UFV**).

No total, a Fundação Ford doou para a criação do CEPET cerca de US\$ 105,000 (cento e cinco mil dólares), utilizados para: “[...] [a construção de] vários edifícios, residências, [a compra de] equipamentos, máquinas, [e a realização de] experimentos e assim por diante¹²⁶”. No CEPET são realizados experimentos em diversas culturas, como feijão, arroz, algodão, milho e soja, técnicas sobre irrigação e fertilização do solo, além de estudos sobre a alimentação do gado, importantes para região que tem como principal atividade agropecuária, a criação de gado.

3.4.2 – A construção da biblioteca central da UFV.

Para o planejamento da primeira biblioteca da UFV a Fundação Ford indicou o Mr. Gelfand A. Morris. Por telegrama, em 4 de outubro de 1965, o representante da Fundação, Reynaldo E. Carlson, escreveu ao reitor da UREMG, prof. Dr. Edson Postch Magalhães que,

(...) gostaria de sugerir que o custo da biblioteca fôsse dividido entre a doação da Fundação Ford (para a parte funcional da biblioteca) e a contrapartida de Minas Gerais (para setores da biblioteca tais como museu, etc). Talvez 50% dos custos para cada um seria bem realista para distinguir os diferentes serviços a serem prestados pelo edifício. De qualquer maneira, creio que a Fundação Ford não gostaria de aparecer como a única fonte de financiamento de um edifício que me parece um pouco “suntuoso” para o ambiente¹²⁷.

Como citado anteriormente, a Fundação Ford não costumava participar do financiamento de construção de edifícios, mas a necessidade de uma biblioteca adequada para a Universidade fez com que a Fundação abrisse exceção. Em 1969, com parte do prédio da nova biblioteca pronto, Mr. Gelfand A. Morris, em telegrama endereçado ao reitor da Universidade, Edson Postch afirmava que, devido a estar distante de outras bibliotecas e centros de informação, a biblioteca da Universidade precisava “atingir um alto nível de auto-suficiência” para atender as demandas da instituição, tornando-se um centro nacional de informação e serviços em agricultura. Por isso, os livros deveriam ser adquiridos diretamente das editoras para diminuir o

¹²⁶ Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Concessão da Fundação Ford à UREMG. Enviado pelo reitor da Universidade Dr. Edson Postch Magalhães a Fundação Ford. Fifth Annual and final Report (December 1, 1968 to November 30, 1969) Ford Foundation Grant to UREMG (Grant n° O.D.-1573). Edson Postch Magalhães- Rector. **(tradução nossa) ACH/UFV.**

¹²⁷ Telegrama do assessor da Fundação Ford Reynold E. Carlson ao reitor da UREMG prof. Edson Postch Magalhães. 24 de junho de 1965. **ACH/UFV.**

tempo de entrega, deveriam ser adquiridos livros publicados recentemente, pois os livros existentes eram antigos e se deveria construir, no primeiro andar, um escritório para o bibliotecário e alguns funcionários. Ademais, Mr. Gelfand salientou a necessidade de

persuadir o departamento de economia agrícola e outros departamentos com importantes coleções de bibliotecas a transferirem as suas bibliotecas para o novo edifício. Você pode garantir aos departamentos que na nova biblioteca seus livros serão mais facilmente acessíveis como a biblioteca estará aberta, pelo menos, 73 horas por semana, ao contrário de edifícios do departamento e que haverá disposição superiores para leitura e estudo. A localização central da nova biblioteca é um forte argumento em si para a centralização de recursos e serviços **(tradução nossa)**¹²⁸.



Figura 2: Construção da Biblioteca Central da UFV (Década de 1960)¹²⁹

Assim, o material de leitura existente como livros, boletins técnicos e revistas deveriam se concentrar em um só lugar, facilitando o acesso para consultas. O objetivo era que a biblioteca central da Universidade se tornasse um centro de referência em estudos na área da agricultura. Dessa forma, o Estado de Minas Gerais se tornaria uma

¹²⁸ Telegrama do Sr. Morris A. Gelfand da Fundação Ford ao reitor da Universidade prof. Dr. Edson Postch Magalhães. 18 de junho de 1969. **ACH/UFV**.

¹²⁹ Disponível em: Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Arquivo Central e Histórico UFV (**ACH/UFV**).

referência de serviço em informação agrícola¹³⁰. De acordo com o reitor da UREMG/UFV, a Fundação Ford realizou “Um investimento total de US\$ 83,500 (oitenta e três mil e quinhentos dólares) à construção do Edifício da Biblioteca e à compra de livros e revistas foi outro investimento de importância significativa¹³¹”. A construção de 5.000m² foi inaugurada em 1969.¹³²

3.4.3. A instalação de laboratórios de ciências básicas.

De todos os gastos da Fundação Ford na UREMG, o maior foi para a construção e montagem de laboratórios de ciências básicas. Os recursos destinados para compra de equipamentos, materiais de construção e serviços de engenharia chegaram a US\$ 255,000 (duzentos e vinte e cinco mil dólares). O dinheiro foi utilizado para construção de um edifício de três andares para abrigar as ciências básicas, em uma área de 6.670m². Com o fim do convênio, de acordo com o Quinto Relatório Anual e Final, a obra seria “concluída graças ao dinheiro proveniente de um empréstimo realizado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento Internacional (BID)¹³³”.

3.4.4. A construção de uma casa na Vila Gianetti.

A casa nº52 da Vila Gianetti em Viçosa, no campus da UREMG, foi construída de acordo com o pedido realizado pela Fundação Ford e pela Universidade do Estado de Iowa, que custeou sua construção e a compra dos utensílios domésticos. O valor total foi calculado e pago em cruzeiros, moeda brasileira vigente na época, no total de Cr\$ 12.934,486.

Este pagamento é feito em nome da Universidade do Estado de Iowa a qual agora passará a ser "proprietária" da casa. É de nosso entender, é claro, que a Universidade do Estado de Iowa legará esta casa sem nenhuma despesa à Universidade Rural do Estado de Minas Gerais,

¹³⁰ Telegrama do Sr. Morris A. Gelfand da Fundação Ford ao reitor da Universidade prof. Dr. Edson Postch Magalhães. 18 de junho de 1969. **ACH/UFV**.

¹³¹ Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Concessão da Fundação Ford à UREMG. Enviado pelo reitor da Universidade Dr. Edson Postch Magalhães a Fundação Ford. Fifth Annual and final Report (December 1, 1968 to November 30, 1969) Ford Foundation Grant to UREMG (Grant nº O.D.-1573). Edson Postch Magalhães- Rector. **(tradução nossa) ACH/UFV**.

¹³² De acordo com a página da UFV, ao tratar de “Personagens e Pioneiros da UFV”, a biblioteca, em 1996, foi ampliada para 4 pavimentos, passando a ter 12.000 metros quadrados. Disponível em: <http://www.personagens.ufv.br/?area=cronologia> . Acesso em 03 de março 2017.

¹³³ Ibidem.

uma vez que termine a doação destinada ao desenvolvimento geral da Universidade, que a Fundação Ford fez à Universidade Rural do Estado de Minas Gerais¹³⁴.



Figura 3: Casa 52 na UFV, hoje sede da ASPUV- Seção Sindical dos Docentes da UFV (s.d.)¹³⁵

Ademais, a casa deveria ser utilizada de acordo com os termos da Fundação Ford, ou seja, somente por membros da Universidade de Iowa ou da Fundação Ford quando viessem prestar assessoria à Universidade. Em 1969, a casa e todo o seu mobiliário foram doados à UREMG/UFV¹³⁶.

Embora a Fundação Ford tenha sido responsável pelo início destes investimentos, com a doação de recursos financeiros, foi preciso que a UREMG buscasse mais recursos. A Universidade conseguiu um empréstimo do BID no valor de US\$ 900,000 (novecentos mil dólares) para terminar as obras iniciadas com os fundos da Fundação Ford e outras obras que se iniciavam. De acordo com o Quinto Relatório e Final: “Todo o dinheiro será usado para construir instalações físicas: a) Edifício da

¹³⁴ Telegrama do Representante Assistente da Fundação Ford Richard V. Weekes ao Reitor Edson Postch Magalhães. 17 de dezembro de 1966. **ACH/UFV**.

¹³⁵ Foto disponível em: http://s973.photobucket.com/user/marcela_barbosa1/media/79_zps88f09172.jpg.html Acesso em 20 março 2017.

¹³⁶ Telegrama enviado pelo consultor da Fundação Ford Mr. William D. Carmichael, ao reitor da Universidade Edson Postch Magalhães. 17 de janeiro de 1969. **ACH/UFV**.

Biblioteca; b) Instituto de Biologia; c) Instituto de Ciência Vegetal; d) Escola de florestas e e) Dormitórios¹³⁷”.

Somados todos os valores que foram utilizados para investimentos em Formação Docente, Suplementos Salariais e Infraestrutura na UREMG chegamos ao total de US\$ 995,000 (novecentos e noventa e cinco mil dólares), da doação realizada pela Fundação Ford quando firmado o convênio com o governo do Estado de Minas Gerais em 1964 até 1969 quando findou o convênio. Para Rocha (2015), os reajustes dos salários, o financiamento de bolsas de estudos e os investimentos em infraestrutura tinham como intuito promover a adesão, fazendo com que os professores e os administradores se envolvessem no programa. Nesse sentido, o modelo de parceria implementado pela Fundação Ford

serviu para que a comunidade científica incorporasse os padrões de excelência intelectual, de modo a desenvolver pesquisas reconhecidas internacionalmente. O investimento em infraestrutura e remuneração competitiva incentivava esses intelectuais a incorporarem as diretrizes estabelecidas pela fundação (ROCHA, 2015, p. 78).

Na mesma perspectiva, como as ciências sociais são uma área do conhecimento que possui como foco a análise das ações sociais em suas diferentes dimensões, sejam econômicas, sociais, culturais e políticas, tornou-se uma área estratégica para a atuação da Fundação Ford. O investimento nessa área contribuiu para o entendimento da sociedade brasileira no contexto do processo de modernização capitalista, permitindo que a fundação orientasse suas ações no país (ROCHA, 2015).

Na Resolução 664, ficou estabelecido que, no convênio entre a Fundação Ford e o Governo do Estado de Minas Gerais para o apoio à UREMG, o Governo do Estado mineiro estava obrigado a contribuir para as finalidades estipuladas pelo convênio com o valor correspondente ao doado pela Fundação Ford, o equivalente a US\$ 995,000 (novecentos e noventa e cinco mil dólares), que deveria ser entregue a UREMG.¹³⁸ Portanto, a Fundação Ford e o Estado de Minas participariam igualmente no investimento financeiro à UREMG. No entanto, no que diz respeito à contrapartida estadual¹³⁹, nenhum contato foi realizado pelo governo, “quer para combinar fundos, e

¹³⁷ Ibidem.

¹³⁸ MINAS GERAIS. Resolução 664: **Autoriza o Governo do Estado a celebrar convênio com a Fundação Ford. 11 de dezembro 1964**

¹³⁹ A Universidade Federal de Viçosa, através da Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento (PPO), nos informou conter arquivada a relação de recursos e gastos com o orçamento enviado pelo Governo Federal a instituição somente a partir de 1973.

praticamente só o dinheiro para pagar os salários foi fornecido. O muito grave desastre financeiro ainda prevalece¹⁴⁰. Para os representantes da Fundação, ao final das doações realizadas pela Fundação Ford, a Universidade passaria por problemas financeiros para se manter, já que o Governo do Estado não cumpriu com a sua parte no acordo e vinha enviando recursos apenas para pagamento dos salários dos funcionários e professores.

Total Funds Received to Date ^{1/}		SUMMARY II					US\$ 995,000.00
Expenditures to Date	1965	1966	1967	1968	1969	Total	
I STAFF DEVELOPMENT							
A. Faculty Development Fellowships	4,737.00	14,297.71	36,074.55	45,619.07	24,271.67	125,000.00	
B. Iowa State Advisor on Research and Extension Education Capinopolis	30,000.00	19,712.33 ^{2/}	---	---	---	49,712.33	
Total	34,737.00	34,010.04	36,074.55	45,619.07	24,271.67	215,000.00	
II SALARY SUPPLEMENTS							
A. New Professional Research and Teaching Staff (36)	61,318.68	110,128.24	34,353.08	---	---	205,800.00	
B. Existing Senior Staff	19,325.55	36,474.46	31,125.22	27,854.29	15,220.48	130,000.00	
Total	80,644.23	146,602.70	65,478.30	27,854.29	15,220.48	335,800.00	
III FACILITIES AND EQUIPMENT FOR EXPANDED PROGRAMS							
A. Basic Science Laboratories	23,113.20	118,944.51	26,408.10	81,526.34	5,507.85	255,700.00	
B. Research-Extension Center	1,510.50	85,760.93	17,728.93	---	---	105,000.00	
C. Library Building, Books and Journals	30,380.43	53,119.57	---	---	---	83,500.00	
Total	55,204.13	257,825.01	44,136.67	81,526.34	5,507.85	444,200.00	
GRAND TOTAL	170,585.36	438,437.75	145,689.52	171,643.22	68,644.15	US\$ 995,000.00	

^{1/} Total funds Received to Date include the amount delivered to Iowa State.
^{2/} Changed the figures found on the Fourth Annual Report.
^{3/} This amount of US\$ 23,644.15 has been split into two parts: US\$ 12,671.58 for Staff Development and US\$ 10,972.57 for the development of Capinopolis Center.

Figura 4: Total de fundos recebidos pela UREMGE de 1965 a 1969. Fonte: Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Concessão da Fundação Ford à UREMGE. Enviado pelo reitor da Universidade Dr. Edson Postch Magalhães a Fundação Ford, (em inglês). ACH/UFV.

A Fundação Ford realizou, durante e após a vigência do convênio assinado com o Governo do Estado de Minas Gerais, doações adicionais à Universidade, destinadas ao financiamento de programas de pós-graduação e formação acadêmica de acordo com as diretrizes da Fundação Ford. O convênio, que era de cinco anos, terminou em 1969, quando ainda existiam professores realizando cursos de pós-graduação no exterior, alguns com previsão de conclusão do curso para 1973¹⁴¹. Além disso, com a expansão

¹⁴⁰ Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Concessão da Fundação Ford à UREMGE. Enviado pelo reitor da Universidade Dr. Edson Postch Magalhães a Fundação Ford. Fifth Annual and final Report (December 1, 1968 to November 30, 1969) Ford Foundation Grant to UREMGE (Grant n° O.D.-1573). Edson Postch Magalhães- Rector. (tradução nossa) ACH/UFV.

¹⁴¹ Em 1970, havia vinte professores da UREMGE no exterior realizando cursos de pós-graduação. Em carta enviada pelo reitor Edson Postch Magalhães ao Dr. G. E. Schuh da Fundação Ford no Rio de Janeiro em 28 de setembro de 1970 há uma listagem destes. Deste grupo, um recebia bolsa de estudos completa

da Universidade e a especialização do seu quadro acadêmico, foram criados novos programas de Mestrado e Doutorado. Utilizando-se desses argumentos, a Universidade solicitou novos recursos que foram enviados por esta Fundação.

Através das fontes primárias podemos apontar que os investimentos adicionais da Fundação Ford foram destinados especialmente ao Instituto de Economia Rural da Universidade e à formação docente. De acordo com Brooke (2002, p. 13), nos anos 1960, as iniciativas se voltavam para o desenvolvimento de tecnologias da produção e políticas de planejamento agrícola, acreditando-se que “a tecnologia e a competência técnica seriam o caminho para o crescimento econômico e que a vocação natural do Brasil era ser uma economia agrícola”.

Tabela 5 - Doações adicionais ao convênio entre Fundação Ford e o Estado de Minas Gerais:

Ano	Doação	Valor	Finalidade
1968	68.480-A	US\$ 230,000	Desenvolvimento da pós-graduação em Economia Agrícola do Instituto de Economia Rural.
1969	650-0008-A	US\$ 120,000	Treinamento de pessoal no exterior do Instituto de Economia Rural.
1970	650-0008-B	US\$ 286,000	Desenvolvimento do programa de treinamento em pesquisa e extensão.
1976	68.480-B	US\$ 210,000	Desenvolvimento da pós-graduação em Economia Agrícola do Instituto de Economia Rural.
Total		US\$ 846,000	

Fonte: Informações contidas em cartas e telegramas trocados entre a UREMG/UFV e a Fundação Ford, selecionados no Arquivo Central e Histórico/UFV (ACH/UFV).

Os recursos adicionais foram utilizados para pagamento de bolsas de estudos de professores que já estavam realizando cursos de pós-graduação no exterior. Na doação 650-0008-A foram favorecidos com bolsas de estudos 32 professores da Universidade, já na doação 650-0008-B foram relacionados 22 professores bolsistas. Além disso, os recursos foram destinados a despesas com viagens e honorários, aquisição de novos livros para a biblioteca e publicação de boletins de pesquisa. A publicação por meio de boletins era uma maneira de fazer propaganda das pesquisas que estavam sendo desenvolvidas na Universidade com o apoio financeiro da Fundação Ford.

da Fundação Ford e 11 bolsas suplementares. Os mesmos, geralmente, iam acompanhados de suas famílias que também tinham passagens, estadias e seguro pagos com os recursos da Fundação Ford.

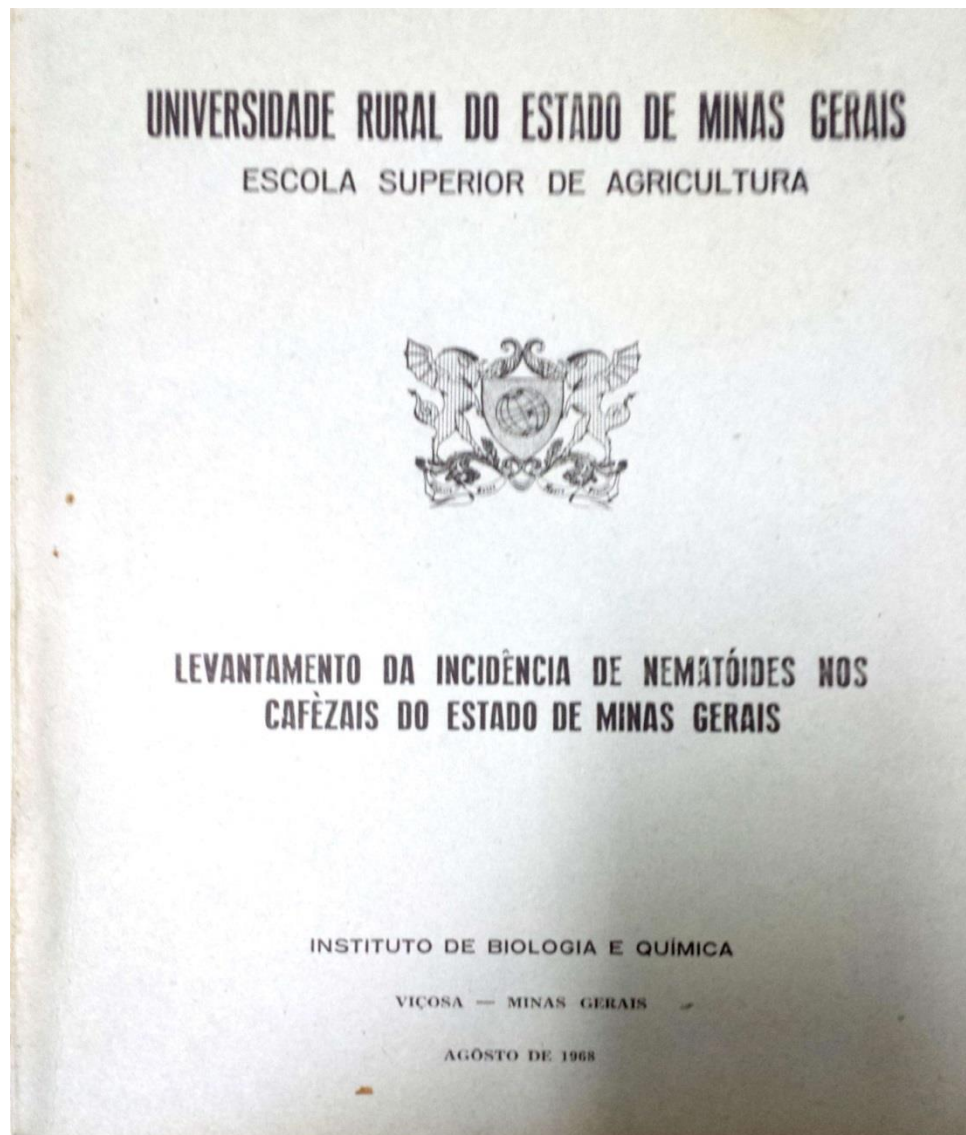


Figura 5: Boletim de Pesquisa encontrado no Arquivo Central e Histórico UFV (ACH/UFV) (1968).

A Fundação Ford escolhia o campo em que os pesquisadores deveriam realizar os cursos de pós-graduação. De acordo com Rocha (2015, p. 79), as diretrizes para a atuação da Fundação Ford eram programadas de acordo com as “normas internacionais de investigação científica, de tal modo que ela definia os temas de pesquisa de acordo com a agenda científica dos centros mundiais. Assim, havia um interesse no âmbito internacional nas ciências sociais.”¹⁴². Para a instituição donatária, principalmente, que enfrentava problemas financeiros, como era o caso da UREMG, o investimento de instituições internacionais na Universidade era importante para seu crescimento institucional, o que fez com que a instituição adotasse suas recomendações.

¹⁴² Na década de 1950 a UNESCO lançou projetos para investigar as trajetórias sociais e intelectuais dos pesquisadores dessa área (ROCHA, 2015).

No quadro a seguir apontamos algumas das pesquisas que foram realizadas com a participação de recursos doados pela Fundação Ford.

Tabela 6 – Pesquisas desenvolvidas por bolsistas nos anos de 1960 e 1970.

Ano	Nível	Área de pesquisa	Título do trabalho	Bolsista
1966	Mestrado	Ciência do solo.	Não encontrado	Mauro Resende
1969	Doutorado	Nutrição de Plantas.	Manganese toxicity as related to available forms in the soil	Pedro Henrique Monnerat
1969	Mestrado	Engenharia de Irrigação.	Não encontrado	Salassier Bernardo
1970	Doutorado	Animal Science Monogastric Nutrition.	Evaluation of the Protein Quality of Selected Varieties of Corn and Sorghum for Poultry	José Brandão da Fonseca
1970	Doutorado	Philosophy in Home Economics Education (Doutor em Filosofia em Educação em Economia Doméstica).	Não encontrado	Sonia da Silva
1970	Doutorado	Crescimento e Desenvolvimento Econômico.	An evaluation of methodology employed in the estimation of farm level production function.	Antônio Raphael Teixeira Filho
1970	Mestrado	Bioquímica	Não encontrado	Daison Olzany Silva
1971	Doutorado	Bioquímica e Nutrição Animal.	The digestion of nitrogenous constituents in forrage and forrage-cereal diets by adult sheep.	José Fernando Coelho da Silva
1971	Doutorado	Genética e Melhoramento de Plantas.	Não encontrado	Aquira Mizubuti
1972	Mestrado	Engenharia Agrícola, armazenamento de produtos (café).	Não encontrado	Tetuo Hara
1972	Mestrado	Science Forestry.	Kraft Pulping and Fiber Characteristics of Five Brazilian Woods.	José Lívio Gomide
1972	Mestrado	reproductive Physiology And Endocrinology.	The effect of testosterone on reproductive characteristics of puberal gilts.	Cyro Alexandre Alves Torres
1973	Doutorado	Patologia das Plantas.	The Pathogenicity of four plant parasitic	Silamar Ferraz

			nematodes on carnation, their interaction with fusarium oxysporum f. sp. Dianthi, and their control.	
1973	Doutorado	Criação de animais.	Não encontrado	Martinho de Almeida e Silva
1973	Doutorado	Economia Rural.	Não encontrado	Túlio Barbosa
1973	Doutorado	Genética e melhoramento.	Field and computer simulation studies of efficiency of single seed descent for improvement of self pollinated crops.	Vicente Wagner Dias Casali
1974	Mestrado	Forestry, (Mestrado em Silvicultura).	Effects of species and panel densities on properties of hardwood particleboard.	Benedito Rocha Vital
1974	Doutorado	Fisiologia.	Controlling Growth and Flowering of <i>Dicentra spectabilis</i> (L) Lem.	Luiz Carlos Lopes
1975	Doutorado	Philosophy.	Construction of standard volume tables for <i>Eucalyptus saligna</i> in the iron region of Brazil.	Francisco de Paula Netto
1975	Doutorado	Range Management, (Doutorado em Gerenciamento de alcance).	Growth and development of sideoats grama (<i>Bouteloua curtipendula</i>) as affected by seasonal clipping.	Rasmo Garcia
1976	Doutorado	Fisiologia Vegetal.	Purification and characterization of an anion-sensitive ATPase from <i>Avena sativa</i> roots.	José Cambraia
1976	Doutorado	Horticultura.	Studies on Extraction and Defuzzing Tomato Seeds (<i>Lycopersicon esculentum</i> , Mill.)	Roberto Ferreira da Silva
1976	Doutorado	Ciência do solo.	Não encontrado	Mauro Resende
1976	Doutorado	Fitopatologia.	Studies of plasmids in plant pathogenic bacteria. I. Conjugation plasmid transmission and plasmid - promoted chromosome mobilization in <i>pseudomonas phaseolicola</i> and	Walter Vieira Guimarães

			erwinia chrysanthemi. ii. Effects of plasmids on physiology and pathogenic of e. Chrysanth	
1977	Doutorado	Agricultural Economics (Economia Agrícola).	Não encontrado	Antônio Lima Bandeira
1979	Doutorado	Ciência do solo.	Crescimento e concentração de nutrientes foliares de eucaliptos grandes em relação às propriedades no sul da Florida.	Nairan Felix Barros
Não encontrado	Doutorado	Economia Rural	Não encontrado	Hélio Tollini
Não encontrado	Doutorado	Economia Rural.	Não encontrado	Euter Paniago

Fonte: Informações contidas em cartas, telegramas e relatórios trocados entre a UREMG/UFV e a Fundação Ford, selecionados no Arquivo Central e Histórico/UFV (ACH/UFV).

Identificamos que foram realizadas pesquisas em várias áreas da agricultura, da pecuária e também da economia, essa diversificação deve-se principalmente a característica democrática da Fundação Ford no financiamento de pesquisas. A Ford era contra “a implantação de uma rígida divisão disciplinar de áreas de atuação, aspecto considerado problemático na atuação da Fundação Rockefeller” (CHAVES, 2011, p. 29). Desse modo, a Fundação estabeleceu programas temáticos, todos voltados para as preocupações das ciências sociais aplicadas.

Considerações finais:

Analisamos a atuação da Fundação Ford na atual Universidade Federal de Viçosa, através de fontes primárias do Arquivo Central e Histórico da UFV. A Fundação atuou prioritariamente na concessão de recursos para a expansão dos programas de pós-graduação da Universidade, através de diversos investimentos financeiros.

Em todas as doações realizadas, a Fundação estipulou as áreas para investimento e o valor a ser aplicado em cada uma delas, valores esses que não poderiam ser remanejados para outras áreas sem prévia autorização. Todas as doações foram pagas em parcelas trimestrais ou anuais e a liberação da parcela seguinte estava vinculada à análise dos relatórios (financeiro e narrativo) informando os gastos. Desse modo, a

parceria entre a Universidade e a Fundação Ford tinha orientações bem definidas, os recursos seriam doados para a criação e expansão de programas de pós-graduação em determinadas áreas do conhecimento, como a Economia Rural.

O interesse pelo campo da pós-graduação tinha como intuito a formação de intelectuais para disseminar, em campos específicos do conhecimento, os ideais econômicos, políticos e culturais estadunidenses. A escolha da Universidade Federal de Viçosa como donatária não foi por acaso, a instituição, com raízes estadunidenses devido ao modelo de ensino adotado e o estilo essencialmente agrícola, era propícia à influência estadunidense.

Pelas fontes consultadas, a Fundação Ford honrou o seu compromisso selado na Resolução 644 que estabeleceu o convênio com o Estado de Minas Gerais em 1964. No entanto, o governo do Estado de Minas Gerais, que assumiu um compromisso de investir o mesmo valor financeiro que a Fundação Ford, não o fez. A participação da Fundação Ford na UREMG foi essencial para que a Universidade Federal de Viçosa se tornasse referência em pesquisas e em trabalhos de extensão na agricultura e pecuária de Minas Gerais e do Brasil. Da mesma forma, o processo de colonização estadunidense, encontrou na UREMG terras férteis para a disseminação do *american way of life*. Não pudemos identificar, nas fontes consultadas, se havia tentativas de subverter o projeto de expansão capitalista que se implantava simultaneamente à construção de prédios e laboratórios na Universidade. Quem eram os professores merecedores de complementação salarial? Quem eram os não contemplados com bolsas e auxílios? A distinção entre estes grupos era apenas técnica, ou também política? Em que medida os Estados Unidos conseguiram lançar aqui suas sementes num processo de neocolonização e em que medida houve resistências a este processo? Ficam aqui sementes para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, ANTHONY B. Da Produção Agrícola ao Desenvolvimento Sustentável. In. BROOKE, Nilge, WITOSHYSNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil, uma parceria para a mudança social = The Ford Foundation's 40 Years in Brazil: A Partnership for social Change**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002.

AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: Editora UNESP, 2002

AZEVEDO, Cecília. Regenerando a alma americana: Os Corpos da Paz na América Latina. **Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC**. São Paulo, 1998. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/cecilia.pdf> Acesso em 24 fev. 2017.

BROOKE, Nilge. O Escritório da Fundação Ford no Brasil, 1962-2002: Um Apanhado Histórico. In. BROOKE, Nilge, WITOSHYSNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil, uma parceria para a mudança social = The Ford Foundation's 40 Years in Brazil: A Partnership for social Change**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação Ford, 2002.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O Brasil e a recriação da questão racial no pós-guerra: um percurso através da história da Fundação Ford**. Tese de Doutorado, 2011. Universidade de São Paulo.

FALLEIROS, Ialê. PRONKO, Marcela Alejandra. OLIVEIRA, Maria Teresa Cavalcanti de. Fundamentos históricos da formação/atuação dos intelectuais da nova pedagogia da hegemonia. In. NEVES, L.M.W. (Org.). **A direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2010.

FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de Moraes; ARAUJO, Maria Paula e QUADRAT, Samantha Viz. (Org.). Ditadura e Democracia na América Latina. Balanço Histórico e Perspectivas. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2008. 396 p.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília, 2ª edição: Liber Livro Editora, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995. Págs. 59-90.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1999.

GRAMSCI, Antônio. **Temas de Cultura. Ação católica. Americanismo e Fordismo**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001. Pp. 241-282.

GRANDIN, Greg. **Fordlândia - Ascensão e Queda da Cidade Esquecida de Henry Ford na Selva**. Tradução de Nivaldo Montingelli Jr. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

HARVEY, David. A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX, p.117-184. In. HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. SP, Edição Loyola. 2009, 18º ed.

JOHNSON, Allan G. Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1997.

MICELI, Sérgio. A Aposta numa Comunidade Científica Emergente. A Fundação Ford e os Cientistas Sociais no Brasil, 1962-1992. In. MICELI, Sérgio (coord.). **A Fundação Ford no Brasil**. São Paulo, Sumaré/Fapesp. 1993.

SILVA, Vicente Gil da. **A Aliança para o Progresso no Brasil: de Propaganda Anticomunista à Instrumento de Intervenção Política (1961-1964)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2008.

ROCHA, Ednéia Silva Santos. **A Fundação Ford e o Fomento para Instituições Estratégicas e Lideranças Acadêmicas no Brasil: Análise sobre a parceria com a Fundação Getúlio Vargas**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas/São Paulo, 2015.

VICENTE, Maximiliano Martin. **A Crise do Estado de bem-estar social e a globalização: um balanço**. Editora UNESP. 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/b3rzk/pdf/vicente-9788598605968-08.pdf>> Acesso em 11 de setembro 2016.

WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 37- 43, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200006> Acesso em 26 de setembro 2016.

FONTES

Carta do Diretor da Escola Superior de Agricultura a Fundação Ford. 22 de novembro de 1960. **ACH/UFV**.

Carta do Sr. Stacey Widdicombe, representante em exercício da Fundação Ford, ao reitor da UREMG, Flamarion Ferreira. 30 de maio de 1963. **ACH/UFV**.

Carta enviada pelo representante da Fundação Ford, Reynold E. Carlson ao reitor da UREMG Dr. Edson Postch Magalhães. 16 de novembro de 1964. **ACH/UFV**.

Carta da Fundação Ford, ao reitor da Universidade Federal de Viçosa Edson Postch Magalhães. 28 de setembro de 1970. **ACH/UFV**.

Carta de Norman W. Macleod da Fundação Ford, ao reitor da Universidade Federal de Viçosa Edson Postch Magalhães. 01 de outubro de 1970. **ACH/UFV**.

Carta de Willard J. Hertz, Assistente Secretario da Fundação Ford, ao reitor da Universidade Federal de Viçosa Professor Antônio Fagundes de Sousa. 18 de outubro de 1976. **ACH/UFV**.

Histórico CEPET. Disponível em: <http://www.cepet.ufv.br/?area=historico>. Acesso em 03 março de 2017.

MINAS GERAIS. Resolução 644. **Autoriza o Governo do Estado a celebrar convênio com a Fundação Ford. 11 dezembro de 1964**. Disponível em: [inker.lexml.gov.br/linker/processa?urn=urn:lex:br:minas.gerais:assembleia.legislativa:reolucao:1964-12-](http://www.lexml.gov.br/linker/processa?urn=urn:lex:br:minas.gerais:assembleia.legislativa:reolucao:1964-12-11;644&url=http%3A%2F%2Fwww.almg.gov.br%2Fconsulte%2Flegislacao%2Fcompl)

[11;644&url=http%3A%2F%2Fwww.almg.gov.br%2Fconsulte%2Flegislacao%2Fcompl](http://www.almg.gov.br%2Fconsulte%2Flegislacao%2Fcompl)

eta%2Fcompleta.html%3Ftipo%3DRAL%26num%3D644%26comp%3D%26ano%3D1964&exec. Acesso em 01 de março de 2017.

PERSONAGENS e pioneiros da UFV. Disponível em: <http://www.personagens.ufv.br/?area=cronologia>. Acesso em 03 de março de 2017.

Quinto Relatório Anual e Final (1 de dezembro de 1968 a 30 de novembro de 1969). Concessão da Fundação Ford à UREMG. Enviado pelo reitor da Universidade Dr. Edson Postch Magalhães a Fundação Ford. Fifth Annual and final Report (December 1, 1968 to November 30, 1969) Ford Foundation Grant to UREMG (Grant n° O.D.-1573). Edson Postch Magalhães- Rector. **(tradução nossa) ACH/UFV.**

Telegrama do assistente da Fundação Ford, John E. Granger, ao reitor Edson Postch Magalhães da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. 21 de março de 1968. **ACH/UFV.**

CONCLUSÃO GERAL

Esta pesquisa teve, como objetivo geral, conhecer a participação da Fundação Ford na constituição do que é hoje a Universidade Federal de Viçosa. Para isso, iniciamos o percurso conhecendo a atuação das agências estadunidenses no Brasil. Vários fatores levaram a uma busca de disseminação do *american way of life* pelo mundo, em especial, os países menos desenvolvidos economicamente. Esta forma de neocolonização cultural, econômica e militar se tornou ainda mais intensa com a Guerra Fria e o temor da expansão comunista. Quando Cuba aderiu ao modelo comunista em 1959, os EUA se alvorçaram na busca por aliados na América Latina. O Brasil era um país estratégico pela sua dimensão territorial, posse de matérias primas importantes na indústria, localização geográfica e potencial econômico. Ademais, era um país ávido por modernização e desenvolvimento. Era, portanto, uma terra fértil para os interesses estadunidenses que firmaram vários convênios com instituições brasileiras em áreas consideradas estratégicas para ambos. Educação e agricultura eram algumas destas áreas e elas estavam diretamente relacionadas à Universidade Federal de Viçosa, criada em 1922, como ESAV: Escola Superior de Agricultura e Veterinária.

A UFV passou por várias crises financeiras ao longo da sua história. Num destes momentos, de ESAV foi transformada em UREMG- Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (1948), período em que mais recebeu apoio financeiro de agências estadunidenses, até a sua federalização em 1969. O contato com instituições dos EUA existiu desde o início da instituição, que adotou o modelo dos *Land Grant Colleges* com

uma formação menos bacharelesca, mais técnica que articulava ensino, pesquisa e extensão e tinha uma proposta bem pragmática de atuação. A Universidade já tinha, portanto, um amplo canal de comunicação com instituições dos EUA, especialmente com a Universidade de Purdue. Daí não foi difícil compreender porque Viçosa recebeu tanto apoio financeiro de diversas agências estadunidenses interessadas em ampliar suas influências na educação e na agricultura brasileiras. Acreditamos que tais convênios foram a “salvação da lavoura”, ou seja, da própria universidade, já que o Governo do Estado de Minas Gerais não custeava suas despesas e que a formação de professores, criação de laboratórios e até a principal biblioteca da UFV foi realizada com os valores destes financiamentos.

Em relação à Fundação Ford, no convênio assinado em 1964 e que teria duração de 5 anos, pudemos perceber que a Fundação definia claramente os valores e áreas em que os recursos seriam aplicados, exigia relatórios anuais para prestação de contas e chegou a construir uma casa na Universidade para que seus membros pudessem acompanhar de perto as atividades desenvolvidas pela Fundação na Universidade. É inegável que estes recursos foram de suma importância para o crescimento e manutenção da Universidade e fizeram a diferença especialmente no âmbito dos estudos e pesquisas sobre agricultura. O fim das doações só aconteceu em 1976, bem depois do previsto pelo convênio. O Governo de Minas Gerais que assumiu doar o mesmo valor financeiro que a Fundação Ford para a Universidade não cumpriu com a sua parte no acordo. Com novas áreas de interesse a Fundação Ford e outras agências estadunidenses deixaram a UFV para conquistar novos territórios. Deixaram aqui fortes aliados, uma história de colonização cultural e científica que perdurou por mais de uma década. Que efeitos tiveram estes convênios no modelo de ensino, nas pesquisas realizadas? Mudaram os métodos? Mudaram os conteúdos? Que impressão traziam os professores de seus processos formativos nos EUA? Quais os critérios para um professor receber suplementação salarial? Para se formar nos Estados Unidos? Quem definia tema e local de formação? Havia simpatizantes do comunismo na Universidade? Como eram tratados?

Estas e outras perguntas nos levam a pensar sobre os efeitos destes convênios no cotidiano da Universidade e da cidade de Viçosa. São sementes para novas pesquisas que precisam de mais tempo e novas fontes para fecundarem.